UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRAUDAÇÃO
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES - PROFARTES

PAULO DE QUEIROZ MARTINS

ANTÍGONAS POSSÍVEIS:
DRAMATURGIAS NA SALA DE AULA COMO EXPERIÊNCIAS DE CONVÍVIO

MANAUS
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRAUDAÇÃO
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES - PROFARTES

PAULO DE QUEIROZ MARTINS

ANTÍGONAS POSSÍVEIS:
DRAMATURGIAS NA SALA DE AULA COMO EXPERIÊNCIAS DE CONVÍVIO

Dissertação apresentada à Banca para Exame Final junto ao Mestrado Profissional em Artes-PROFARTES como requisito para a obtenção do título de Mestre em Artes.

Linha – Abordagens teórico-metodológicas das práticas docentes.

Orientador: Profa. Dra. Eneila Almeida dos Santos

MANAUS
2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRAUDAÇÃO
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES - PROFARTES

PAULO DE QUEIROZ MARTINS

ANTÍGONAS POSSÍVEIS: DRAMATURGIAS NA SALA DE AULA COMO EXPERIÊNCIAS DE CONVÍVIO

Dissertação apresentada à Banca para Exame Final junto ao Mestrado Profissional em Artes-PROFARTES como requisito para a obtenção do título de Mestre em Artes. Linha – Abordagens teórico-metodológicas das práticas docentes.

Aprovado em: / /

BANCA EXAMINADORA

_____
Presidente e Orientador: Profa. Dra. Eneila Almeida dos Santos

_____
Membro: Prof(a) Dr(a) Rosemara Staub de Barros

_____
Membro: Prof(a) Dr(a) Gislaine Regina Pozzetti

_____
Suplente: Prof. Dr. Renato Antônio Brandão Medeiros Pinto

_____
Suplente: Prof(a) Dr(a) Vanessa Benites Bordin

MANAUS
2023

ANTÍGONAS POSSÍVEIS: DRAMATURGIAS NA SALA DE AULA COMO EXPERIÊNCIAS DE CONVÍVIO

Paulo de Queiroz Martins

Mestrando/a
Eneila Almeida dos Santos
Orientadora

RESUMO: Quantas “Antígonas” são necessárias para a autoconstrução do ser-humano? Do docente? Do pesquisador? Do estudante? Quais as possibilidades de exercitar a criação poética e crítica a partir da construção de uma dramaturgia baseada no convívio e na troca de experiências pessoais socializadas em sala de aula? O presente trabalho, pretende buscar as respostas a estas perguntas e organizá-las como uma metodologia de ensino de dramaturgia para os Anos Finais do Ensino Fundamental. Para alcançar tal objetivo partirei de minhas experiências pessoais de autoconstrução, em convívio, relacionando-as aos conceitos propostos por Dubatti e Bondía. Paralelamente, descreverei as experiências em sala de aula com duas turmas do 9º ano do ensino fundamental, durante o percurso de experimentação da proposta metodológica sob minha mediação. A pesquisa foi afetada pelo período pandêmico no qual o tecnovívio substituiu o convívio trazendo consequências que serão apontadas devido à sua relevância dentro do processo.

Palavras-chave: Dramaturgia,Convívio,Ensino de Teatro. Experiência

ABSTRACT: ABSTRACT: How many “Antigones” are necessary for the self-construction of the human being? Of the teacher? Of the researcher? Of the student? What are the possibilities of exercising poetic and critical creation from the construction of a dramaturgy based on living together and exchanging personal experiences socialized in the classroom? The present work intends to seek the answers to these questions and organize them as a dramaturgy teaching methodology for the Final Years of Elementary School. To achieve this objective, I will start from my personal experiences of self-construction, in conviviality, relating them to the concepts proposed by Dubatti and Bondía. At the same time, I will describe the experiences in the classroom with two classes of the 9th grade of elementary school, during the period of experimentation with the methodological proposal under my mediation. The research was affected by the pandemic period in which techno-living replaced conviviality, bringing consequences that will be pointed out due to its relevance within the process.

Keywords: Dramaturgy, Conviviality, Theater Teaching. Experience.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:.....6

CAPÍTULO I - PÁRODO (Entrada do coro) 10

1.1 NO MEIO DO CAMINHO HAVIA UMA ANTÍGONA. HAVIA UMA ANTÍGONA NO MEIO DO CAMINHO.....10
1.2 ANTÍGONAS DO MEU QUINTAL.....11
1.3 ANTÍGONAS QUE ENCONTREI NA ESCOLA.....15
1.4 ANTÍGONAS DOS PALCOS.....19
1.5 LEGADO DAS ANTÍGONAS.....20

CAPÍTULO II - EPISÓDIOS (cenas no palco, entre os cantos corais, com os atos que constituíam a intriga) 22

2.1 QUEM É ANTÍGONA?.....24

2.2 AS PERSONAGENS.....25

2.2.1 UMA ESCOLA CHAMADA TEBAS.....25

2.2.2 ANTÍGONA(S).....27

2.2.3 CREONTES.....28

2.2.4 TIRÉSIAS.....31

2.2.5 ISMÊNIA(S).....35

2.2.6 O CORO.....36

2.2.7 HÉMON 37

CAPÍTULO III - ESTÁSIMOS (trechos líricos executados pelo coro) 38

3.1 - CANTO 1- Pressupostos norteadores 38

3.2 – CANTO 2 - Os possíveis caminhos para as possíveis Antígonas.....42

3.2.1 CONTEÚDO PROGRAMÁTICO 43

3.2.2 CONVíVIO 44

3.2.3 - PROCESSO DE CRIAÇÃO DRAMATÚRGICA 47

3.2.4 – CANTO 3 – OS VERSOS 50

3.3 OLHARES E VOZES DE POSSÍVEIS ANTÍGONAS 54

EPÍLOGO (desenlace ou desfecho).....156

1- INTRODUÇÃO

PRÓLOGO (introdução e preparação para a entrada do coro)

Este trabalho poderia ser uma dissertação, mas não é o que pretendo, prioritariamente, fazer. Antes, pretendo com ele dar a conhecer de maneira poética e sensível o que foi este processo, estas experiências de convívio, também poéticas e sensíveis, sobre as quais a linguagem escrita aqui utilizada ainda carecerá de ferramentas para descrever com verdade.

Quando falo da dificuldade de escrever com verdade não quero dizer que minto. O que afirmo é não há uma só verdade e sim várias. E dissertar sobre verdades que só existem enquanto existem, como as experiências de convívio aqui retratadas, não é processo fácil e exige um esforço hercúleo na tentativa de, transcrevendo para um sem-número de páginas, dar a saber o que só o sabe quem viveu.

Portanto, não quero aqui dissertar. Antes, pretendo trazer um relato destas experiências que acontecem e são observadas sob diversos pontos de vista: o do docente que se reconstrói enquanto revisita seu processo de autoconstrução, o dos estudantes que se aventuram na descoberta de si mesmos enquanto investigam e constroem o próprio conhecimento e o das teorias que me servem de estudo e pesquisa.

O exercício da docência, da pesquisa e do fazer artístico exigem o comprometimento, a compreensão e a revisitação constante da própria história daquele que se propõe a tal exercício visto que, estas funções ou atribuições, não estão dissociadas e são frutos do que as antecede historicamente. Todo docente já foi estudante. Todo pesquisador já foi sujeito de pesquisa de alguém, ainda que empiricamente. Todo artista já foi pesquisador de sua estética e poética.

Para além desta autoanálise, é preciso também um olhar atento ao contexto de ensino-aprendizagem no qual se está inserido levando em conta tanto as condições estruturais quanto as diferenças individuais e culturais de cada personagem deste contexto: escola, estudante, sistema de ensino.

Revisitando minha própria história e percebendo o que me construiu enquanto docente-artista-pesquisador, identifico elementos que me foram extremamente

relevantes dos quais não encontro equivalentes neste atual momento dentro da escola em que leciono: a apreciação estética, a prática artística e a leitura de histórias escritas, contadas ou encenadas no convívio familiar, escolar e artístico que me permitiram escrever e/ou reescrever a minha História e criar outras a partir destas vivências. Para além desta falta de equivalência, percebo que, diante das transformações que o progresso nos impõe, algumas experiências parecem estar inacessíveis aos estudantes participantes desta pesquisa e, portanto, proponho uma prática que propicie uma alternativa de preenchimento desta lacuna no que tange ao ensino de Teatro.

Minha percepção sobre o ensino de Teatro, na escola onde leciono, com todas as suas lacunas e dificuldades impostas, me incitaram a buscar uma alternativa que me permitisse potencializar a minha prática docente, a fim de possibilitar o exercício da criação poética e artística e a análise crítica do mundo, por meio da dramaturgia, valorizando a autonomia de cada estudante neste processo.

Assim sendo, pensar a construção de uma metodologia de Ensino de Dramaturgia, me instiga a reabrir as páginas de minha própria história a fim de entender como as experiências por mim vividas influenciaram no percurso que me trouxe até aqui, as motivações de minhas escolhas teóricas, práticas e poéticas no meu exercício artístico e como estas se relacionam com minha prática docente.

Para elaborar tal metodologia, pretendo responder algumas perguntas que penso serem pertinentes na construção dela: Pode o convívio ser o ponto de partida para uma construção dramatúrgica? Será o convívio o principal motor para a compreensão dos dilemas humanos que se transformarão em Dramaturgia? Como estimular o convívio em sala de aula? Aquilo que se nos passa/passou pode, enquanto memória, fornecer material para a criação dramatúrgica? Como elaborar uma metodologia de ensino de dramaturgia que seja baseada nesta experiência de convívio? Como elaborar uma metodologia que se sustente nessa tríade?

Como base para as reflexões teóricas sobre esta autoconstrução e sobre a prática proposta aproprio-me de Dubatti, Bondía e Beatriz Cabral como os referenciais principais pelos conceitos que ambos propõem em relação ao convívio, à experiência e ao Drama como método de ensino. Além destes, busco a obra de Paulo Freire e sua Pedagogia da Autonomia a fim de referendar os pensamentos que me servem de direcionamento para as práticas em sala de aula. Diálogo ainda

com outros autores como Tardiff, Nóvoa, Dewey, Soler, Ryngaert e Telles sobre Poética, Dramaturgia, Estética e Ensino de Teatro, mas este é o tripé sobre o qual apoiarei minha pesquisa.

No tocante à Metodologia proposta, a pesquisa trata-se de uma pesquisa-ação, que me insere definitivamente em seu contexto, tanto como agente ativo e provocador de uma experiência educacional quanto como agente passivo, que se questiona e se retroalimenta dentro deste processo. O entendimento de que esta via de mão dupla é fundamental para este estudo, se apoia em teóricos que também serão discutidos e é fator crucial nas direções que esta pesquisa poderá vir a tomar.

A escolha deste clássico da Dramaturgia grega se dá por percebê-la presente em diferentes momentos de minha história que foram determinantes e que relatarei mais adiante. Outro fator relevante para a escolha desta obra é a percepção de uma possibilidade de identificação que os estudantes poderiam sentir e que percebo coerente a partir de minha observação pessoal dos perfis de tais alunos.

Acredito que com este trabalho posso contribuir de maneira significante para o ensino de dramaturgia no ensino fundamental, auxiliando outros docentes/pesquisadores em seus processos de ensino. Para além desta contribuição, penso que o relato aqui apresentado pode contribuir com a pesquisa sobre práticas docentes em seus mais variados segmentos.

É certo que este estudo se atém ao contexto de duas turmas do nono ano de uma escola pública. Entretanto, visto que não se pretende estatístico, penso que a delimitação do público participante da pesquisa é suficiente para atingir os objetivos propostos e, a partir da observação e análise dos resultados, assim espero, chegar a resultados satisfatórios.

Como estrutura metodológica da pesquisa, início fazendo uma revisitação da minha história de vida alinhando-a aos autores que corroboram com a relevância desta história no processo de construção docente. Alinhada a esta auto narrativa, pretendo discorrer sobre os teóricos que me servem de referência, analisando os atuais estudos sobre as temáticas abordadas a saber: dramaturgia, experiência e convívio.

No capítulo I, farei um retrospecto de minhas experiências e influências artísticas, pedagógicas e poéticas relacionando-as ao personagem título deste trabalho e aos teóricos que corroboram com tais reflexões. Meu entendimento é de

que estas experiências são determinantes de minha prática docente e não posso dissociá-la, tampouco entender esta, sem lançar um olhar atento sobre aquelas.

A fim de contextualizar quais as razões de minhas escolhas, farei uso do memorial para refazer, junto com o leitor, a trajetória que inicia na minha infância e continua na minha prática docente.

No capítulo II abordarei, de maneira poética, a teoria que me serve de fundamentação para justificar a pesquisa e a metodologia escolhida.

Partindo do próprio enredo da tragédia que dá título a este trabalho, o capítulo se estrutura de maneira semelhante à estrutura trágica, relacionando os personagens deste estudo aos da tragédia de Antígona a fim de estabelecer desde já relações que se refletirão nas práticas pedagógicas.

Ao mesmo tempo, estabelecerei as relações entre o referencial teórico e a metodologia da pesquisa a fim de justificar minhas escolhas e os fundamentos da proposta pedagógica elaborada a fim de dar-lhe sustentação.

O capítulo III trará a prática pedagógica propriamente dita. Aqui deixarei sistematizado todo o processo desenvolvido, os conteúdos abordados e as práticas com os devidos comentários e observações.

Descreverei a metodologia de ensino, objeto final deste trabalho, organizando-a sistematicamente, com seus objetivos, métodos, práticas e resultados, como também possíveis lacunas a serem preenchidas na continuidade deste estudo.

Destaco que este trabalho não se pretende conclusivo. Antes é o relato de uma experiência e o início de um caminho que está longe de ser concluído visto que é passível de releituras, transformações e adequações tantas vezes quanto lhe sejam submetidas novas experimentações.

CAPÍTULO I

PÁRODO (Entrada do coro)

1.1 NO MEIO DO CAMINHO HAVIA UMA ANTÍGONA. HAVIA UMA ANTÍGONA NO MEIO DO CAMINHO

Revisitando minhas memórias desde a infância, percebo relações de convívio que foram cruciais no desenvolvimento do que apresentarei neste trabalho as quais passarei a narrar sem obedecer, necessariamente, a uma ordem cronológica. A escolha de uma narrativa não cronológica e sim poética deve-se a compreensão de que as experiências vividas foram mais relevantes do que o momento em que aconteceram visto que os momentos passaram, mas as experiências continuam reverberando naquilo que sou e no que posso vir a me tornar.

Não poderia deixar de me valer das palavras de Dewey para esclarecer, mesmo que pontualmente, qual a visão de experiência descrevo:

> A experiência ocorre continuamente, porque a interação do ser vivo com as condições ambientais está envolvida no próprio processo de viver. Nas situações de resistência e conflito, os aspectos e elementos do eu e do mundo implicados nesta interação modificam a experiência com emoções e ideias, de modo que emerge a intenção consciente. (DEWEY,2010. p.109)

As experiências vividas não são determinantes no sentido de acabadas, fechadas, não-passíveis de releitura e reinterpretação. Ao invés disso, são parte de algo que se inicia e caminha enquanto caminha a própria vida, e nesta se aperfeiçoa, se multiplica, se renova. O próprio ato de escrever sobre estas memórias não é senão uma experiência que se constrói enquanto escrevo.

Inicio a narrativa tratando das primeiras experiências estéticas e teatrais que tive no âmbito familiar, escolar e artístico a fim de traçar um panorama do quão relevante foram para a construção dos caminhos que trilhei até aqui e dos que pretendo trilhar.

Poeticamente, relacionarei estas histórias ao personagem que dá título a este trabalho a fim de que fique mais clara a escolha de tal personagem como agente provocador da prática proposta posteriormente na sala de aula.

Antígona, de Sófocles, é a jovem que, deliberada e corajosamente, se coloca em oposição e confronto direto e fatal ao poder de Creonte para dar ao seu irmão, Polinice, o túmulo a que todo mortal tem direito, ainda que, por decreto de Creonte,

seja condenada à morte. Corajosa, fiel e ciente de seu papel cidadão, Antígona não se acovarda diante do próprio destino. Antes, encontra neste a motivação que a leva a não se omitir.

Hoje, refletindo, percebo ligações desta personagem com personagens reais que cruzaram meu caminho e, que de maneira tão corajosa quanto a personagem fictícia, me causaram transformações profundas e me proporcionaram experiências transformadoras pela forma corajosa e combativa com que agiram.

Se trago estes relatos é por entender que são estes encontros que possibilitam ao indivíduo novos olhares e percepções acerca do mundo ao seu redor despertando-lhe a visão crítica e, ao mesmo tempo, poética do mundo.

1.2 ANTÍGONAS DO MEU QUINTAL

Uma tarde de sol como tantas outras que viriam posteriormente, estávamos deitados no chão de barro do quintal de casa sob a imensa copa da mangueira: eu, minhas irmãs e os filhos da vizinha. Naquele tempo, meados dos anos 1970, era normal deitar-se no chão de barro do quintal sem medo de sujar a roupa. Larossa e sua reflexão sobre o saber da experiência não estava. Dubatti tampouco se fazia presente explicando o convívio que nos unia.

Talvez estivessem me observando escondidos e escrevendo sobre a minha experiência mesmo sem o meu consentimento. Irônico que hoje, para descrevê-la, tenha eu que ter o consentimento para utilizar as palavras deles sobre a experiência minha. Mas....sigamos.

Ali...de peito para cima...fitava os raios de sol que escapavam por entre as folhas e me atingiam os olhos. Movia a cabeça lentamente tentando colocar os olhos sob as sombras de cada folha que, freneticamente bailavam ao vento tornando minha missão impossível. É indescritível o prazer que aquilo me causava. Uma mangueira apenas. Um chão de barro e só.

Entretanto aquilo tudo vinha carregado de uma beleza que jamais conseguirei descrever. A beleza era o vento soprando, as folhas balançando o sol a brilhar e o total estado de entrega no qual eu me encontrava.

> Isso significa que o sentido de beleza é percebido e não racionalizado, através da experiência estética. Assim, beleza não é uma coisa ou simplesmente uma ideia. Ela não se esgota na reflexão metafísica. Beleza é

> experiência sentida em cada indivíduo, em cada contexto. Ela é um estado emocional, não uma realidade ou verdade racional. (FARIAS,2008, p.18)

Naquele momento nem mesmo minhas irmãs e os filhos da vizinha estavam ali. Éramos só eu, o sol, o vento, o chão de terra e a mangueira, mas era muito mais que isso. Era o princípio do deslumbramento. Era a semente do sonho. Era a raiz do impossível.

Mesmo que não soubesse muito bem o que se passava, sabia que algo se me passava. Ali, naquele pequeno universo, bem poderia, se estivesse me olhando, Larossa, ter escrito as palavras que hoje entendo perfeitamente:

> Em qualquer caso, seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial. (BONDÍA,2002, p.24).

Todos os sentidos abertos, livres, conectados, atentos a tal ponto que agora mesmo se reconectam e reproduzem aquela experiência. Estava só em minha experiência, mas a dividia com cada um deles pelo fato de ter sido no nosso convívio que cada canto do quintal tomou outro sentido. Meu olhar observador era a atenção construída em nossas brincadeiras naquele nosso pequeno universo.

Era nesse mesmo quintal que nos meses de junho da minha infância minha mãe reunia a família, os amigos e vizinhos e comemorávamos as festas juninas com tudo que as festas juninas da minha infância tinham direito: fogueira, fogos de artifício, comidas típicas, simpatias, quadrilhas e danças folclóricas nas quais, nós irmãos e nossos amigos, tivemos oportunidade de participar em algum momento de nossa infância e adolescência.

Mas era também durante estas festas dedicadas aos Santos que acontecia algo que, penso eu, tenha despertado em mim o interesse pelo Teatro. Um fato que começou a despertar em mim sensações que àquela época eu não conseguiria obviamente identificar, mas que, hoje, fazem total sentido.

Minha mãe e minhas tias encenavam todos os anos (sempre cedendo aos insistentes pedidos nossos) uma pequena comédia cujo roteiro e algumas falas elas já conheciam, mas que vinha sempre carregado de um improviso que a tornava tão nova a cada ano quanto havia sido no ano anterior.

Uma mãe preparava sua filha para seu primeiro dia de escola e, com um sotaque caipira misturado ao caboclo, nos fazia dar gargalhadas enquanto nos amontoávamos ao redor delas como se fosse sempre a primeira vez.

Lembro com exatidão como me colocava diante delas e como observava cada gesto, cada olhar, cada palavra, cada movimento como se aquilo tudo fosse um coro de vozes diferentes que se juntavam para produzir uma única canção.

Nada me tirava a atenção daquele momento. Minha mãe, compenetrada, era um mistério para mim quando se transformava em mãe de minha tia e, com tanta verdade, se deslocava para aquele mundo no qual eu insistia a todo custo em penetrar, em fazer parte.

Minha tia Mariinha fazia a filha mal-educada, resmungona, comilona que levava para o "lanchinho" na escola um pão de meio quilo e nos fazia rolar de rir. Aquele lugar que se criava naquele momento já não era mais nosso quintal. Era um lugar que estava muito além da minha compreensão, mas que aguçava minha curiosidade.

Outra apresentação que as mulheres da família de minha mãe faziam era a encenação de uma música cuja autoria não conheço, mas que elas repetiam sempre vestidas a caráter e dando vida aos personagens:

> "Bastião a Bastiana minha gente, viemo lá do sertão, inté que saímo vivo minha gente cum tanta atrapaiação.
> Na cidade é só baruio e correria, apitos e confusão, astromóvi briga cum bonde minha gente e bonde cum caminhão.
> Nós cumpremo dois sorvete inspetado daqueles de si chupá, Bastiana butô no fogo minha gente, prumódi bixo isquentá
> Bastião num conta nada Bastião di tudo que aconteceu, esse hômi é meu marido minha gente é mais besta do que eu". (Informação verbal) [1]

Nesse momento sempre uma delas se caracterizava como homem e, entre trejeitos e risos incontidos delas próprias, me faziam imaginar o quão prazeroso aquilo poderia ser. Consigo hoje enxergar, dava-se aí o início de minhas experiências com o universo artístico que me trouxe até aqui. Sempre no quintal de casa, com a família reunida, em convívio. Todos juntos participando de maneiras diferentes é claro, de uma mesma experiência que ano a ano se modificava embora alguns elementos nunca tenham mudado como não mudou o som da música que ainda ecoa na minha memória.

Longe de um saudosismo, o que tento ilustrar aqui é a diferença que este convívio fez em minha formação e que percebo, faz falta aos jovens aos quais ensino como bem explicita Dubatti:

> ...apesar de seu posto avançado colossal, a tecnossobrevivência falhou em sua tentativa de substituir o convívio. Descobrimos que o *tecnovívio* pode nos oferecer muitas experiências bonitas, mas não pode substituir as experiências que o convívio nos oferece. Ele tentou e não deu certo. (REVISTA CONTINENTE,2020)

De acordo com Dubatti, convívio é toda relação não mediada pela tecnologia e tecnovívio a que se dá através das tecnologias. Destaco este ponto por perceber a distância entre os modos de relação presentes em minha infância dos que permeiam as vivências dos meus alunos e pelas marcas que o momento pandêmico pode deixar no pós-pandemia devido ao isolamento territorial que nos impõe.

> ...há uma questão fundamental que destaca as diferenças entre cultura de convívio e cultura tecnovivial. Por que a cultura tecnovivial não foi restringida? Porque não é contagiosa. As reuniões territoriais do corpo atual são contagiosas. É o melhor elogio que lhes podemos fazer: o contágio – como o entende Antonin Artaud, em O teatro e seu duplo – propõe uma zona da experiência humana que vai além da linguagem, que se conecta com a inefabilidade do espaço e da matéria. (Ibid)

Talvez tenha sido este contágio pelo convívio que me trouxe à sala de aula. Minha família toda sempre esteve às voltas com as Artes seja cantando no “coralzinho” da Igreja, seja nas festas juninas, seja nas danças folclóricas ou no violão que meu tio tocava as modinhas da época quando nos reuníamos. Eu mesmo dancei no tablado do Festival Folclórico Marquesiano a dança da Polônia. Era eu quem puxava a dança fazendo par com a Fabíola que hoje mora na Alemanha.

Iniciei a prática teatral aos oito anos, no ano de 1980, em uma participação em uma peça de um grupo de jovens do qual minha irmã fazia parte. Lembro perfeitamente do impacto e da transformação que aquela experiência me causou. A cena tratava sobre alcoolismo e eu interpretava o filho de minha irmã, cujo marido era alcoólatra e a espancava. De repente olho para minha irmã e a vejo chorando. Sabia que aquilo tudo era uma mentira, mas me impactou deveras que ela pudesse estar se colocando no lugar de outra pessoa de forma tão verdadeira.

Ao mesmo tempo lembro que eu refletia sobre o que eu estava ali levando à cena. Esta experiência me trouxe a certeza de que aquilo era o que eu queria e, mais ainda, de que aquilo que o teatro proporcionava era importante para mim e

para todos que pudessem assistir: a capacidade de enxergar o outro, colocar-se no lugar dele e analisar criticamente a nossa existência, a sociedade, e de que maneira elas interferem uma na outra. Evidente que esta foi a primeira vez em que pisei em um palco fazendo Teatro, mas percebo hoje que o artista, o pesquisador e o docente surgem lá no quintal onde olhava os raios de sol por entre as folhas ou onde via minha mãe e minhas tias apresentando as peças nas noites de São João.

1.3 ANTÍGONAS QUE ENCONTREI NA ESCOLA

Se este foi meu primeiro contato com o fazer teatral, no seio da família, por sorte não foi o único. Devo isso a algumas professoras que encontrei enquanto era ainda estudante e que, por meio de suas vivências e práticas docentes, me levaram a fortalecer este vínculo com a arte teatral. O Convívio com estas professoras, suas histórias de vida, suas ideias sobre o mundo, a educação e suas práticas em sala de aula me estimularam a descobrir o mundo que há pouco havia se apresentado aos meus olhos.

Poderia citar várias, mas, apaixonado por histórias que sou, me deterei a falar de algumas que, penso eu, tem forte influência em minha autoconstrução, seja pela influência que exerceram sobre minha prática docente ou pelas experiências que me proporcionaram enquanto estudante. Lembrá-las aqui é fundamental para que fique claro não só minha construção artística-docente, mas, também, para situar o leitor sobre quais influências são determinantes para minhas escolhas nesta pesquisa.

Ainda no ensino fundamental II, no Colégio Dom Bosco, tive uma professora de Língua Portuguesa chamada Sônia que também era atriz. Lembro que aquela foi a primeira atriz “de verdade” que conheci. Fazia parte de um grupo que não recordo o nome e, conhecê-la, me fez enxergar o teatro como profissão, como atividade que se podia exercer continuamente e que necessitava de estudo, busca e dedicação. Nunca cheguei a vê-la em cena, mas o simples fato de conhecer uma atriz me abriu um novo horizonte. Eles, os atores e atrizes de teatro, existiam de verdade. Não eram somente pessoas que eu via na TV e que me pareciam quase irreais.

Foi com ela, ou por meio dela, que pude “dirigir” (uso as aspas por entender a puerilidade daquela experiência), pela primeira vez, um espetáculo. Era uma comemoração na escola, não recordo muito bem de que se tratava, mas ela nos propôs em sala de aula que apresentássemos algo e eu prontamente me dispus a

participar. Eu e outros colegas não sabíamos muito bem o que faríamos até que me recordei de uma pequena cena que havia assistido em uma escola que estudara anteriormente e propus que nós a encenássemos. Proposta aceita, coube a mim, como o único que conhecia a cena a ser apresentada, dirigi-la.

Penso que essa experiência foi transformadora no sentido de me fazer compreender que a arte, para além do que eu lia nos livros, assistia na Tv ou ouvia nos rádios, era algo vivo e possível de uma maneira diferente da que eu vivenciara no quintal de casa. Se ali no quintal ela me parecia uma brincadeira que tinha data certa para acontecer, este contato me fez enxergar que poderia ser diferente: a Arte, especificamente o Teatro, não precisaria de data, poderia fazer parte do dia a dia, de uma vida, constituindo mesmo aquele que assim decidisse viver.

Faço uso das palavras de Fischer para traduzir o que, hoje entendo, descobri naquele contato: “A arte é o meio indispensável para essa união do indivíduo com o todo; reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e ideias. (FISCHER,1987, p.13)”. Não foi outra sensação que tive naqueles primeiros contatos “extra cercas do quintal”: a de que aquilo era indispensável, urgente e possível. Sônia era o nome da professora, nunca esqueci e, mesmo sem saber que rumo lhe reservou o destino, mantenho-a viva no meu fazer docente.

Outra Antígona que tive a felicidade de encontrar enquanto ainda era estudante chamava-se Rosa. Cheia de espinhos, como toda rosa o é, não deixava, no entanto, de ter a suavidade e beleza que só as rosas possuem. Encontrei Rosa quando fui aluno, na época, da Escola Técnica Federal do Amazonas – ETFAM (atualmente Instituto Federal Do Amazonas – IFAM), no ensino médio. Rosa era daquelas professoras que causavam um misto de emoções em quem a conhecia: respeito, admiração, medo e amor. Sim, Rosa era assim.

Pode soar um tanto estranho que se admire quem nos causa medo, mas posso explicar: se admirava, respeitava, amava Rosa era pela profissional de excelência que ela era. O medo, é o nome que dou à percepção do quão forte ela era. Rosa, com seus olhos, que arregalava quando queria enfatizar algo, não deixava espaços para dúvidas quanto ao empenho que dispensava ao ofício de ensinar. E não deixava que nenhum aluno ficasse para trás, não sem antes ter feito

o possível e o impossível para que ele percebesse a importância que o conhecimento teria em sua vida.

Mas, para além de ensinar o componente de Organização Social e Política do Brasil (OSPB), Rosa ensinava, ou pelo menos tentava no limite de suas forças, ensinar a pensar, questionar, criticar, observar e se posicionar. Cidadania. Consciência e posicionamento político. Pensamento crítico. Era isso que Rosa fazia: tirar cada estudante que lhe chegasse às mãos da inércia e da alienação que lhes eram impostas pela Cultura de massa. Sua maneira de lecionar, sua didática, sua forma de provocar o pensamento eram únicas.

Uma certa ocasião, Rosa solicitou que nossa turma realizasse uma apresentação teatral sobre os modos de produção. O desafio foi proposto porque a "turma das beatas", como ela as vezes nos chamava devido a um comportamento um tanto quanto passivo de alguns colegas, não havia se saído muito bem nas aulas e ela queria fazer com que nos superássemos. Obviamente que, mais uma vez, a função de "dirigir" a peça coube a mim.

Pois bem, lá fomos nós, uma turma de quase quarenta estudantes, tentar traduzir em linguagem teatral o conteúdo de um bimestre. Em se tratando de Rosa, não poderíamos fazer nada que não fosse excepcional, que fosse medíocre ou dentro do senso comum. Com Rosa não. Rosa queria e exigia mais...queria aquilo que sabia que podíamos fazer, mas, que por negligência da juventude, falta de coragem ou preguiça, não fazíamos. Movidos pela consciência que ela merecia o nosso melhor nos dedicamos com afinco à nova empreitada.

Os ensaios eram após as aulas, no espaço que dispuséssemos para isso: a cantina, o laboratório de Química, o auditório, a sala de aula. O grande desafio, para além de transformar o conteúdo em teatro, era fazer com que o grupo se mantivesse coeso, estimulado e focado no que precisaria ser feito. Adolescentes não são fáceis. Um turbilhão de ideias, críticas e dúvidas tomavam conta de nossas cabeças a todo momento fazendo com que a missão, já difícil, parecesse impossível. Não havia outra saída: ou aprendíamos a conviver naquele momento e em função de um objetivo em comum, ou as coisas não sairiam bem.

De comum acordo, eu dirigiria as cenas. Obviamente que tive que exercer naquele momento uma liderança sobre iguais o que tornava tudo mais difícil. A saída foi fazer com que o coletivo se sentisse parte do processo. Todos opinavam, davam

sugestões e, conforme eu ia propondo uma ou outra cena, se disponibilizavam inteiramente para participar de cada uma delas. Tivemos que aprender com as diferenças que cada um tinha um limite e que deveria ser respeitado. Eu, que já estava fazendo teatro com o professor José Nogueira[1] na própria escola, tentava costurar as cenas utilizando músicas a fim de construir um enredo contado por meio das letras das músicas.

Como não éramos atores, sugeri que no lugar de textos, as músicas contariam a história e nós emprestaríamos nossos corpos dramatizando toda a história. Não que esse desafio fosse menor do que falar textos, mas, parecia para o grupo, e eu logo percebi isso, menos intimidador. Seguimos ao som de Cazuza, Jean Michel Jarre, Gonzaguinha, e outros dos quais não lembrarei agora, construindo uma crítica aos modos de produção. Rosa não esperava somente uma explanação repetitiva de quem decorou o conteúdo bimestral. E nós sabíamos disso.

Após exaustivos ensaios, processos criativos de figurinos, cenários e maquiagem lá fomos nós para o dia da apresentação. Nervosos, ansiosos, mas crentes de que havíamos feito um bom trabalho. Na plateia, além de Rosa, teríamos alguns outros professores que ela estrategicamente convidou para assistir à apresentação. O percurso até ali havia sido árduo e não queríamos botar tudo a perder. Por incrível que pareça, a mágica do teatro se repetia ali, naquele palco, ainda mesmo nas coxias, antes de entrarmos em cena: todos concentrados, compenetrados em suas funções e dedicados ao máximo a dar o melhor de si.

O espetáculo começou e, do início ao fim, tudo saiu como esperávamos. Vibrávamos ao máximo vendo os colegas entrarem e sair de cena e tudo se encaixando perfeitamente diante de uma audiência atenta. Nossos olhos também não deixavam de perceber o comportamento da plateia. Era para nós um termômetro.

Espetáculo findado. Aplausos do pequeno, porém seleto público. Todos nós no palco esperávamos entre confiantes e inseguros os comentários e avaliações dos presentes. Lembro perfeitamente de quando Rosa se levantou e veio em nossa direção para suas considerações: os olhos fitos em nós criando um clima de

[1] Professor José Gome Nogueira é um pesquisador do folclore bastante reconhecido na cidade de Manaus que foi professor da ETFAM, hoje IFAM.

suspense, seus passos lentos e firmes e uma cara de espanto ao mesmo tempo. O primeiro comentário que fez foi: "-Eu falei para a professora, quando eu a convidei para vir assistir vocês: Vamos ver que hoje é apresentação da "turma das beatas". Durante a apresentação, assim que abriram as cortinas, ela me perguntou: "-É essa turma que tu chamas de beatas?". Eu fiquei sem saber o que responder porque eu realmente fiquei chocada com o que eu vi aqui".

Não podíamos ter ouvido melhores considerações. Além da nota dez naquele bimestre, o reconhecimento das professoras, a superação e a experiência que tivemos naquele período foram causadoras de uma profunda revolução em todos nós. Durante os anos seguintes lembramos muitas vezes com orgulho daquele trabalho. Rosa, de uma vez por todas, havia nos dado a oportunidade, quando nos proporcionou aquela experiência, de algo que só hoje consigo entender plenamente: o exercício da autonomia. Falo por mim, mas creio que todos os que participaram também foram transformados.

Há alguns anos passei em frente da escola, hoje IFAM, e tentei reencontrar Rosa. Recebi a triste notícia de que ela havia falecido. Senti um vazio acompanhado de segurança. Vazio por saber que outros não teriam a oportunidade de aprender tanto quanto aprendi com ela. Segurança, porque ela havia se perpetuado em mim com os seus ensinamentos. Ainda sinto seu perfume: o da liberdade.

1.4 ANTÍGONAS DOS PALCOS

Logo após eu sair da escola técnica, comecei a estudar teatro em um curso regular no Setor de Artes da UFAM, ministrado pelo saudoso Luís Vitalli que havia sido meu professor na quinta série lá no Marquês de Santa Cruz. Era um curso de formação de atores modular e foi a partir desse momento que comecei a ter contato com artistas de Teatro da cidade. Eram duas turmas de mais ou menos quarenta estudantes cada: uma pela manhã e uma à tarde.

O curso me deu a oportunidade de conhecer os artistas de outras linguagens além de intelectuais, filósofos, escritores, ativistas e militantes políticos que sempre estavam reunidos nos espaços culturais da época. Falo aqui da década de 1990. Foi nesse caldeirão que iniciei minha carreira artística de maneira mais sistematizada,

estudando, me aperfeiçoando, assistindo teatro, indo a exposições de arte,enfim,convivendo com os artistas e absorvendo todo o conhecimento que podia.

Após o segundo ano do curso, Vitalli montou o TESAU (Teatro Experimental do Setor de Artes da Universidade do Amazonas) do qual fiz parte. Foi no Tesau que tive minha estreia no Teatro Amazonas, no espetáculo “AMANUSMENTE” de autoria de Vitalli. Foi lá também que conheci Gegê Sadin, a primeira atriz amazonense que eu havia lido uma crítica em um jornal e que havia, por esse motivo, se tornado uma referência para mim. Lembro bem da emoção que senti ao conhecê-la no Pombal, espaço cultural gerido por Vitalli e Alberto Penkauskas.

Para minha surpresa, Gegê era atriz da primeira montagem de Amanusmente e iria fazer parte do elenco conosco. Sua personagem: “Maria doída”. Gegê me permitiu entender a profissão do ator. Responsável, concentrada, dona de um talento ímpar, fazia o tempo parar quando entrava em cena. Sua generosidade em cena ou durante os ensaios eram sua marca registrada e contracenar com ela era uma aula.

Nessa época ouvia falar bastante também de Narda Telles. Narda era uma referência do teatro amazonense ao lado de Gegê, Ednelza Sahdo e tantas outras atrizes que fui conhecendo. Trabalhamos juntos pela primeira vez em “Rock-me Medéia” dirigidos por Chico Cardoso. Nesse processo criativo pude compreender melhor o meu próprio processo de criação, experimentando, escutando e trocando experiências e conhecimentos.

Foi nesse encontro que se estabeleceu entre mim e Narda uma amizade que perdura até hoje e uma parceria teatral que me possibilitou aprofundar-me na Direção, Dramaturgia e Produção durante o período em que dividimos a direção artística da Associação Amazônia Arte-Mythos. Foi também no mesmo grupo que pude fazer parte do projeto “TRAGECONTEMPORÂNEO” no qual montamos as Tragédias “MEDÉIA, PROMETEU ACORRENTADO, ANTÍGONAS E AS BACANTES”

1.5 LEGADO DAS ANTÍGONAS

Entre as duas fotos a seguir, existe um espaço de tempo de quarenta anos. Na primeira, em 1982, puxando a dança da Polônia. Na segunda, em 2022, dançando a Ciranda de Tefé. Ambas foram tiradas no Festival Folclórico

Marquesiano que, em 2022, tive a oportunidade de coordenar e fazer a Produção Geral.





Se coloco aqui estas duas imagens é por percebê-las emblemáticas de uma trajetória de vida baseada em experiências de convívio que me permitiram caminhar até aqui. Ouvindo, partilhando ou criando histórias, penso que estas experiências me permitiram, mas que uma simples caminhada, a percepção de que a escolha da docência como profissão, está imbuída dos que vieram antes de mim, dos que dividiram os mesmos caminhos influenciando minhas escolhas pedagógicas e minhas práticas docentes.

Do primeiro contato com a arte teatral no quintal de minha casa até aqui, um longo percurso havia sido percorrido ainda fora da Academia. Entretanto, ele não estaria completo se eu não tivesse buscado aprofundá-lo de forma profissional cursando a Licenciatura e o Bacharelado em Teatro na Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

A entrada na vida acadêmica coroou minha trajetória trazendo-me uma nova perspectiva sobre os caminhos que eu ainda viria a trilhar: o da docência e da pesquisa. Pesquisa que passa pela graduação, se estende pela Especialização em Gestão e Produção Cultural e continua no Mestrado Profissional em Artes -PROF-ARTES, na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), do qual este trabalho é fruto.

Há ainda um longo caminho a percorrer e desistir não é uma opção. A curiosidade daquele garoto ainda se faz presente e é preciso que as novas perguntas que ele insiste em fazer sejam respondidas.

É esta percepção de minha trajetória que me conduz no caminho traçado nesta pesquisa.

CAPÍTULO II

EPISÓDIOS (cenas no palco, entre os cantos corais, com os atos que constituíam a intriga)

Passo agora a me referir das teorias que sustentam esta pesquisa, de como elas se relacionam e constroem o caminho percorrido durante o seu desenvolvimento.

Para tornar a leitura mais leve, fluida e prazerosa ao leitor iniciante, possivelmente menos acostumado à leitura acadêmica, trato de iniciar este capítulo explicitando e justificando o teor poético, mais leve e criativo, desta escrita.

A escrita acadêmica assusta muitas vezes a quem lê e quem escreve. A aparência por vezes hermética, fechada e sisuda de um trabalho acadêmico pode afastar os possíveis leitores não tão acostumados com um vocabulário mais rebuscado, formatações rígidas e incompreensíveis e o pretenso eruditismo que restringe a um pequeno círculo o acesso ao que está sendo escrito.

> Nesse caso, parto do suposto de que “nenhuma palavra basta”, ou seja, nenhuma palavra é bastante para dizer tudo aquilo (na extensão e na intensidade) que ela pretende dizer. A palavra, nesse caso, é uma cornucópia ao contrário: tenta-se colocar dentro dela, em sua forma limitada, o infinito de significações e sentidos que provêm da vida e do mundo. (PEREIRA, 2013, p.213)

Conforme Pereira nos quer alertar, a palavra escrita enquanto linguagem não dispõe da capacidade de traduzir o turbilhão de significados da própria existência humana com seus muitos caminhos, cores e experiências. Por ser um código limitado de possibilidades ao mesmo tempo que amplo de interpretações, a linguagem escrita não consegue transmitir a realidade das vivências pelas quais passamos.

Em outro extremo, não menos importante, o autor opõe a esta afirmação uma outra segundo a qual a palavra tudo pode.

> A palavra é substrato para a verdade, é porto seguro para evitar o deslizamento contínuo do tempo. A palavra, nesse caso, é o próprio tempo, é o mundo encarnado. A palavra faz existir. Só existe aquilo que se pode dizer, como em um

> arremedo da criação divina. A palavra é o cerne da linguagem, e a linguagem é a casa do ser. (Ibid, p.214)

Assim sendo, a palavra é a varinha mágica que torna tudo possível, que transforma o etéreo, o abstrato e o fantasioso em algo palpável, concreto e visível.

Ora, de que maneira então é possível ter a certeza, se é que se pode tê-la, de que o que se escreve será compreensível, que alcançará àquele que lê?

Primeiramente devemos ter em mente que muitos são ou serão os que possivelmente irão ler estas páginas, e deles não podemos saber quem são e quais as leituras que estarão aptos a fazer a partir de seu repertório cultural, intelectual ou subjetivo.

> Cada um desses tipos de escrita acaba se configurando em razão de um interlocutor diferente. O "para quem" da escrita é constituinte da própria escrita. O destinatário da escrita é, ao mesmo tempo, um sujeito realmente existente e um sujeito possível. Realmente existente porque toda escrita dessa natureza pressupõe um leitor, e esse leitor deve ser tomado como referência para o endereçamento das ideias. Suas características, repertório e posição são indicadores para a escolha de estratégias enunciativas e para a escolha do vocabulário. Mas também é um sujeito possível no sentido de se considerar que a escrita deve atravessar o tempo e durar. Portanto, vale investir em um sujeito que ainda-não está lá para ler, tanto no sentido de alguém que ainda-não existe porque não nasceu como alguém que ainda-não chegou ao campo ou não acedeu àquele lugar de interlocutor desse texto. (Ibid,p.213)

No lugar dessa matemática para decodificar palavras e sentidos, proponho uma escrita que esteja aberta e acessível aos diferentes leitores: os que irão ler pelo interesse acadêmico e aqueles que, pelo acaso ou pela simples curiosidade, venham a tomar estas páginas nas mãos.

Portanto, proponho, enquanto escrita, uma experiência, experiência mesmo no sentido de que cada leitor, ao ler as páginas, seja afetado, não de maneira exata, cartesiana, matemática, como podemos achar que as palavras, escritas de forma acadêmica, podem nos atingir. Experiência no sentido descrito por Bondía:

> O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. Não está, como o conhecimento científico, fora de nós, mas somente tem sentido no modo como configura uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de

> estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). (BONDÍA,2002, p.27).

No âmbito das experiências de convívio, que são o foco desta pesquisa, talvez a tarefa de tentar traduzi-las seja mais difícil ainda, visto que estas experiências se deram em determinado tempo e as reverberações deste tempo ainda se farão ouvir em tempos vindouros.

De que maneira então é possível realizar a tarefa de aproximar o leitor curioso e/ou o pesquisador do contexto real destas experiências de convívio? Por meio da negociação de sentidos. Esta negociação deve levar em conta o repertório do qual dispomos para escrever, mas, também, com o leitor, cujo repertório não se pode prever. Além disso é preciso negociar com aquilo que se descobre enquanto se escreve.

No caso desta pesquisa, escrita por bem mais de duas mãos, visto que serão reproduzidas as experiências dos estudantes que dela fizeram parte, deve-se levar em conta que a própria apropriação destas autorias é empírica e não objetiva.

> Quando escreve, para dar consistência à escrita, o autor deve negociar. Negociar com o campo empírico, já que a verdade pretendida não é, de modo geral, uma condição objetiva que existe fora do discurso. Negociar com seu próprio repertório, já que a escrita emerge e articula arranjamentos possíveis entre o que já se sabe, o que já se conhece e o que se está em via de dizer – muitas vezes, a escrita vem para dizer algo que ainda não sabemos, ela vem justamente para constituir um saber que, até ser escrito, era mero movimento do pensamento. E negociar com o leitor, qualquer que seja a sua condição, como aqui explorei algumas linhas antes. (PEREIRA,2013, p.215)

Assim sendo, optei por partir da obra “ANTÍGONA” de Sófocles para, em uma analogia com as suas personagens, traçar o roteiro do que foi este estudo, este percurso criativo no qual mergulhamos a fim de que cada leitor possa inferir, de suas experiências, os significados que puder alcançar.

O leitor pode perguntar: - “Por que Antígona?”. Embora já tenha iniciado no primeiro capítulo as relações que tenho com a obra tentarei ser mais detalhista quanto às possibilidades de relação que observo entre esta personagem e os objetivos, métodos e caminhos escolhidos nas próximas linhas.

Para situar o leitor que não tem intimidade com a tragédia, farei um resumo do enredo ao passo em que irei relacionando-o aos teóricos e ao processo metodológico.

2.1 QUEM É ANTÍGONA?

A fim de que você possa conhecer a história de Antígona, farei um breve resumo da tragédia escrita por Sófocles no ano de 441 a.C., uma das tragédias gregas mais encenadas até hoje.

Antígona traz marcada no sangue a culpa dos pecados de Laio, seu avô. Filha de Édipo e Jocasta, irmã de Ismênia, Etéocles e Polinice. Por conta das atitudes erradas de Laio, os Labdácidas são vítimas de uma maldição que persegue seus descendentes. Assim, Édipo, pai de Antígona, mata o próprio pai, Laio, e se casa com sua mãe, Jocasta. Ao tomar conhecimento de seu ato, Édipo arranca os próprios olhos e é guiado por Antígona e Ismênia no exílio após ser expulso pelos filhos homens.

Posteriormente, seus irmãos Etéocles e Polinice fazem um acordo de governarem alternadamente, por um ano a cidade de Tebas. Passado o primeiro ano, Etéocles recusa-se a cumprir o acordo negando o trono a Polinice que se retira para a cidade rival, Argos. Lá ele casa-se com a filha do rei e consegue o seu apoio para retomar Tebas. Neste combate os dois irmãos matam-se mutuamente em disputa pelo trono.

Creonte, por conta de Polinice ter combatido contra Tebas, proíbe que ele seja enterrado e decreta que qualquer pessoa que desobedeça a sua ordem será condenada à morte, apenas Etéocles mereceria as honras fúnebres.

Antígona pede ajuda à sua irmã, Ismênia, para cumprir os ritos fúnebres dando assim o descanso ao seu irmão. Ismênia se nega a fazê-lo por medo de enfrentar Creonte e pagar com a própria vida. Antígona decide, então, fazê-lo sozinha. É justamente neste ponto que começa a sua tragédia.

2.2 AS PERSONAGENS

A partir daqui descrevo o contexto e as personagens relacionando-as às personagens desta pesquisa. Esta relação não é fechada em uma única possibilidade visto que, em se tratando de uma experiência de convívio, as

personagens da vida real podem assumir características diversas no decorrer do processo.

2.2.1 UMA ESCOLA CHAMADA TEBAS: A cidade foco da disputa dos dois irmãos e da tragédia de Antígona pode ser aqui relacionada com o contexto escolar e pandêmico em que a pesquisa foi realizada. Assim como na Tebas da obra trágica, a escola também é alvo de tensões, negociações por vezes não cumpridas, disputas de poder e tomadas de decisões que trazem consequências.

Se os personagens Tebanos sofrem as agruras da maldição dos Labdácidas, as personagens da escola sofreram as consequências dolorosas de uma pandemia que deixou sequelas ainda não curadas. Penso ser relevante contextualizar este momento para que compreendamos as condições adversas sob as quais a pesquisa foi realizada.

A Escola Estadual de Tempo Integral, (EETI), Marquês de Santa Cruz é uma escola de Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano). Como o próprio nome já denota, os estudantes passam o período das 9:00 às 16:00 horas dentro da escola.

Ao todo são dez (10) salas de aula divididas em turmas do 6º ao 9º ano. No ano de 2022, a escola contava com duas turmas de 9º anos, as quais fizeram parte desta pesquisa.

Importante ressaltar que estas mesmas turmas, em sua grande maioria, já faziam parte do corpo discente da escola e foram, nas devidas proporções, estudantes das turmas de sétimos e oitavos anos para as quais eu lecionei nos anos de 2020 e 2021, quando a pandemia agravou-se levando-nos ao isolamento.

Foram dois anos de uma intensa negociação com o infortúnio para que, de alguma forma, pudéssemos manter as aulas: aulas remotas, híbridas, busca ativa, mobilização de familiares e de toda a comunidade escolar a fim de mitigar os efeitos devastadores da pandemia de Covid sobre a educação.

Em 2020, entramos em modo remoto em março e voltamos em agosto, no modo híbrido até dezembro. Em 2021, ficamos no modo remoto até o mês de maio, em modo híbrido de maio a agosto e presencial de agosto a dezembro. Somente no ano de 2022 foi que as aulas retornaram presencialmente após as campanhas de vacinação e a diminuição do número de casos.

Entretanto, as condições de acesso as novas tecnologias por parte dos estudantes são extremamente desiguais, quando não, inexistentes, o que comprometeu bastante o processo de ensino durante esse período.

Outro fator traumático a ser observado foi o grande número de mortos pela Covid. Estas perdas afetaram não só aos estudantes como todo o corpo docente e administrativo da escola em um efeito cascata. Professores afastados, alunos ansiosos ou deprimidos, a escola sob o julgo do medo constante tornando-se um ambiente de tensão, protocolos de segurança que cerceavam o contato, a aproximação e a convivência, fazendo com que o espaço escolar se tornasse um ambiente de vigilância e restrições.

Foi durante este mesmo período pandêmico que iniciaram meus estudos neste programa de mestrado. Foi também em modo remoto que as aulas, trocas e estudos foram realizados, tentando conciliar a pesquisa e o estudo com a prática docente. Penso que este fator tenha servido para a construção da pesquisa pela própria experiência vivida. Mais uma vez as vivências se refletem nas práticas docentes.

2.2.2 ANTÍGONA(S): Determinada, fiel aos seus princípios e aos que ama, corajosa, insubmissa. Talvez estes adjetivos possam descrever a Antígona sofocliana e as Antígonas possíveis da escola. Os estudantes que também escrevem, todos Antígonas naquilo que Antígona tem de mais potente: a vivacidade da juventude, a sua coragem de agir contra o que não é justo, a inquietação diante do mundo, o temperamento questionador e irrequieto dos jovens estudantes.

> A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral. Este uso total pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade mais expandida e a mais viva durante a infância e a adolescência, que com frequência a instrução extingue e que, ao contrário, se trata de estimular ou, caso esteja adormecida, de despertar. (MORIN,2000, p.39)

Conforme afirma Morin, a adolescência deve ser estimulada em sua busca de respostas e de leituras de mundo, mundo este que começa nesta fase da vida a se abrir em um leque de possibilidades das quais os jovens estão ávidos de experimentar e conhecer. Quanto mais estimulados a buscar estas respostas, mais

aptos e seguros estes estudantes estarão para conhecê-las, interpretá-las e recriá-las no processo ininterrupto de construção das suas próprias identidades e do mundo.

Diferentemente da Antígona da ficção, que paga com a própria vida a desobediência ao poder estabelecido, as Antígonas possíveis salvam-se da escuridão da caverna ao aventurarem-se de maneira autônoma na busca do conhecimento.

2.2.3 CREONTES: Creonte é a negação de uma liberdade, a imposição desmedida, a imprudência arrogante que traz consequências graves aos que o rodeiam. É de sua decisão errônea que surgirá o tardio arrependimento quando não for mais possível voltar atrás.

É pela força de seu poder, imposto abusivamente, sem negociações nem com aqueles a quem mais ama, que os destinos de Polinice, Antígona, Hémon, seu filho, e Eurídice sua esposa.

Relaciono esta personagem com aquilo que se impôs de maneira inegociável e inesperada à sociedade durante a pandemia na cidade de Manaus. Não estávamos preparados para o acontecido e, quiçá já superamos os seus efeitos.

Não que tenha sido um erro, uma desmedida ou uma imprudência arrogante. Mas foi, sem dúvidas, uma situação que nos foi imposta com a qual não estávamos preparados para dialogar nem lidar: o isolamento social.

O que de início foi negligenciado como algo sério e com consequências graves tomou proporções gigantescas deixando um rastro de dor, medo e uma necessidade urgente de adaptações ao novo contexto.

Foi nesse contexto que a necessidade do tecnovívio se fez presente como única possibilidade de resistência ao inesperado. Se antes ele era uma ferramenta disponível para ser acessada ao nosso bel prazer, agora ele tornou-se a única possível contra o isolamento que nos foi imposto.

Para que possamos entender o que seriam as oposições entre convívio e tecnovívio faço uso das palavras de Dubatti a fim de apresentar este conceito de maneira mais detalhada.

> O convívio remete a uma escala ancestral da humanidade, uma vez quele nasceu na primeira ocasião em que dois seres humanos se encontraram. Remontamos às origens míticas da

> espécie: Adão e Eva ou o salto da manada de animais para a tribo ou, ainda, da criança do ventre da mãe.
> [...]Ao conceito de convívio, opomos a noção de tecnovívio, isto é, a cultura vivente desterritorializada por intermediação tecnológica. (DUBATTI,2016, p.129)

Assim sendo, o convívio pressupõe encontro, presença de corpos em um mesmo lugar em interação. Já o tecnovívio dispensa a presença territorial e é mediado pelas tecnologias.

A escola é um espaço onde o convívio se estabelece de maneira potente, possibilitando um amplo cardápio de possibilidades de aprendizagem. As trocas estabelecidas entre seus diferentes personagens, independente de status social, hierárquico e/ou intelectual, são ricas em experiências pela proximidade dos corpos que se adaptam para dividir um mesmo espaço.

O isolamento imposto pela pandemia impossibilitou este convívio e nos impôs o tecnovívio como modo de sobrevivência. O que antes era um facilitador das interações passou a ser o único meio pelo qual estas podiam ser realizadas. Aulas, reuniões, festas de aniversário e até velórios foram transmitidos e/ou compartilhados por meio das tecnologias digitais.

> Podem-se distinguir duas grandes formas de tecnovívio: o tecnovívio interativo (telefone, chat, mensagens de texto, jogos em rede, Skype etc.), no qual se dá a conexão entre duas ou mais pessoas; e o tecnovívio monoativo, no qual não se estabelece um diálogo de mão dupla entre duas pessoas, mas a relação de uma pessoa com uma máquina ou com o objeto ou dispositivo produzido por essa máquina, cujo gerador humano se ausentou no espaço e/ou no tempo. O tecnovívio interativo sintetiza-se na relação bidirecional: homem 1 - máquina - homem 2; o mono ativo sintetiza-se em: homem 1 - máquina{homens}. (Ibid)

Durante a pandemia os estudantes tiveram as atividades escolares limitadas a este ambiente tecnovivial, e embora tenha sido amplamente divulgado que o plano emergencial para a educação foi pensado para atender as demandas do processo de ensino e contemplaria a todos, a realidade que pude perceber foi muito diferente ao que se propagou. Poucos eram os alunos que possuíam internet de qualidade, computadores, notebook, celulares para que pudessem realizar as suas atividades. Por outro lado, a falta de habilidade com o tecnovívio interativo voltado para as aulas, tornava quase impossível ministrá-las via internet.

Percebo, desta forma, que o tecnovívio não foi capaz de substituir de maneira eficiente o convívio presencial, territorializado e que esta vivência imposta deixou

clara as disparidades entre estas duas formas de interação. De maneira alguma quero afirmar que o tecnovívio não tem importância, que não seja indispensável aos tempos atuais.

Ao contrário, coaduno com a afirmação de que os tempos atuais não nos permitem mais viver sem elas sob pena de grandes retrocessos e limitações de interação seja na vida privada ou no ambiente educacional. Inúmeros são os avanços e benefícios que as tecnologias digitais nos trouxeram

> Entramos numa era em que as atividades humanas se organizam por meio de uma sociedade em rede, cujo cerne são os trabalhos colaborativos, compartilhados, o que nos leva a constatar que nunca estivemos tão presentes – ainda que distantes geograficamente, das questões sociais, políticas e culturais do mundo globalizado. (POZZETTI,2017, p.83)

Negar esta afirmação seria cair no erro ingênuo e prepotente de Creonte diante de uma realidade profetizada pelo sábio Tirésias. As verdades ditas por Tirésias estão postas como posta está a realidade desta afirmação.

É inconcebível hoje pensarmos nossa sociedade sem as facilidades que as tecnologias digitais nos oferecem. Tempo, espaço, e presenças são ressignificados pelo uso destas tecnologias e nos permitem transpor barreiras impostas pela presença ou ausência territorial.

Durante o mesmo período pandêmico, foram estas tecnologias que nos permitiram ficar mais próximos, ainda que distantes, estudar, trabalhar e romper a barreira do isolamento pandêmico. Percebo que convívio e tecnovívio se cruzam a estabelecem vínculos diferentes em suas especificidades.

Porém, como Dubatti também afirma, afirmação esta da qual me sirvo para o estudo aqui descrito por ser o meu foco de interesse:

> A situação tecnovivial implica, uma organização da experiência determinada pelo formato tecnológico. Por tudo isso, o teatro se parece com churrascos, festas de casamento, partidas de futebol vistas no estádio, no meio da torcida e no mesmo espaço ocupado por técnicos e jogadores, com o encontro físico dos amantes, isto é, com todas aquelas ações e acontecimentos, que não podem ser realizados sem reunião territorial de corpo presente. Convívio e tecnovívio propõem paradigmas existenciais muito diferentes, contrariamente ao que costuma sugerir o mercado de bens tecnológicos, que convida a acreditar que em um futuro próximo o convívio será “superado” e “substituído” definitivamente pelo tecnovívio. (DUBATTI,2016, p.130)

É esta a proposta pedagógica que procuro elaborar: uma proposta que se assemelha a estes encontros onde a vida parece uma grande festa na qual a dança, a música e a alegria compartilhadas são possíveis apenas e a partir da presença territorial destes corpos, permitindo uma experiência na qual não há nenhuma tela ou distância separando quem dela participa.

2.2.4 TIRÉSIAS: O velho sábio que aconselha Creonte alertando-o sobre o erro de sua decisão, procura alertar o rei sobre as consequências dos atos impensados e autoritários impostos ao insepulto Polinice. Tirésias fala, como profeta que é, das terríveis consequências que cairão sobre Creonte, caso este se recuse a voltar atrás em sua decisão.

Gostaria de destacar aqui uma curiosidade sobre como Tirésias recebeu o dom da profecia e sobre ter vivido duas existências opostas em uma mesma vida.

> Vendo um dia duas serpentes a copular, Tirésias resolveu interpor-se entre elas, sendo imediatamente transformado em mulher. Sete anos mais tarde, assistiu a uma cena idêntica, e resolveu proceder da mesma maneira, sofrendo uma nova transformação, e voltando assim a ser homem. Ora acontece que Zeus e Hera discutiam, sem chegar a acordo, o grau de prazer que experimentavam, no amor, o homem e a mulher. Então decidiram apelar a Tirésias, como árbitro, visto que ele conhecera as duas sexualidades. E a resposta foi a seguinte: uma mulher experimenta nove vezes mais prazer do que o seu companheiro masculino. Furiosa, Hera privou Tirésias da visão. Satisfeito, Zeus conferiu-lhe o dom da profecia e o privilégio de viver sete vidas humanas consecutivas. (HACQUARD,1996, p.283-284)

Tirésias é o estudante que se torna professor, o professor que se torna estudante novamente, os estudantes que ensinam enquanto aprendem e os teóricos que, colocando suas obras à serviço da pesquisa, possibilitam que estas sejam lidas, revisadas e transcritas em um processo dialógico indispensável à educação.

Cabe ao professor, enquanto mediador da construção do conhecimento, cultivar as habilidades de enxergar adiante e desse permitir aprender enquanto ensina. É ele o vidente que alerta, aconselha, medeia, antevê, instiga a busca e a percepção do conhecimento.

Para tanto faz-se necessário também essa transmutação, esta permuta constante entre o ensinar, o aprender e o aprender a ensinar. A capacidade de

observar a quem ensina e observar-se enquanto ensina são condições indispensáveis para o processo de ensino.

Trago para esta proposta metodológica não só o conhecimento empírico e convivial do quintal de minha casa ou dos meus tempos de estudante, tomam-se a estas, os conhecimentos adquiridos na graduação em teatro e na pós-graduação em Gestão e Produção Cultural. Para além disso, os estudos realizados durante este mestrado foram cruciais para a compreensão dos caminhos que deveria percorrer.

Vale observar que o docente necessita articular saberes a fim de proporcionar aos estudantes os meios para que eles possam construir e articular os conhecimentos recebidos. Nesse sentido é preciso que o docente tenha conhecimento destes saberes possíveis, estabelecendo entre eles conexões tão variadas quanto variadas são as diferentes necessidades dos estudantes.

Segundo Tardiff:

> [...]o saber é sempre o saber de alguém que trabalha alguma coisa no intuito de realizar um objetivo qualquer. Além disso, o saber não é uma coisa que flutua no espaço: o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares na escola etc. Por isso, é necessário estudá-lo relacionando-o com esses elementos constitutivos do trabalho docente. (TARDIFF, 2014.p11)

Este saber, segundo Tardiff, “é social porque é partilhado, porque repousa sobre um sistema que o legitima, é mutável e tende a evoluir de acordo com as mudanças da sociedade e porque é adquirido no contexto de uma contextualização profissional que se modifica ao longo do processo de aprender a ensinar. Complementando:

> [...]esse saber também é social porque seus próprios objetos são objetos sociais, isto e, práticas sociais. Contrariamente ao operário de uma indústria, o professor não trabalha apenas um “objeto”, ele trabalha com sujeitos e em função de um projeto: transformar os alunos, educá-los e instrui-los. Ensinar é agir com outros seres humanos; é saber agir com outros seres humanos que sabem que lhes ensino; é saber que ensino a outros seres humanos que sabem que sou um professor, etc. Daí decorre todo um jogo sutil de conhecimentos, de reconhecimentos e de papéis recíprocos, modificados por expectativas e perspectivas negociadas. Portanto, o saber não

> é uma substância ou um conteúdo fechado em si mesmo; ele se manifesta através de relações complexas entre o professor e seus alunos. Por conseguinte, é preciso inscrever no próprio cerne do saber dos professores a relação com o outro, e, principalmente, com esse outro coletivo representado por uma turma de alunos. (Ibid, p.13)

Estes saberes têm sido pesquisados, segundo este autor, por diferentes correntes que levam em consideração a subjetividade do professor. Uma delas leva em conta, especificamente, a sua subjetividade como capital a ser explorado na sala de aula e na prática docente. É justamente esta a corrente que tomo como direcionamento neste estudo por entender que é a mais adequada à minha inserção nesta experiência de convívio.

> Uma segunda orientação caracteriza as pesquisas que tratam daquilo que se pode chamar de ”vida dos professores".[...] Nessa segunda orientação teórica, a subjetividade dos professores é vista de maneira muito mais ampla do que na primeira, pois não se limita à cognição ou às representações mentais, mas engloba toda a história de vida dos professores, suas experiências familiares e escolares anteriores, sua afetividade e sua emoção, suas crenças e valores pessoais, etc.[...] o professor é considerado o sujeito ativo de sua própria prática. Ele aborda sua prática e a organiza a partir de sua vivência, de sua história de vida, de sua afetividade e de seus valores. Seus saberes estão enraizados em sua história de vida e em sua experiência do ofício de professor. Portanto, eles não são somente representações cognitivas, mas possuem também dimensões afetivas, normativas e existenciais. Eles agem como crenças e certezas pessoais a partir das quais o professor filtra e organiza sua prática. (Ibid, p.232)

Deixo claro que esta subjetividade, esta história de vida e este caminho trilhado não é a única via pela qual este processo transita. A experiência aqui relatada é fruto de uma intensa troca que leva em conta todos os agentes deste processo em suas existências políticas, econômicas, sociais, culturais e afetivos.

Essa troca é o que permite que este relato seja também um relato na voz dos estudantes, que trazem os conhecimentos adquiridos e suas reflexões sobre eles de maneira autônoma ao mesmo tempo que elaboradas em conjunto.

O resultado deste processo foi escrito a partir das interações estimuladas e das percepções sobre os frutos destas interações que, na descoberta de novos caminhos a serem escolhidos, uma vez apontada uma direção, se retroalimentam

enquanto o caminho é percorrido sem a obrigação de que uma só seja a rota seguida pelo conjunto dos atores.

> O conhecimento pertinente deve enfrentar a complexidade. *Complexus* significa o que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. (MORIN,2000, p.38)

Trago como teorias balizadoras deste processo de construção, metodologias que, adaptadas por mim, tecem junto às minhas experiências e às experiências dos estudantes, o cerne deste trabalho.

Além de Dubatti e Larossa, gostaria de destacar aqui o trabalho de Beatriz Cabral, Drama como método de ensino, como uma das principais contribuições desta pesquisa, pela maneira como aborda, a utilização do drama na sala de aula.

> Algumas características básicas são associadas ao drama como atividade de ensino: contexto e circunstâncias de ficção, que tenham alguma ressonância com o contexto real ou com os interesses específicos dos participantes; processo em desenvolvimento através de episódios, um pré-texto que delimite e potencialize a construção da narrativa teatral em grupo; e a mediação de um professor-personagem, que permite focalizar a situação sob perspectivas e obstáculos diversos. (CABRAL,2006, p.12)

Estes elementos, tomadas as devidas proporções, são utilizados na construção da metodologia a fim de estruturá-la e dar-lhe sustentação. O pré-texto (Antígona) é o ponto de partida, a provocação, o fio condutor de todo o processo ainda que não seja tomado como fim e sim como meio para articular a construção do conhecimento.

Mais do que encenar, adaptar ou ser fiel a esta obra, o que se pretende com a metodologia é possibilitar aos participantes a reflexão sobre sua própria existência em convívio e, a partir desta reflexão, saber articular um discurso poético em forma dramática.

Este processo de transcriação é estimulado a partir das vivências dos participantes, com a mediação do professor, relacionando-as à percepção do mundo que os cerca.

> A reconfiguração da estrutura do texto pela transcriação redetermina-lhe a função como seu “horizonte de sentido” (o “extratexto” do original, via de regra situado numa dada conjuntura do passado, sofre a interferência do “extratexto” do presente de tradução pelo qual ele é “lido”). Essa interferência na determinação do “sentido do sentido” (a “função” que o texto traduzido é chamado a preencher num novo contexto) afeta por sua vez o processo pelo qual, segundo Iser, “o texto se converte em objeto imaginário, na consciência de seu receptor”. (CAMPOS,2011, p.55-56)

A ênfase nos processos que estimulam o convívio e a transcriação dramatúrgica são fatores determinantes na construção da metodologia pelas potencialidades que estes processos apresentam enquanto fomentadores da construção do conhecimento. São estas duas premissas que ordenam todas as etapas da proposta metodológica.

> A ênfase no processo, tanto pelo professor quanto pelo diretor teatral, tem por objetivo lembrar que em qualquer tipo de atividade dramática a preocupação com a dimensão da aprendizagem, quer do contexto, circunstâncias ou valores focalizados, quer da linguagem cênica devem estar presentes.[...] em teatro na escola seu objetivo pode incluir a motivação dos alunos para a observação de ações e atitudes que levam à discussão das questões éticas subjacentes ao tema explorado.(CABRAL,2006,p.17)

Para enriquecer este processo utilizo a obra de Mishalski a fim de iniciar uma análise investigativa e objetiva do pré-texto. Esta análise é fundamental para que se proceda o processo de transcriação.

Quanto maior a percepção e entendimento dos estudantes sobre a obra, maiores as possibilidades de correlação com o contexto em que estes se encontram. Esta correlação é fundamental para que o as discussões e analogias sejam feitas com propriedade.

> É importante que se chegue a uma verdadeira percepção do conteúdo e da forma de uma peça, percepção da qual saíram os caminhos para a sua transposição cênica. A palavra percepção significa ao mesmo tempo o impulso emocional, do qual sairá em grande parte o voo criativo do reter, mas também uma consciência objetiva básica de como uma peça é feita. Significa mais do que o impacto sentido na primeira leitura ao sentido[...]Percepção significa um mergulho dentro da obra indispensável para a sua compreensão.(MISHALSKI apud TELLES,2012,p.3)

2.2.5 ISMÊNIA(S): Ismênia se nega a ajudar sua irmã Antígona por medo da punição prometida por Creonte. Ainda que vítima dos mesmos infortúnios de Antígona, ela não encontra forças para se opor ao poder estabelecido, às ordens de Creonte. Quando tenta voltar atrás, Antígona se negar a aceitar sua ajuda e lhe vira as costas.

Durante o processo, por diversas vezes alguns dos participantes também se amedrontaram. Diante do desafio de dar a sua opinião e/ou recriar aquilo que havia estudado alguns deles também recuaram, hesitaram e duvidaram da própria capacidade de superar seus medos e limitações.

Identifico como origem desse medo a deficiência causada pelos dois anos em que o ensino foi prejudicado pela pandemia. Mas também percebo, e isso pude comprovar nas narrativas orais e/ou escritas, que há um medo de julgamento e de punição por parte dos colegas.

A juventude às vezes também é tirana e opressora. O bullying tão combatido no ambiente escolar ainda acontece de maneira silenciosa e cruel. Junte-se a isso as inseguranças e transformações da fase adolescente e temos aí Ismênia.

Outro ponto a destacar é o impacto assustador da pandemia no psicológico dos estudantes. Muitos deles voltaram para a escola adoecidos, ansiosos e deprimidos pelas perdas que tiveram durante o período pandêmico. Muitas foram as crises que tiveram que ser contidas dentro da escola.

Esse panorama fez com que muitos dos alunos demorassem a responder às solicitações feitas. E quando finalmente, conseguiram atendê-las, o tempo não era suficiente para que o trabalho fosse desenvolvido a contento. Entretanto, aqui Ismênia não é abandonada como no texto de Sófocles.

Aqui todas as Ismênias foram acolhidas, encorajadas porque o medo e a dúvida não invalidam estes processos visto que a experiência é individual, mesmo que em convívio, e que o que foi desenvolvido significa a superação de um conflito, a transposição de uma barreira que por si só já é um aprendizado.

2.2.6 O CORO: O coro, embora nos remeta a um conjunto de pessoas, funciona também como uma única personagem, ainda que expressão do coletivo. É ele quem comenta, julga, critica e questiona as ações dos outros personagens.

> Ao coro competia também criticar valores de ordem social e moral e, por outro lado, tinha ainda o papel de espectador ideal ou voz da opinião pública, reagindo aos acontecimentos e ao

> comportamento das personagens como o dramaturgo julgava que a audiência reagiria se estivesse no seu lugar. Acresce ainda a função de elemento impulsionador da emoção dramática, conferindo movimento ao que está a ser representado e promovendo quebras de acção por forma a levar o público a reflectir sobre o que se está a passar. (CEIA,2009)

Não poderia relacionar esta personagem crítica a outras pessoas que não o círculo que me auxilia nesta pesquisa, que me permite afastar-me das paixões e olhá-la com mais rigor e senso crítico: a minha orientadora e os membros da banca.

Ao mesmo tempo que me instigam a buscar os caminhos mais adequados para o destino almejado, acolhem aconselham, estimulam e criticam de maneira generosa o caminho que vem sendo construído.

Outras vozes desse coro saem das bocas dos próprios estudantes que participaram da pesquisa. Suas indagações, dúvidas, dificuldades, medos, erros e acertos são conselheiros de fundamental importância, se bem ouvidos, que me permitem ajustar as rotas do caminho durante o percurso. Caminham juntos de mãos dadas, dialogicamente.

Além desta, as vozes de artistas, familiares, professores e tantas outras escutadas desde a infância também fazem parte desta construção. É da multiplicidade destas vozes que se constrói o conhecimento durante este percurso. Portanto, faz-se necessário deixar aqui o registro destes diálogos.

2.2.7 HÉMON: Embora só apareça em um curto espaço de tempo no texto original, Hémon, noivo de Antígona e filho de Creonte torna ainda mais trágico o desfecho da obra sofocliana.

Hémon tenta, em determinado momento da trama, alertar seu pai sobre o erro em que este incorre. Durante o diálogo, usa o argumento de que fidelidade ao pai para tentar convencê-lo a revogar o decreto que atinge sua amada. O diálogo termina em um clima tenso sem que Hémon consiga depor seu pai de suas ordens. AO encontrar Antígona morta Hémon tira a espada, volta-a contra o próprio pai, mas, sem conseguir feri-lo, crava-a em si mesmo morrendo abraçado a Antígona.

Esta personagem chega tardiamente para socorrer sua amada. O processo por vezes tarda devido a circunstâncias alheias aos planos preestabelecidos. Penso que esta relação entre as dificuldades impostas por diversos motivos bem se

assemelha à demora de Hémon e trazem consigo consequências que podem comprometer alguns resultados.

Entre estes fatores observo as diversas vezes que fui obrigado a parar determinada aula para acolher um ou outro participante em crise, comprometendo o processo; as demandas e cobranças diversas da instituição escolar; a impossibilidade do afastamento docente para dedicação exclusiva aos estudos; a defasagem na aprendizagem causada pela pandemia; a insegurança dos estudantes em relação à sua própria capacidade de criação; entre outros fatores que serão demonstrados por meio dos portfólios dos próprios estudantes.

Estes fatores são aqui problematizados por fazerem parte do contexto da pesquisa trazendo consequências não desejadas ao mesmo tempo em que estimulam a busca de alternativas para superá-las.

Aqui encerro as fundamentações teóricas deste estudo entendendo que ele se articula com o processo de criação da metodologia e da experiência realizada em sala de aula. Entendo também que estes estudos e relações não findam neste relato, mas são o estímulo inicial para a continuidade desta pesquisa pela qual meu interesse torna-se a cada leitura mais aguçado.

3 - ESTÁSIMOS (trechos líricos executados pelo coro)

3.1 - CANTO 1- Pressupostos norteadores

Diante do exposto até aqui, elaborar uma proposta pedagógica que aliasse ensino de dramaturgia, convívio e poética exigiram uma análise do contexto no qual os participantes estão inseridos, seja este contexto social e/ou educacional.

Para além de analisar este contexto foi necessário também observar as lacunas existentes quanto a esta área específica de ensino e quais as possibilidades de intervenção poderiam ser criadas de maneira a preencher tais lacunas.

O ponto de partida foi pensar os materiais didáticos disponibilizados na escola e os conteúdos exigidos na grade curricular. Ressalto aqui que minha prática docente no ensino formal tem início no ano de 2016 e completo, portanto, sete anos de docência. Destaco este ponto porque entendo ser importante salientar que minhas inferências se dão neste prazo determinado não conhecendo a realidade que antecede este período.

Embora recente, minha prática docente me permitiu perceber que existe uma deficiência muito grande quanto ao ensino de Dramaturgia na educação formal, especificamente, na escola onde trabalho.

Grande parte dos materiais didáticos disponibilizados relegam a este elemento da linguagem teatral um ensino que se limita ao estudo superficial dos gêneros dramáticos, textos teatrais e trabalhos de algumas companhias teatrais e seus autores.

Durante estes sete anos, não encontrei nenhum material que propusesse um método de criação dramatúrgica. Além disso, estes conteúdos muitas das vezes são elencados de maneira não cronológica e sem nenhum aprofundamento, seja nos estilos, épocas ou concepções.

Gostaria de observar aqui que a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) sugere, nas orientações para a área de LINGUAGEM - ARTE NO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS: UNIDADES TEMÁTICAS, OBJETOS DE CONHECIMENTO E HABILIDADES, a necessidade desta prática na sala de aula e que, portanto, esta não deveria deixar de ser explorada em sua máxima potência:

> (EF69AR27) Pesquisar e criar formas de dramaturgias e espaços cênicos para o acontecimento teatral, em diálogo com o teatro contemporâneo. (MEC /SED, 2017).

Esta habilidade, elencada entre tantas outras, me provocou a buscar uma metodologia que propiciasse, não só o estudo de dramaturgias já escritas e os diversos gêneros nos quais elas se inserem, mas, principalmente, a produção de novas dramaturgias a partir das estudadas, dando ao estudante a oportunidade de entender os conteúdos expostos e produzir, a partir deles, novos discursos, ampliando suas capacidades de expressão estética, simbólica, subjetiva e cidadã.

Entretanto, como dito anteriormente, não observei nos livros didáticos disponibilizados uma proposta contínua e aprofundada que direcionasse esta pesquisa e esta prática de maneira sistemática.

Vejamos: não afirmo que não haja experiências e/ou práticas similares a que eu proponho, muito pelo contrário. Inclusive encontrei durante minha pesquisa uma que me serviu de inspiração e irei comentar em momento oportuno. O que problematizo aqui é o caráter burocrático de alguns livros didáticos que valorizam o conteudismo

Penso que limitar este processo de ensino à assimilação de conteúdos em detrimento de uma prática viva, que permita aos estudantes uma visão mais ampla de mundo, relacionando o micro ao macrocosmo, partindo de experiências pessoais e subjetivas para questionar o contexto no qual está inserido de maneira artística e criativa, pensando e representando esteticamente a própria existência, é desperdiçar todo o potencial do ensino de Artes enquanto agente transformador do indivíduo e do mundo.

Ainda, no mesmo documento, quando se fala nas dimensões do conhecimento que devem ser observadas no Ensino das artes, pode-se inferir que para que se atinja tais habilidades é preciso que sejam oportunizados estes processos de criação e expressão, em consonância com as vivências individuais e subjetivas dos estudantes, a fim de que os mesmos, durante o processo criativo, possam fazer escolhas de acordo com suas histórias de vida e seu repertório cultural, social e afetivo.

São seis as dimensões constantes no documento e ele as propõe de maneira indissociável e indispensável. No entanto, cito duas que me são caras: a dimensão da criação e a da expressão. Me são caras pela associação que faço da relevância destas duas dimensões na minha trajetória, influenciando o artista, o docente e o pesquisador. Tecerei aqui um breve comentário sobre ambas a fim de contextualizar a pesquisa e os fundamentos que a norteiam.

A dimensão da Expressão me foi e me é cara porque me permitiu perceber o mundo e ressignificá-lo simbolicamente, dando a ele uma roupagem que pode ser acessada por meio da percepção estética, sensível. O exercício da expressão estética, compreendida como aquela que visa ser acessada pelos sentidos, me amplia as possibilidades de comunicação, compreensão e análise crítica do mundo. Me é cara ainda, pela possibilidade de mediar estes processos criativos dos estudantes permitindo-lhes acessar os mesmos conhecimentos que acessei e/ou produzirem novos conhecimentos que me permitem expandir esta prática de maneira contínua e dialógica.

> Expressão: refere-se às possibilidades de exteriorizar e manifestar as criações subjetivas por meio de procedimentos artísticos, tanto em âmbito individual quanto coletivo. Essa dimensão emerge da experiência artística com os elementos constitutivos de cada linguagem, dos seus vocabulários específicos e das suas materialidades.(IDEM)

Diferente do que se poderia pensar a dimensão da expressão exige um pensamento racional, organizado e metódico a fim de, utilizando-se dos meios, processos e elementos da linguagem artística, produzir conhecimento, elaborar discursos, proporcionando a percepção de como reorganizar estes elementos dando materialidade às subjetividades e negociando assim sentimentos e ideias em um contínuo processo de autoconstrução.

Outra dimensão que me é cara é a dimensão da criação.

> Criação: refere-se ao fazer artístico, quando os sujeitos criam, produzem e constroem. Trata-se de uma atitude intencional e investigativa que confere materialidade estética a sentimentos, ideias, desejos e representações em processos, acontecimentos e produções artísticas individuais ou coletivas. Essa dimensão trata do apreender o que está em jogo durante o fazer artístico, processo permeado por tomadas de decisão, entraves, desafios, conflitos, negociações e inquietações. (MEC /SED, 2017).

Criar exige a investigação daquilo que se pretende criar, enquanto tema; experimentação daquilo que se dispõe para o processo de criação, enquanto materialidades; e dos processos de utilização dos materiais e ferramentas pertinentes a cada linguagem artística, enquanto técnica. Não se cria a partir do nada.

Para criar é necessário o domínio em alguma escala dos meios de criação. Portanto, esta dimensão é relevante no sentido de oportunizar aos estudantes os meios de conhecer diferentes maneiras de utilização dos meios de criação.

Sem deixar de atender às demais dimensões do conhecimento durante todo o processo, é nestas duas que focarei por entender que ambas possuem uma relação com a escrita dramatúrgica e propiciam o convívio que é, também, foco deste trabalho.

Dubatti fala que Teatro é a produção da poiesis expectada em convívio que, por sua vez, provoca no espectador a criação de novas poiesis. Creio, portanto, não ser aceitável que se negligencie tal possibilidade no âmbito educacional limitando-se a ensinar teorias dissociadas de práticas criativas.

Além disso, encontro na definição de Dubatti uma correlação com as dimensões que me são de interesse.

> O teatro consiste em um acontecimento convivial no qual, por divisão do trabalho, os integrantes do convívio produzem e

> expectam acontecimentos *poiéticos* corporais (físicos e físico-verbais) (DUBATTI,2016, p.38)

Este convívio é agente propiciador de trocas de experiências e vivências, propiciando novos olhares sobre diferentes realidades. Esta percepção do novo, do diferente e do outro ampliam os próprios horizontes daqueles que convivem.

A criação e/ou expectação da poiesis, enquanto meio para a percepção de si e do outro, possibilita a reinvenção destas realidades e a criação de outras possíveis realidades. A expectação da poiesis age também como provocadora de uma *poiesis* emergente, latente e instigadora de novas reflexões e percepções.

Penso que expectar e produzir em convívio são elementos indissociáveis no processo que proponho. Isso dá pelo fato de que, durante todo o processo, os participantes tanto produzirão seus discursos poéticos quanto serão expectadores da produção poética dos demais participantes.

Este processo dialógico permite que, ao expectar o que o outro produz, o estudante se mantenha inquieto e repense o próprio processo. Essa é a proposta do convívio.

De que maneira fazer isso quando se encontra, muitas vezes, principalmente nesta fase escolar, estudantes que, intimidados pelas opressões existentes no próprio meio escolar, muitas vezes se calam quando provocados a partilhar opiniões, ideias e criações? É esta metodologia que tentarei descrever no tópico a seguir.

3.2 – CANTO 2 - OS POSSÍVEIS CAMINHOS PARA AS POSSÍVEIS ANTÍGONAS

A proposta metodológica foi pensada para o período de 15 semanas, no total de trinta aulas, já que na escola de tempo integral temos duas aulas por semana. Entretanto, este cronograma foi afetado pelo pleito eleitoral do ano de 2022 e pela Copa do Mundo de Futebol.

O processo teve início em agosto, logo após a realização do Festival Marquesiano devido ao fato de eu estar na Coordenação Geral do evento. A banca de qualificação aconteceu em outubro do mesmo ano, ocasião em que pude apresentar parte das práticas realizadas e dos resultados obtidos.

Embora eu as apresente separadamente, a sequência das aulas teve alterações durante o percurso devido ao próprio caráter convivial do processo que, por razões das mais diversas, não é estático nem engessado.

Penso que seja fundamental deixar aqui expostas as sequências didáticas, divididas em consonância com as três categorias por mim criadas, que elaborei a fim de mediar o processo. Estas categorias são: **conteúdo programático, exercícios de convívio e o processo de criação dramatúrgica.**

Exponho a seguir o que são cada uma destas categorias ao mesmo tempo em que descrevo como elas se articulam entre si e qual a duração planejada para cada uma delas.

3.2.1 CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

Em relação ao conteúdo programático abordado optei por focar na história da dramaturgia, seu conceito, gêneros dramáticos, Teatro Épico e Dramático, os principais autores trágicos e suas obras. Cada um destes conteúdos será abordado a fim de que os participantes da pesquisa possam ter uma melhor compreensão do que se pretende ao longo do caminho.

Devo ressaltar que o conceito de dramaturgia por mim utilizado nesta pesquisa está para além do texto teatral propriamente dito. Antes, ele entende como dramaturgia todos os elementos que, em conjunto, ajudam a contar a história que será criada durante o processo: cenário, figurino, trilha sonora, interpretação e maquiagem.

> Dramaturgia designa então o conjunto de escolhas estéticas e ideológicas que a equipe de realização, desde o encenador até o ator, foi levada a fazer. Este trabalho abrange a elaboração e a representação da fábula, a escolha do espaço cênico, a montagem, a interpretação do ator, a representação ilusionista ou distanciada do espetáculo. (PAVIS,2015, p.113)

É esta concepção de dramaturgia que justifica a escolha dos conteúdos abordados. Ao pensar dramaturgia de maneira mais ampla, percebo a necessidade de contribuir para que os estudantes ampliem também suas percepções acerca do conjunto que se pretende articular a fim de compor a obra, dando-lhes, para isso, ferramentas com as quais poderão refletir, elaborar, organizar e construir suas próprias leituras do universo dramático proposto e transpô-las para a cena.

<table>
<tr><th colspan="3">SEQUÊNCIA DIDÁTICA – CATEGORIA DE CONTEÚDOS</th></tr>
<tr><td colspan="3">HABILIDADES:
(EF69AR25) Identificar e analisar diferentes estilos cênicos, contextualizando-os no tempo e no espaço de modo a aprimorar a capacidade de apreciação da estética teatral.
(EF69AR31) Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética.</td></tr>
<tr><td colspan="3">OBJETIVOS:
Introduzir o conceito de dramaturgia e sua evolução histórica
Identificar as diferenças entre os gêneros dramáticos.
Diferenciar os gêneros épico e dramático.
Conhecer os principais dramaturgos trágicos e suas obras.</td></tr>
<tr><td>AULA</td><td>OBJETO DE CONHECIMENTO</td><td>PROCEDIMENTO METODOLÓGICO</td></tr>
<tr><td>AULA 1 ,2</td><td>DRAMATURGIA: CONCEITO E EVOLUÇÃO</td><td rowspan="4">AULA EXPOSITIVA - RODAS DE CONVERSA
PESQUISA – SEMINÁRIO - DEBATE
Iniciei fazendo uma introdução sobre o conceito de dramaturgia, enquanto obra literária, e segui contextualizando a transformação deste conceito ao longo do tempo. Em seguida, pedi que as equipes pesquisassem sobre a história de Antígona, Tragédia e os autores trágicos a fim de que entendessem o dilema apresentado na tragédia, os personagens envolvidos, os temas discutidos e algumas características da tragédia.
Após a apresentação dos seminários sobre a tragédia de Antígona, passei a indagar sobre a compreensão do que havia sido estudado
PROVOCAÇÕES: qual o tema? Que momento da história foi mais impactante? Qual a opinião deles sobre o fim da história? Dessa forma seguimos dialogando, enquanto eu os estimulava dando-lhes pistas sobre possíveis relações dos temas percebidos por eles com a realidade em que vivemos. Este exercício foi realizado em aproximadamente três aulas a fim de que pudéssemos explorar o maior número de nuances que aparecessem em nossas especulações.</td></tr>
<tr><td rowspan="2">AULA 3,4</td><td>GÊNEROS DRAMÁTICOS</td></tr>
<tr><td>TRÁGICO E ÉPICO</td></tr>
<tr><td>AULA 5,6</td><td>OS PRINCIPAIS AUTORES TRÁGICOS: ÉSQUILO, SÓFOCLES E EURÍPEDES</td></tr>
<tr><td>AULA ,7,8,9,10</td><td>MEDÉIA, ANTÍGONA E PROMETEU ACORRENTADO</td></tr>
</table>

3.2.2 CONVíVIO

Em relação aos exercícios de convívio, conforme o conceito de Dubatti, optei por elaborar atividades que substituíssem as fronteiras de tecnovívio pela proximidade do convívio territorial. Em alguns momentos estes exercícios foram realizados em duplas e em outros, em grupos um pouco maiores.

Dividi os exercícios de convívio nas seguintes categorias: percepção, escuta, olhar, fala, serviço e debate. Cada uma delas será explicada detalhadamente em momento oportuno.

Entendo, a partir de minhas leituras, que as tecnologias, embora tenham sua função na vida prática, não podem substituir as relações presenciais. Ainda assim, percebo que estas se impõem, de forma quase opressora, no cotidiano da sala de aula em detrimento de um convívio humano e direto.

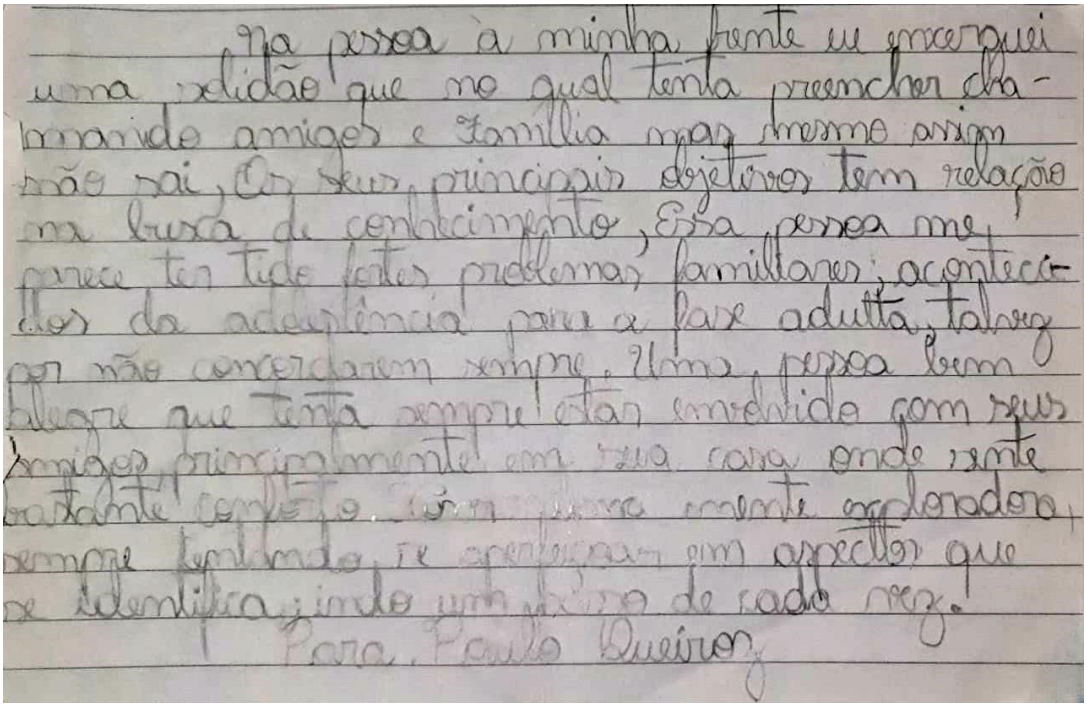
Deparando-me com esta realidade percebi a necessidade de encontrar um meio de solucionar ou amenizar os efeitos desta problemática. Mas como fazê-lo?

Procurando responder a esta pergunta, passei a provocá-los, encorajando a troca de experiências, propondo pequenos núcleos de discussão, inicialmente, a fim de que os processos criativos se tornassem menos amedrontadores e encontrassem nestes núcleos um local de acolhimento e troca convivial.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA – CATEGORIA DE CONVÍVIO		
HABILIDADES: **(EF69AR31) Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética.**		
OBJETIVOS: **Oportunizar relações de convívio em sala de aula.** **Estimular o debate de ideias.** **Promover a interação convivial e a troca de saberes.** **Refletir sobre nossas relações**		
AULA	OBJETO DE CONHECIMENTO	PROCEDIMENTO METODOLÓGICO
AULA 1 ,2,3,4,5	PERCEPÇÃO CORPORAL – PERCEPÇÃO DO OUTRO - ESCUTA - TÉCNICAS DE RESPIRAÇÃO - ESCRITA SUBJETIVA.	**EXERCÍCIOS TEATRAIS – DEBATE - RODA DE CONVERSA – REGISTROS ESCRITOS – RELATOS DAS EXPERIÊNCIAS INDIVIDUAIS E COLETIVAS – JOGOS DE INTERAÇÃO E SENSIBILIZAÇÃO – ESCRITA DRAMATÚRGICAEM GRUPO.** Para iniciar a criação destes grupos propus o seguinte exercício de percepção do outro: Os estudantes, em duplas, virando as cadeiras na direção das que se encontravam imediatamente ao lado e sem opção de escolha, deveriam ficar sentados em suas cadeiras, voltadas uma de frente para a outra, próximos ao ponto de tocarem os joelhos uns dos outros. - Após esta arrumação, coloquei uma música instrumental e calma a fim de levá-los a um clima de concentração e pedi que se olhassem nos olhos sem desviar o olhar e permanecessem

		assim pelo tempo de quinze minutos. - A orientação era de que fosse um olhar neutro, acolhedor, sem julgamentos e nem investigação. Somente acolher a existência do outro de modo a ter uma experiência com ele. - O objetivo do exercício proposto era fazer com que os participantes somente olhassem, sem pressa. Que tivessem nesse momento uma experiência de convívio que, ainda que constrangedora e incômoda como alguns relataram, pudesse aproximá-los ou ao menos permitir que se olhassem mais atentamente. - Após os quinze minutos, pedi que escrevessem imediatamente o que haviam conseguido enxergar na pessoa que estava a sua frente. - Em seguida pedi que a dupla trocasse os papéis, permitindo que cada um lesse o que o outro escreveu sobre si e que, na parte posterior da mesma folha, escrevessem como se sentiam lendo o que havia sido escrito sobre cada um deles.

Aproveito a oportunidade para reproduzir um relato de um dos estudantes que, devido a falta de outro que pudesse lhe fazer dupla, realizou o exercício comigo.


Na pessoa à minha frente eu encontrei uma solidão que no qual tenta preencher com - muitos amigos e família mas mesmo assim não vai. Os seus principais objetivos tem relação na busca de conhecimento. Essa pessoa me parece ter tido fortes problemas familiares; acontecí - dos da adolescência para a fase adulta, talvez por não concordarem sempre. Uma pessoa bem alegre que tenta sempre estar envolvida com seus amigos principalmente em sua casa onde sente bastante confortável. É uma pessoa muito acolhedora, sempre tentando se aproximar dos amigos que se identifica; indo um pouco de cada vez.
Para. Paulo Queiroz

Se coloco aqui, como exemplo dos relatos sobre o exercício, esta imagem cujo texto se refere a mim, é porque compreendo que, como mediador do processo, não poderia deixar de me inserir nele, A minha participação, embora atenta e

observadora, também se deu de maneira experiencial e passiva no sentido de que todas as regras propostas no exercício também se aplicaram a mim.

Penso que estar inserido desta forma no processo torna a interação entre eles mais completa visto que eu, a partir do exemplo, os encorajo. Posteriormente apresentarei alguns desdobramentos deste e de outros exercícios.

Os exercícios de convívio foram conduzidos a partir da minha percepção do andamento das atividades e em concomitância com o processo de criação dramatúrgica.

Por diversas vezes, estes exercícios levaram a situações não previstas no processo exigindo minha atenção no sentido de administrar os conflitos surgidos. Cito alguns casos específicos de alguns participantes que tiveram crises de ansiedade durante os exercícios e tive que parar as atividades para acolhê-los.

3.2.3 - PROCESSO DE CRIAÇÃO DRAMATÚRGICA

Passarei a relatar aqui os exercícios propostos no processo de criação dramatúrgica.

A partir da pesquisa inicial sobre Antígona, da apresentação do seminário e com os grupos já reunidos, a segunda atividade realizada foi a de pensar novos rumos para a personagem fazendo alterações no enredo. A ideia era de que eles propusessem a partir de qualquer momento posterior ao que Antígona questiona de sua irmã, Ismênia, se ela a ajudaria a enterrar Polinice, outras possibilidades para que Antígona não sucumbisse ao destino trágico.

Com esta provocação, os estudantes poderiam modificar, a partir deste ponto e quando achassem necessário, a resposta de Ismênia ou qualquer outro elemento textual posterior e, assim, interferir na trama, dando a ela outras soluções dramáticas para a personagem.

Este primeiro momento foi altamente produtivo e de uma intensa atenção e euforia por parte dos grupos que se empenharam em colocar suas próprias soluções para a insatisfação que sentiam quanto ao fim de Antígona. A maioria dos grupos destacou a injustiça sofrida por Antígona e foi justamente este o ponto de mutação proposto nos trabalhos.

Posteriormente pedi-lhes que dessem uma nova roupagem à história propondo a abordagem de um tema atual de nossa sociedade e transportando a tragédia para nosso tempo. Esta atividade foi um pouco mais demorada devido à

falta de habilidades de alguns grupos no que tange a textualidade, compreensão da estrutura trágica, correlação entre temas atuais com um enredo predefinido entre outros fatores. Entretanto não desisti e continuei problematizando e apontando caminhos para que os trabalhos fossem sendo aprimorados. O processo ainda não foi concluído e estou analisando os enredos produzidos a fim de que passemos à próxima fase.

Solicitei que, individualmente, eles fizessem um portfólio para registrar visual e textualmente cada momento do percurso criativo e de como estes momentos reverberam em suas subjetividades. Esse trabalho está e continuará sendo realizado ao longo de todo o processo. Mais adiante, os grupos serão redivididos por área: texto, cenografia, figurinos, iluminação, maquiagem, interpretação, sonoplastia e produção. Cada um destes grupos produzirá portfólios específicos de cada área relatando os processos de criação coletivos.

Partiremos, após a qualificação desta pesquisa para a fase final onde iremos nos aprofundar nos processos de criação e execução das dramaturgias propostas que culminará na montagem do espetáculo criado pelos estudantes. Este processo será descrito posteriormente.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA – CRIAÇÃO DRAMATÚRGICA		
HABILIDADES: **(EF69AR27) Pesquisar e criar formas de dramaturgias e espaços cênicos para o acontecimento teatral, em diálogo com o teatro contemporâneo.**		
OBJETIVOS: **Oportunizar relações de convívio em sala de aula.** **Estimular o debate de ideias.** **Promover a interação convivial e a troca de saberes.** **Refletir sobre nossas relações**		
AULA	OBJETO DE CONHECIMENTO	PROCEDIMENTO METODOLÓGICO
AULA 1 ,2,3, 4	ALTERAÇÃO DO DESFECHO DO TEXTO ORIGINAL, DISCUSÕES E ORIENTAÇÕES ATUALIZAÇÃO DO	**PESQUISA DO ENREDO DA TRAGÉDIA - - APRESENTAÇÃO DE SEMINÁRIO - DEBATE - RODA DE CONVERSA – ESCRITA - ORIENTAÇÕES – CORREÇÕES – TRABALHO EM EQUIPE -** Para o desenvolvimento destas atividades propus a pesquisa, apresentação e discussão do enredo de Antígona. Após este primeiro momento, foi solicitado que se pensasse outros possíveis finais para a trama alterando-a a partir do momento em que Antígona pede ajuda a sua

AULAS - 5, 6, 7, 8 AULAS - 9, 10, 11 AULAS - 12, 13, 14, 15	CONTEXTO GERAL DO TEXTO TRÁGICO DIVISÃO DO ROTEIRO EM CENAS; CARTAS ESCRITAS PELAS PERSONAGENS. SELEÇÃO DOS TEXTOS DAS CARTAS- ORGANIZAÇÃO DOS DIÁLOGOS E CENAS - ORGANIZAÇÃO DO TEXTO FINAL	irmã Ismênia. Após este momento solicitei que buscassem relacionar a tragédia a um tema de nossa atualidade inserindo-o em um novo contexto. Nesse ponto não haveria mais a obrigação da cópia da obra e sim a possibilidade de transcriação. Conforme os exercícios iam sendo realizados eu lia em conjunto com os estudantes apontando alguns equívocos, possíveis melhorias e novos caminhos por meio de perguntas e problematizações dos enredos escritos. Pedi então que escrevessem uma carta para a sociedade atual como se fosse Antígona se dirigindo à sociedade. Solicitei posteriormente que fizessem um roteiro com a sequência de cenas e o que aconteceria em cada uma.

3.2.4 – CANTO 3 – OS VERSOS

Este tópico apresenta a sequência didática organizada por aulas, conteúdos, exercícios e discussões de maneira cronológica. Obviamente que esta organização é passível de reorganizações e novos arranjos em cada contexto em que ela seja utilizada.

O próprio processo aqui relatado precisou adaptá-la devidos às dificuldades já mencionadas.

AULA/ CATEGORIA(S)	**OBJETO DE CONHECIMENTO**	**PROCEDIMENTO**	**AVALIAÇÃO**	**PROVOCAÇÕES**
AULA 1 CONTEÚDO	INTRODUÇÃO À DRAMATURGIA	AULA EXPOSITIVA Iniciei fazendo uma introdução sobre o conceito de dramaturgia, enquanto obra literária.	RODA DE CONVERSA - PERGUNTAS	Após a apresentação dos seminários sobre a tragédia de Antígona, passei a indagar sobre a
AULA 2 CONTEÚDO	INTRODUÇÃO À DRAMATURGIA	AULA EXPOSITIVA Contextualizando a	RODA DE CONVERSA -	

		transformação deste conceito ao longo do tempo.	PERGUNTAS	compreensão do que havia sido estudado Qual o tema? Que momento das histórias foi mais impactante? Qual a opinião deles sobre o fim da história? Dessa forma seguimos dialogando, enquanto eu os estimulava dando-lhes pistas sobre possíveis relações dos temas percebidos por eles com a realidade em que vivemos. Este exercício foi realizado em aproximadamente três aulas a fim de que pudéssemos explorar o maior número de nuances que aparecessem em nossas especulações.
AULA 3 CONTEÚDO	GÊNERO DRAMÁTICO	AULA EXPOSITIVA Diálogos - Atos E Cenas - Rubricas — Espaço Cênico E Espaço Dramático - Sequência Da Ação Dramática: Exposição Do Conflito – Complicação – Clímax - Desfecho.	RODA DE CONVERSA - PERGUNTAS	
AULA 4 CONTEÚDO	GÊNERO DRAMÁTICO	AULA EXPOSITIVA TRAGÉDIA x TEATRO ÉPICO	RODA DE CONVERSA - PERGUNTAS	
AULA 5 CONTEÚDO	TRAGÉDIA	AULA EXPOSITIVA Dilema apresentado na tragédia, os personagens envolvidos, os temas discutidos e algumas características da tragédia.	RODA DE CONVERSA - PERGUNTAS	
AULA 6 CONTEÚDO/ CONVÍVIO	OS PRINCIPAIS AUTORES TRÁGICOS	AULA EXPOSITIVA Ésquilo, Sófocles E Eurípedes	RODA DE CONVERSA - PERGUNTAS	
AULA 7 CONTEÚDO/ CONVÍVIO	OBRAS PRINCIPAIS	AULA EXPOSITIVA PROMETEU ACORRENTADO DE ÉSQUILO	RODA DE CONVERSA - PERGUNTAS	
AULA 8 CONTEÚDO/ CONVÍVIO	OBRAS PRINCIPAIS	AULA EXPOSITIVA MEDÉIA DE EURÍPEDES	RODA DE CONVERSA - PERGUNTAS	
AULA 9 CONTEÚDO/ CONVÍVIO	OBRAS PRINCIPAIS	AULA EXPOSITIVA ANTÍGONA DE SÓFOCLES	RODA DE CONVERSA - PERGUNTAS	
AULA 10 CONVÍVIO/	ANTÍGONA DE SÓFOCLES	PESQUISA DIRIGIDA	APRESENTAÇÃO DE SEMINÁRIO	

CONTEÚDO			EM EQUIPE - RODA DE CONVERSA - PERGUNTAS - DEBATE – REGISTRO EM PORTFÓLIO	
AULA 11 CONVÍVIO	PERCEPÇÃO DO OUTRO	EXERCÍCIO PRÁTICO DE SENSIBILIZAÇÃO E CONVÍVIO (OLHO NO OLHO)	PARTICIPAÇÃO NA ATIVIDADE E RODA DE CONVERSA	(OLHO NO OLHO): Os estudantes, em duplas, sentados, deveriam ficar um de frente para outro, tocando os joelhos uns dos outros. - Ao som de uma música instrumental e calma pedi que se olhassem nos olhos sem desviar o olhar e permanecessem assim pelo tempo de quinze minutos. - Após os quinze minutos, pedi que escrevessem imediatamente o que haviam conseguido enxergar na pessoa que estava a sua frente. - Em seguida pedi que a dupla trocasse os papéis, permitindo que cada um lesse o que o outro escreveu sobre si e que, na parte posterior da mesma folha, escrevessem como se sentiam lendo o que havia sido escrito sobre cada um deles. (JOGO COM A BOLA): Os estudantes das duas turmas deveriam ocupar o espaço do estacionamento, andando sem esbarrar nos outros enquanto lançavam uma bola aleatoriamente para qualquer colega. O grupo não poderia parar de se mover, se tocar nem deixar
AULA 12 CONVÍVIO/ CONTEÚDO	PERCEPÇÃO DO OUTRO	EXERCÍCIO DE SOCIALIZAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS	REGISTRO ESCRITO SOBRE A PRÁTICA – RODA DE CONVERSA SOBRE AS EXPERIÊNCIAS	
AULA 13 CONVÍVIO/ CONTEÚDO	PERCEPÇÃO CORPORAL – PERCEPÇÃO DE SI NO CONJUNTO	EXERCÍCIO TEATRAL (JOGO COM A BOLA)	PARTICIPAÇÃO - REGISTRO ESCRITO SOBRE A PRÁTICA – RODA DE CONVERSA SOBRE AS EXPERIÊNCIAS -	
AULA 14 CONVÍVIO	ESCUTA SENSÍVEL	EXERCÍCIO TEATRAL – SOCIALIZAÇÃO E PERCEPÇÃO DO OUTRO	RODA DE CONVERSA SOBRE AS EXPERIÊNCIAS	
AULA 15 CONVÍVIO/ CONTEÚDO/ ESCRITA DRAMATÚRGICA	CRIAÇÃO E ELABORAÇÃO DE PORTFÓLIOS – MATERIALIDADES POÉTICAS – REGISTROS DE PERCURSO	AULA EXPOSITIVA	PROCESSUAL E CONTÍNUA	

				a bola cair. PORTFÓLIO: Os alunos deveriam fazer os registros levando em conta tudo o que já haviam aprendido, representando materialmente as ideias, sentimentos e afetos vividos.
AULA 16, 17, 18, 19 CONVÍVIO/ CONTEÚDO/ ESCRITA DRAMATÚRGICA	ANÁLISE DO TEXTO DRAMÁTICO – ESCRITA DRAMATÚRGICA - ELEMENTOS DA TRAGÉDIA	TRABALHO EM GRUPO SOB ORIENTAÇÃO DIRIGIDA- CRIAÇÃO E ELABORAÇÃO DE PORTFÓLIOS – MATERIALIDADES POÉTICAS – REGISTROS DE PERCURSO	PROCESSUAL E CONTÍNUA, DISCUSSÃO SOBRE O PROCESSO	Para o desenvolvimento destas atividades propus a pesquisa, apresentação e discussão do enredo de Antígona. Após este primeiro momento, foi solicitado que se pensasse outros possíveis finais para a trama alterando-a a partir do momento em que Antígona pede ajuda a sua irmã Ismênia. Conforme o trabalho ia sendo construído, íamos discutindo em conjunto as soluções encontradas pelos estudantes ao mesmo tempo em que eu as problematizava e fazia questionamentos a fim de possibilitar novas descobertas. Após este momento solicitei que buscassem relacionar a tragédia a um tema de nossa atualidade inserindo-o em um novo contexto. Nesse ponto não haveria mais a obrigação da cópia da obra e sim a possibilidade de transcriação. Conforme os exercícios iam sendo realizados eu lia em conjunto com os estudantes apontando alguns
AULA 20, 21, 22, 23 CONVÍVIO/ CONTEÚDO/ ESCRITA DRAMATÚRGICA	ATUALIZAÇÃO DO CONTEXTO GERAL DO TEXTO TRÁGICO - TRANSCRIAÇÃO - CRIAÇÃO DE ROTEIRO - PROBLEMÁTICAS SOCIAIS ATUAIS	TRABALHO EM GRUPO SOB ORIENTAÇÃO DIRIGIDA- CRIAÇÃO E ELABORAÇÃO DE PORTFÓLIOS – MATERIALIDADES POÉTICAS – REGISTROS DE PERCURSO	PROCESSUAL E CONTÍNUA, DISCUSSÃO SOBRE O PROCESSO	
AULA 24, 25, 26 CONVÍVIO/ CONTEÚDO/ ESCRITA DRAMATÚRGICA	DIVISÃO DO ROTEIRO EM CENAS; CARTAS ESCRITAS PELAS PERSONAGENS.	TRABALHO EM GRUPO SOB ORIENTAÇÃO DIRIGIDA - CRIAÇÃO E ELABORAÇÃO DE PORTFÓLIOS – MATERIALIDADES POÉTICAS – REGISTROS DE PERCURSO	PROCESSUAL E CONTÍNUA, DISCUSSÃO SOBRE O PROCESSO	
AULA 27, 28, 29,	SELEÇÃO DOS	TRABALHO EM	PROCESSUAL E	

30 CONVÍVIO/ CONTEÚDO/ ESCRITA DRAMATÚRGICA	TEXTOS DAS CARTAS- ORGANIZAÇÃO DOS DIÁLOGOS E CENAS - ORGANIZAÇÃO DO TEXTO FINAL	GRUPO SOB ORIENTAÇÃO DIRIGIDA - CRIAÇÃO E ELABORAÇÃO DE PORTFÓLIOS – MATERIALIDADES POÉTICAS – REGISTROS DE PERCURSO	CONTÍNUA, DISCUSSÃO SOBRE O PROCESSO	equívocos, possíveis melhorias e novos caminhos por meio de perguntas e problematizações dos enredos escritos. Pedi então que escrevessem uma carta para a sociedade atual como se fosse Antígona se dirigindo à sociedade. Solicitei posteriormente que fizessem um roteiro com a sequência de cenas e o que aconteceria em cada uma. Este mesmo processo de escrever cartas deve ser repetido com todas as personagens a fim de extrai das cartas os diálogos que construirão o texto final

Esta sequência didática pode e deve ser alterada de acordo com o andamento do processo. Neste processo aqui apresentado, as dificuldades citadas ao longo deste trabalho impediram que chegássemos ao fim da sequência. Entretanto, o caminho percorrido foi rico em trocas e aprendizados conforme demonstrarei abaixo.

As imagens a seguir são registros dos próprios estudantes sobre seus processos. Optei por fotografá-los no lugar de transcrevê-los pois creio ser de extrema relevância que observemos as materialidades que traduzem as poéticas de cada experiência vivida com a maior fidelidade.

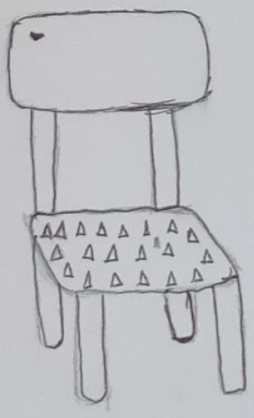
3.3 OLHARES E VOZES DE POSSÍVEIS ANTÍGONAS

1 - Trabalho sobre olho a olho

O trabalho de olho a olho foi a nossa primeira tarefa com prof: Paulo Queiroz, o trabalho era bem simples, ficar olhando para o seu coliga, e o meu coliga era o "Bryan" meu coliga de 3 anos, mas infelizmente ele saiu da escola, sinceramente eu nunca olhei por muito tempo uma pessoa foi muito desconfortante



Como me sentiu no trabalho de



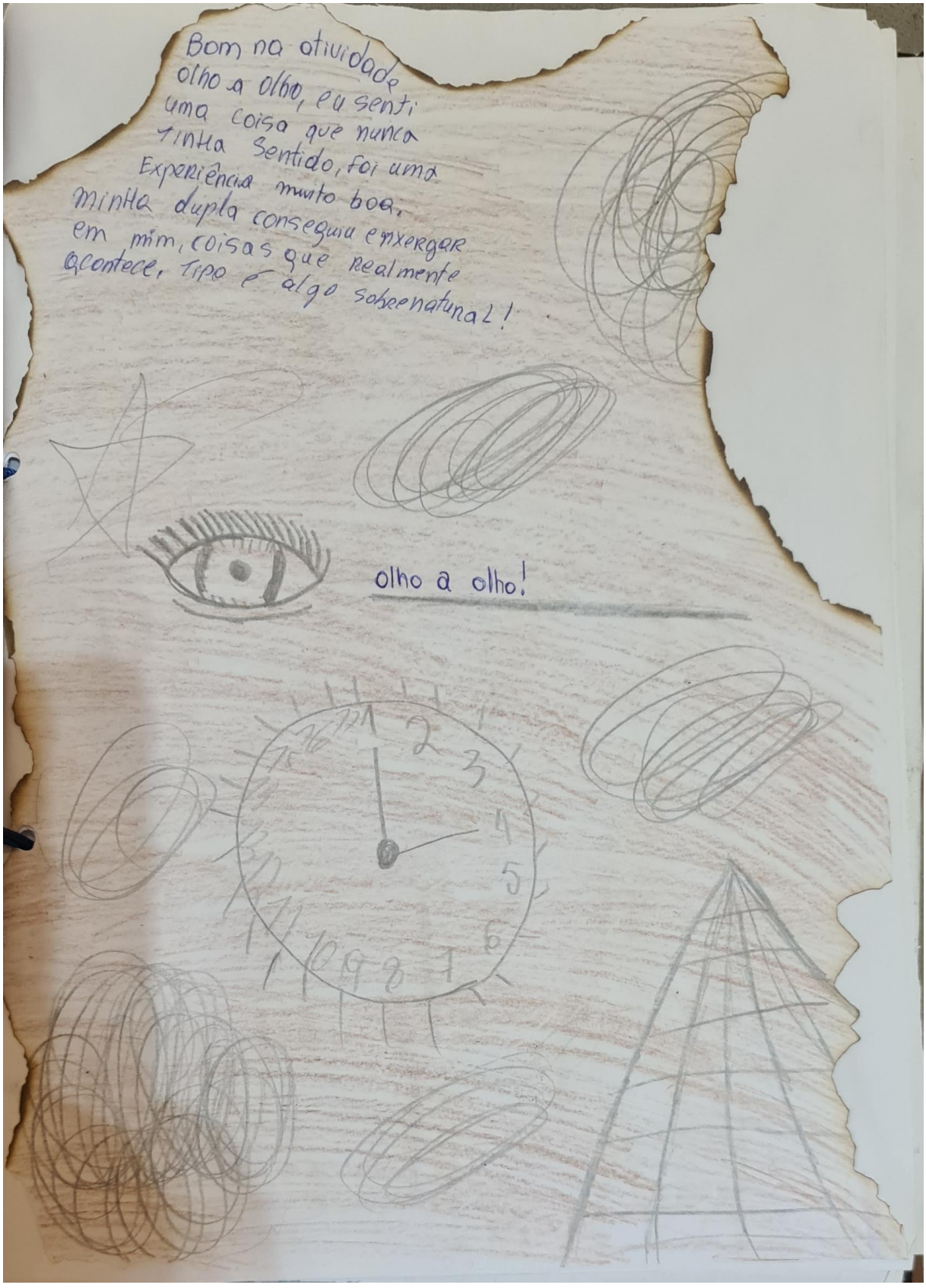


O intuíto da atividade era olhar nos olhos de alguém e falar a sensação que teve.



Ensinamento dos Olhos!!

Eu sentir que, olhar não tem como não ter medo de alguma coisa, vi que você tem medo de você chorar por algo e falarem que você é fraca, só que eu vou falar a verdade, você não fraca, mesmo que chore por algo, não precisa ter medo disso todos choram, vi também, que você não passa por dificuldade nenhuma, Bom eu espero que um dia você demostre seu sentimento emocional, não guarde seus medo!


Bom na atividade olho a olho, eu senti uma coisa que nunca tinha sentido, foi uma Experiência muito boa. Minha dupla conseguiu enxergar em mim, coisas que realmente acontece, Tipo é algo sobrenatural!
olho a olho!

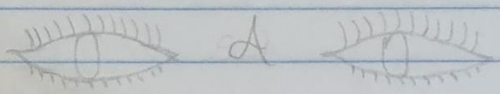
A nossa primeira atividade com o professor Paulo Queiroz foi o "**olho no olho**".

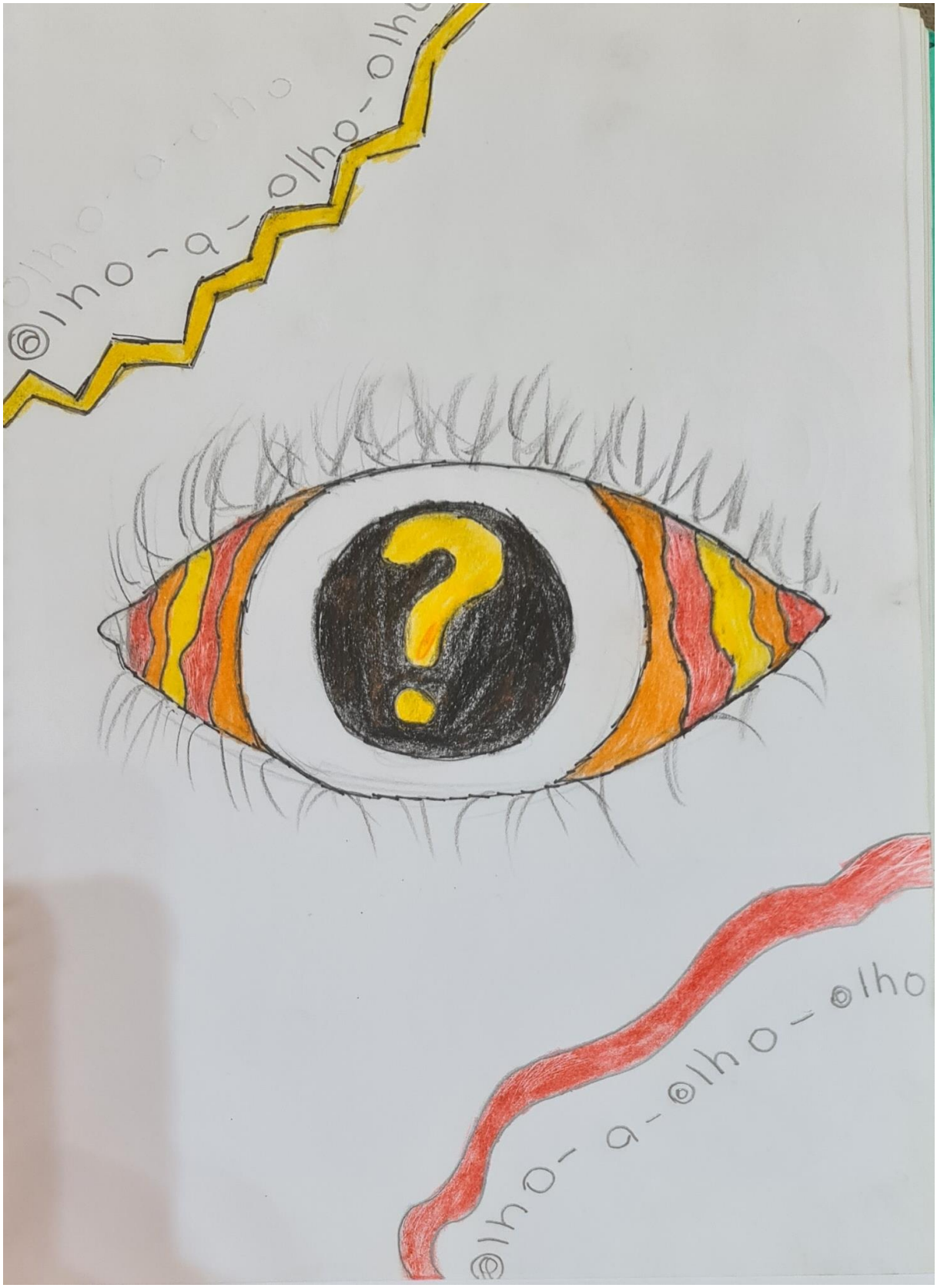
É nessa atividade tinhamos que ficar alguns minutos olhando ficamente para os olhos do parceiro. O meu parceiro foi o David

No começo fiquei com muita vontade de dormir. e depois fiquei com vergonha porque nunca ficou me olhando por tanto tempo. Só que depois me sentir mais confortavel.

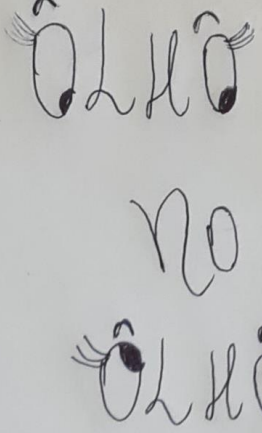







olho-a-olho
olho-a-olho-olho
olho-a-olho-olho

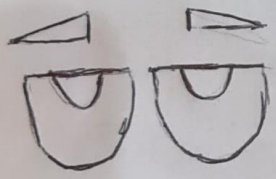
De primeira achei bem chato e também não tinha entendido o objetivo do exercício, em momento algum, me senti desconfortável não prestei muita atenção, fiquei com vontade de rir, até que eu gostei um pouco da experiência depois dessa aula eu até virei amiga da pessoa que estava em minha frente, nunca tive nenhum problema de olhar é dessa forma que consigo sentir mais confiança:







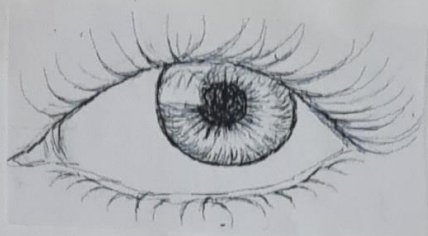
A melhor forma de eu me expressar é conversando com a pessoa. quando eu ja tenho intimidade



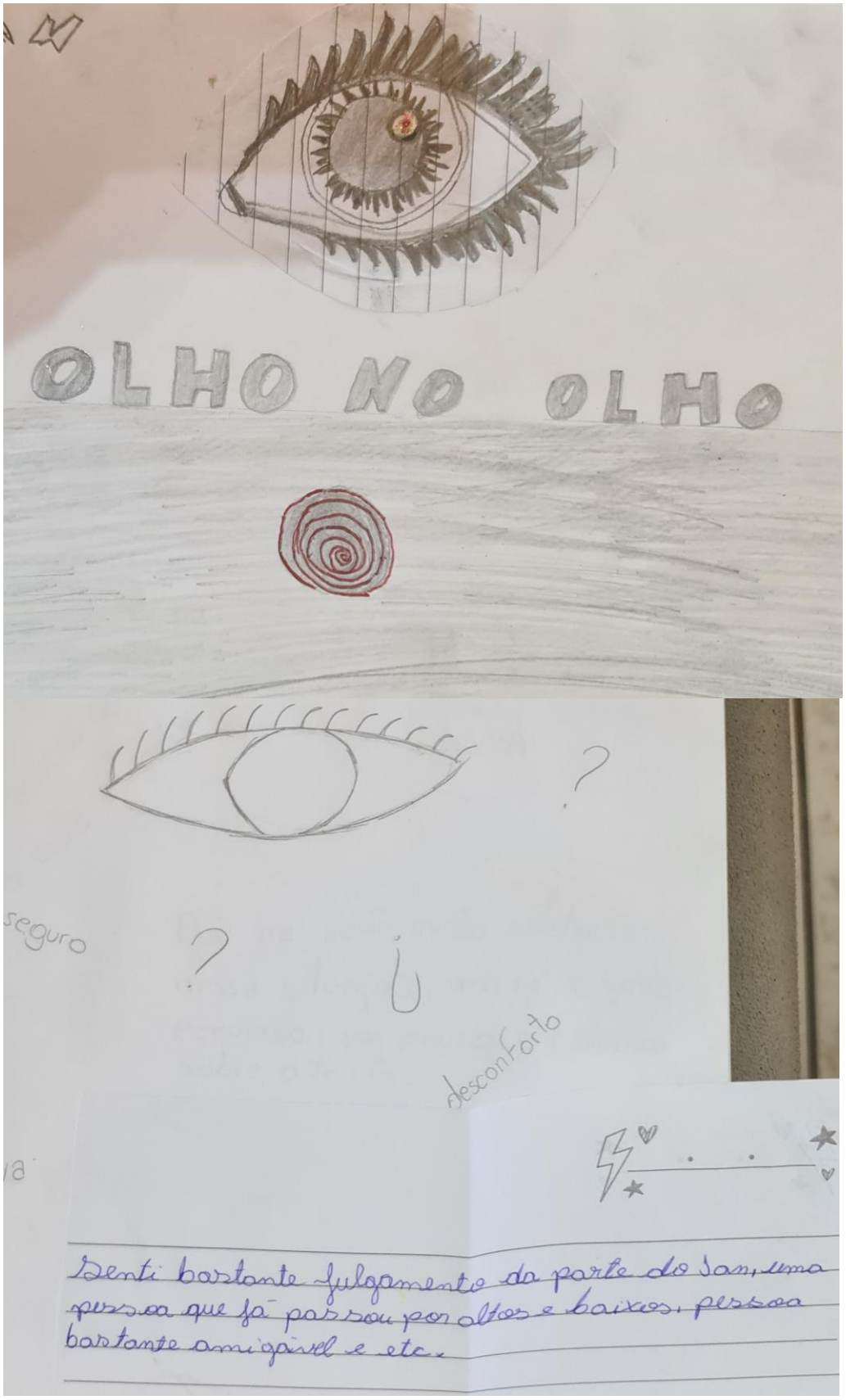


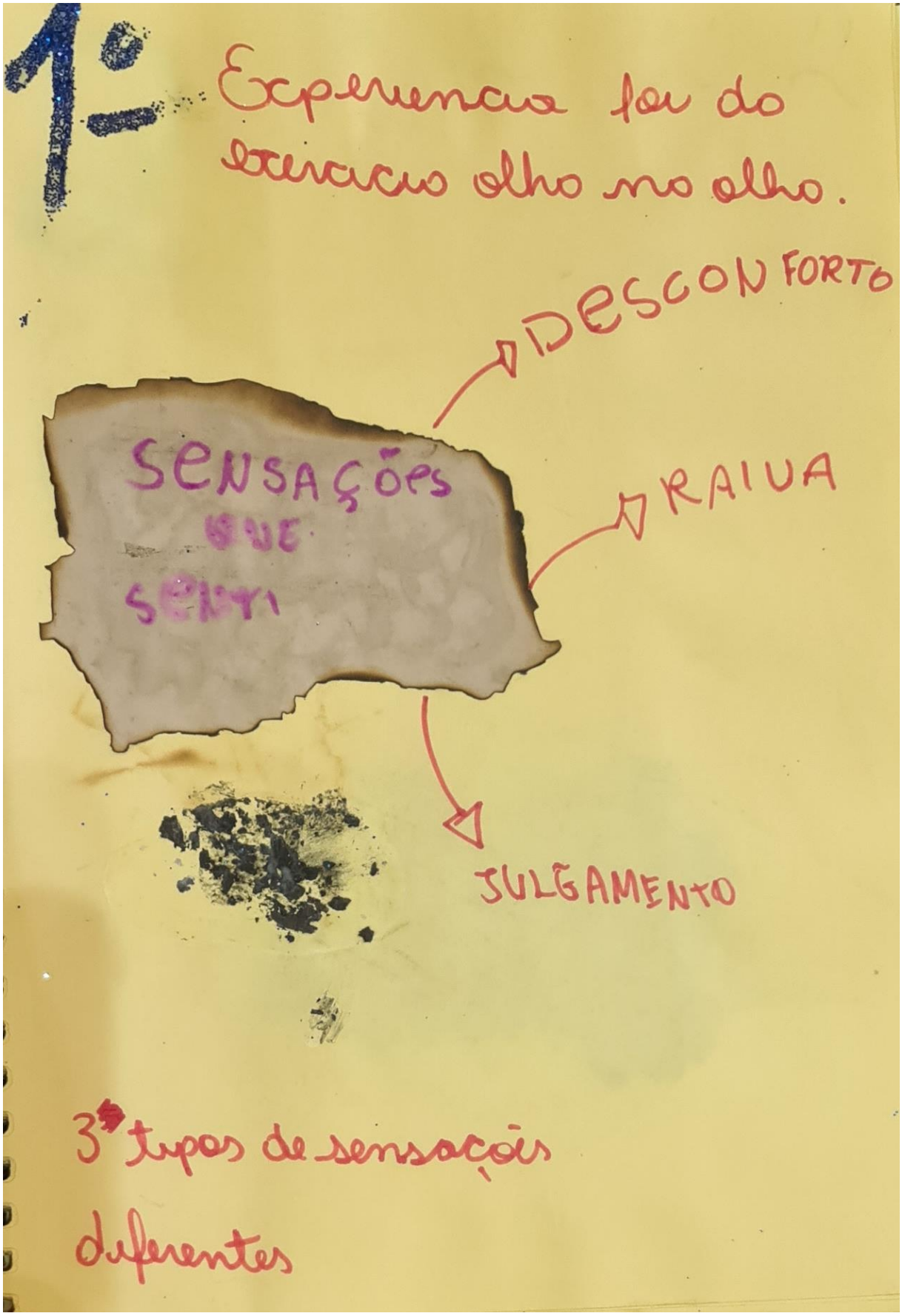


Olha a Olha



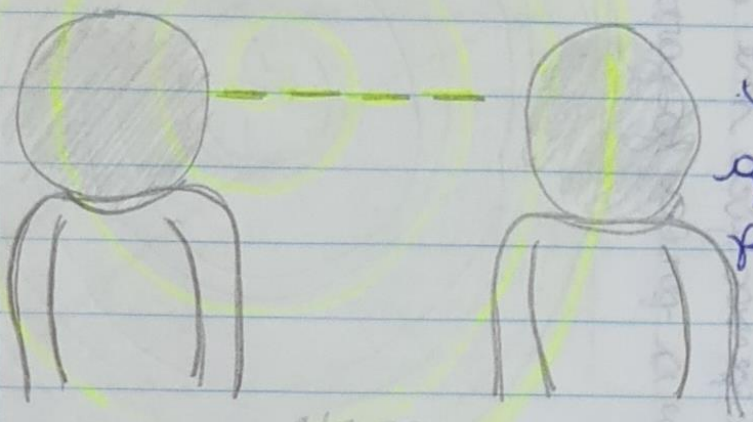
Na atividade olho a olho eu fiquei um
pouco incomodada, pois não consigo ficar
muito tempo olhando no olho de alguma
pessoa, mas ao mesmo tempo senti paz,
parece que eu já conhecia a minha parceira.


OLHO NO OLHO
seguro
desconforto
Senti bastante julgamento da parte do Sam, uma pessoa que já passou por altos e baixos, pessoa bastante amigável e etc.

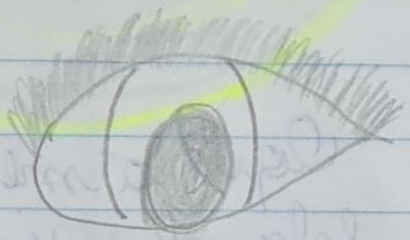

1ª Experiencia foi do
terceiro olho no olho.
DESCONFORTO
SENSAÇÕES
QUE
SENTI
RAIVA
JULGAMENTO
3ª tipos de sensações
diferentes

Olho no Olho

Professor Paulo pediu para agente olho no olho do pessoa sem falo nada é sem fazer nada é tinho que ser uma pessoa que agente não conhece (que não somos amigos)



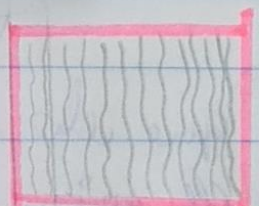
A gente tinho que olho para pessoa por 15 min

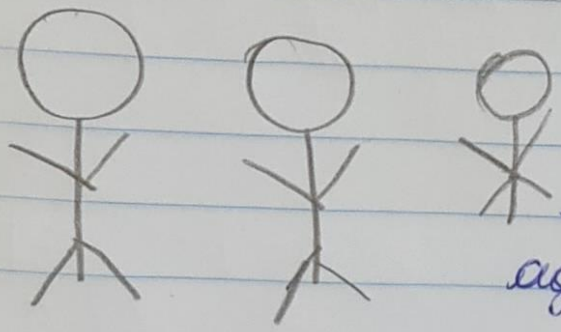


Depois que agente parou de olho um para outro o professor pediu para agente fazer um carto falando o que agente veiu no olho do pessoa.

eu bolei no carto ↓

eu vi um pessoa tentado fazer tudo certo tentando ser uma pessoa boa eu não gostei dele mais depois que olho para para ele achei uma boa pessoa.





agente fez amizade
o agente nem eles amigos
aí eles são muito legal
agora agente é amigos

Antigona

Antigona

Antigona

atividade de olhares

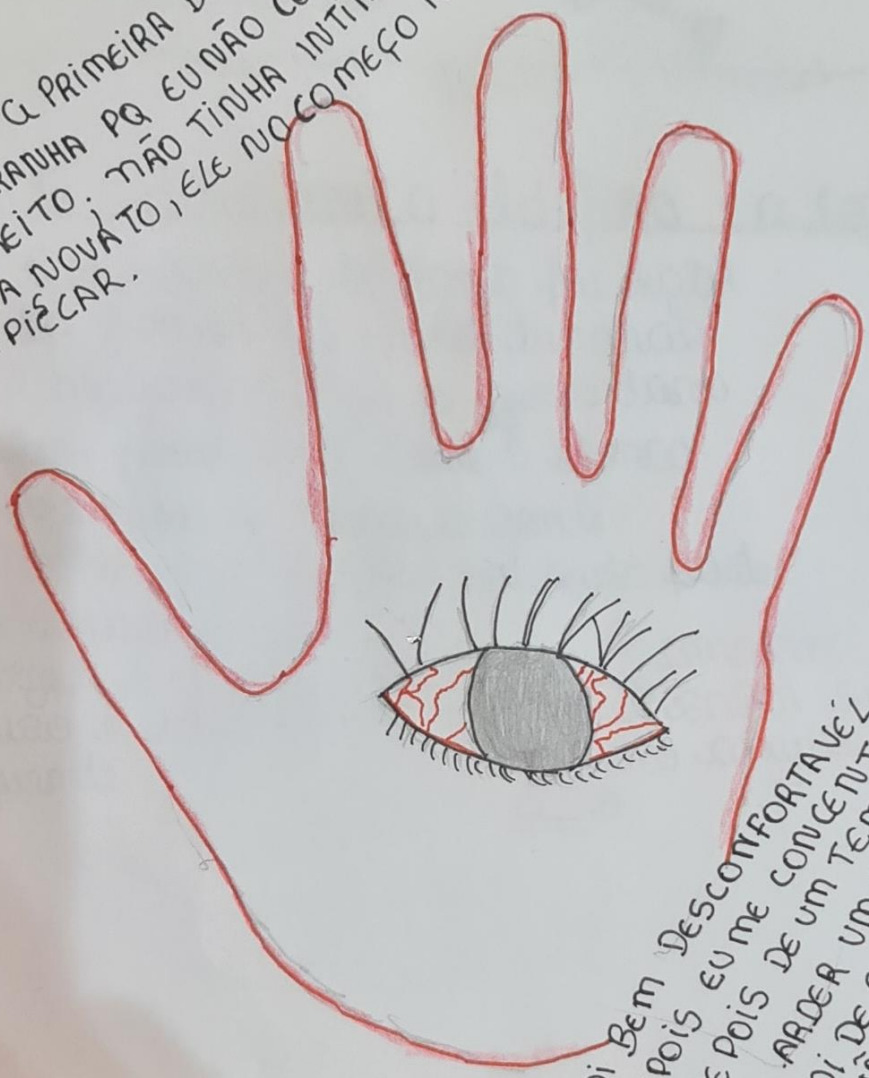
A nossa (segunda) terceira atividade foi uma atividade que me tocou bastante. Foi uma atividade de troca de olhares onde nós tinhamos que ficar cara a cara com um colega que não é próximo de você. Eu fiquei com a Isadora Castro, e logo em seguida ela me escreveu uma carta que me fez abrir os olhos e enxergar coisas em mim que nem eu mesmo enxergava. Tive uma mudança muito boa depois daquela carta. Obrigado Isadora.

FORONI

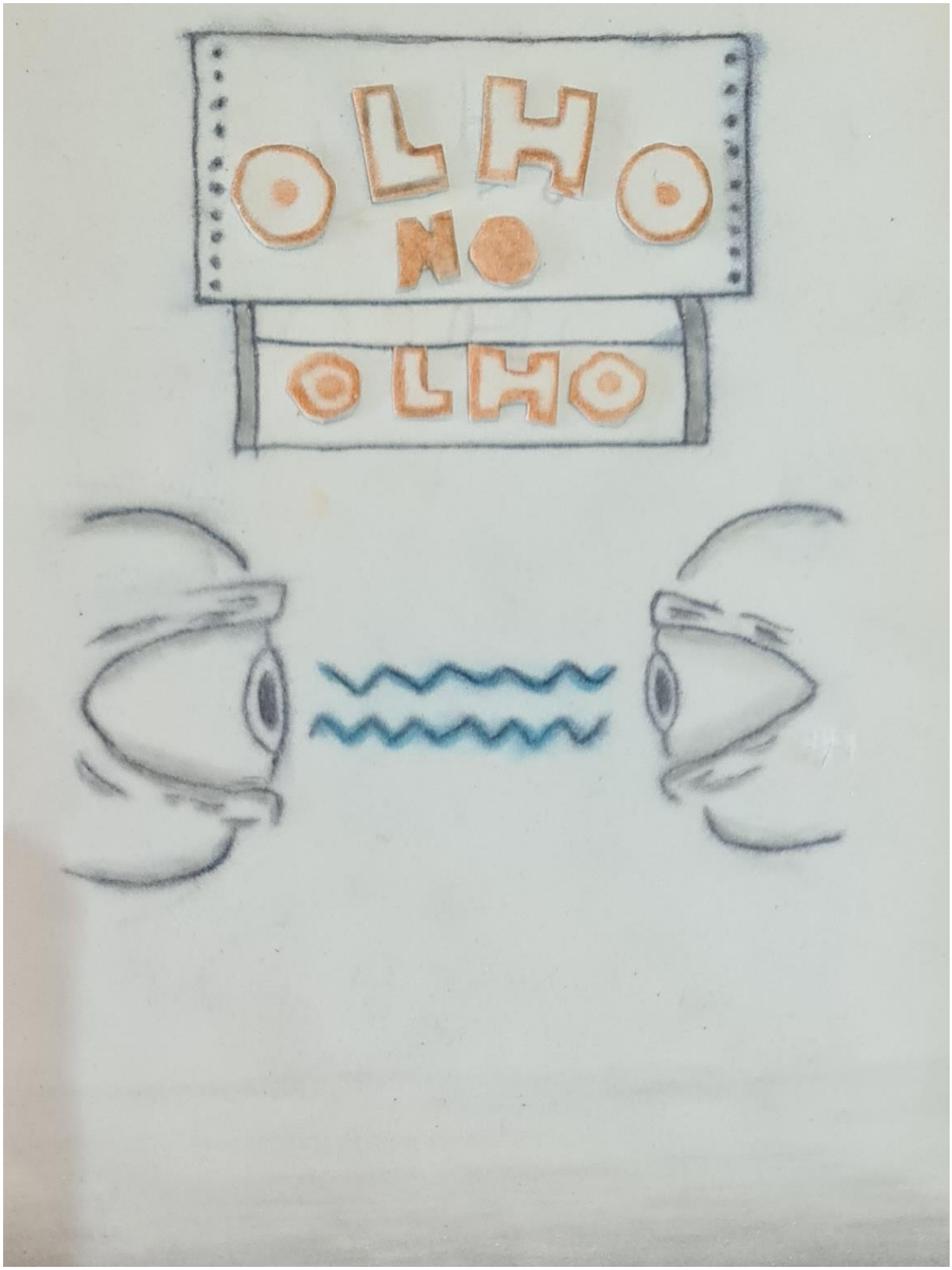
10) Atividade

Olho no Olho

A PRIMEIRA DINÂMICA FOI ESTRANHA PQ EU NÃO CONHECIA O EMERSON DIREITO. NÃO TINHA INTIMIDADE PQ ELE ERA NOVATO, ELE NO COMEÇO NÃO PARAVA DE PIÇCAR.



FOI BEM DESCONFORTAVEL NO INÍCIO, MAS DEPOIS EU ME CONCENTREI MEUS OLHOS DE POIS DE UM TEMPO COMEÇARAM A ARDER UM POUCO, MAS DEPOIS FOI DE BOA, ACHEI A DINÂMICA LEGAL "


OLHO
NO
OLHO

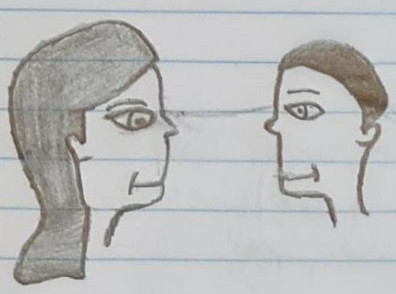
EXPERIENCIA OLHO NO OLHO

Essa experiencia foi muito boa, e agora eu vou contar um pouco da experiencia.

O que eu senti sobre essa pessoa foi que ela é destemida, tem uma personalidade forte, não penso muito, não sente vergonha sobre que ela é, é bonita e carismatica, eu senti de um bom tempo olhando que era confortável aquilo, eu abaixei minha guarda pra ela, senti que podia conversar / desabafar é sua frente, senti que ela é alguém. é alguém do qual eu não deveria ter medo ou insegurança, ela é como se fosse um campo abaixo de uma lua no soar da meia noite que a- que é qualquer momento poderia acabar.

Experiência do Olho no Olho

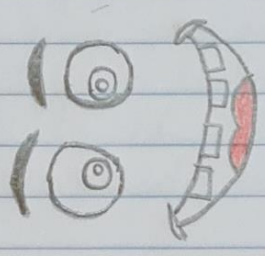
Sobre a experiência do olho no olho foi uma experiência um pouco constrangedor e engraçada. Ficar olhando para uma pessoa que você nem conhece direito é um pouco estranho, da vontade de rir e de sumir também. Já que eu fiquei olhando pra pessoa por 15 minutos deu pra entender um pouco sobre a pessoa, a experiência serveu pra isso pra conhecer a pessoa pelo o olhar.



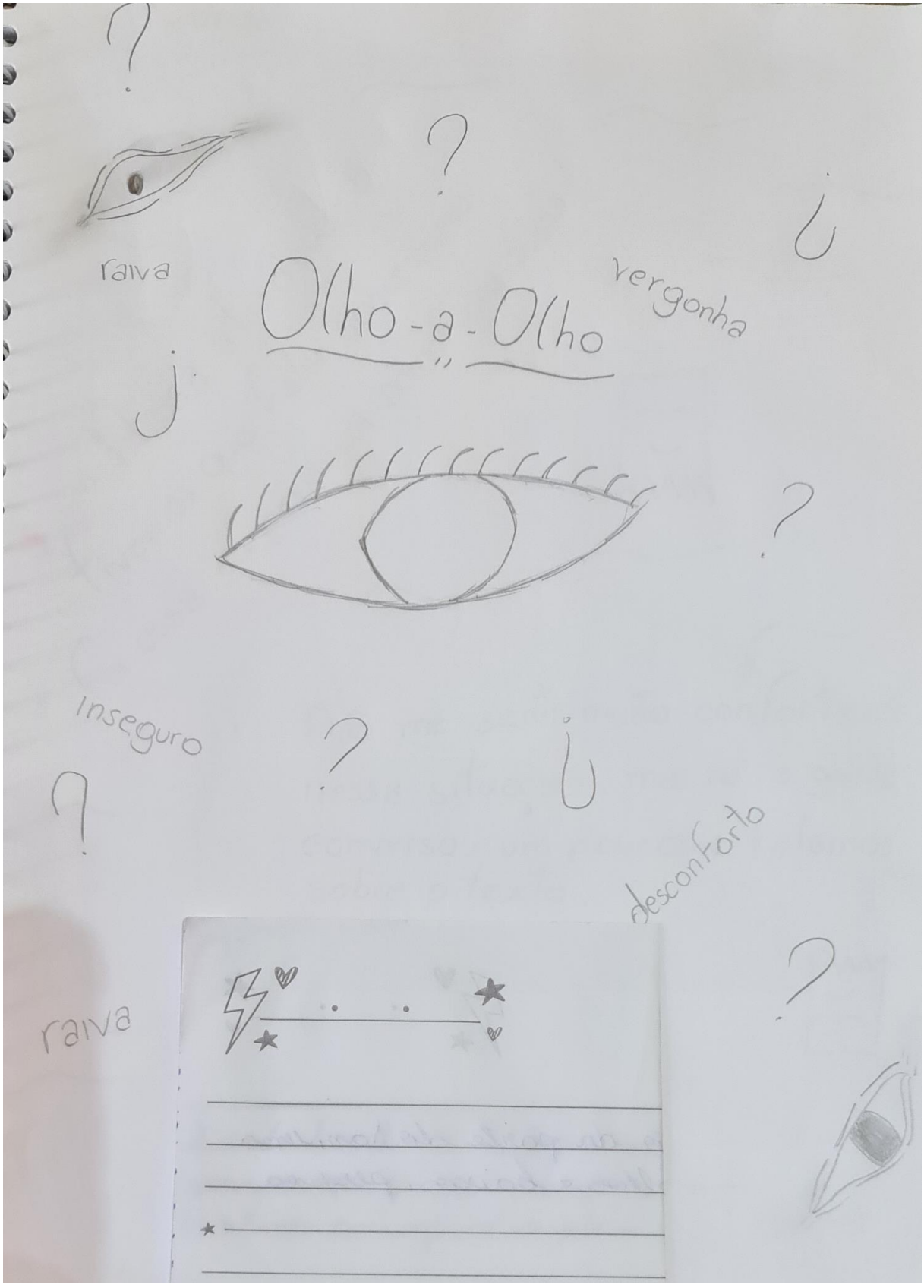


Depois de tanto tempo olhando pra pessoa, o olho começa a arder.

Agora eu vou falar um pouco mais sobre a experiência. O que eu vi no olho do meu parceiro? Eu vi uma pessoa que tem bastante confiança em si mesmo.



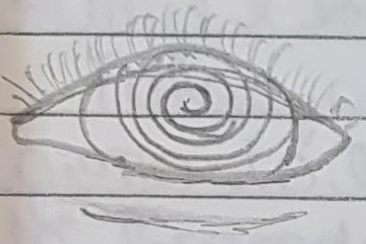
Ficar muito tempo olhando pra pessoa dá vontade de rir.

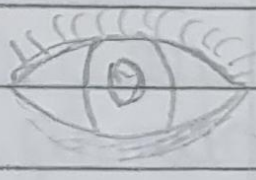

raiva
Olho-a-Olho
vergonha
inseguro
desconforto
raiva



Olho no olho

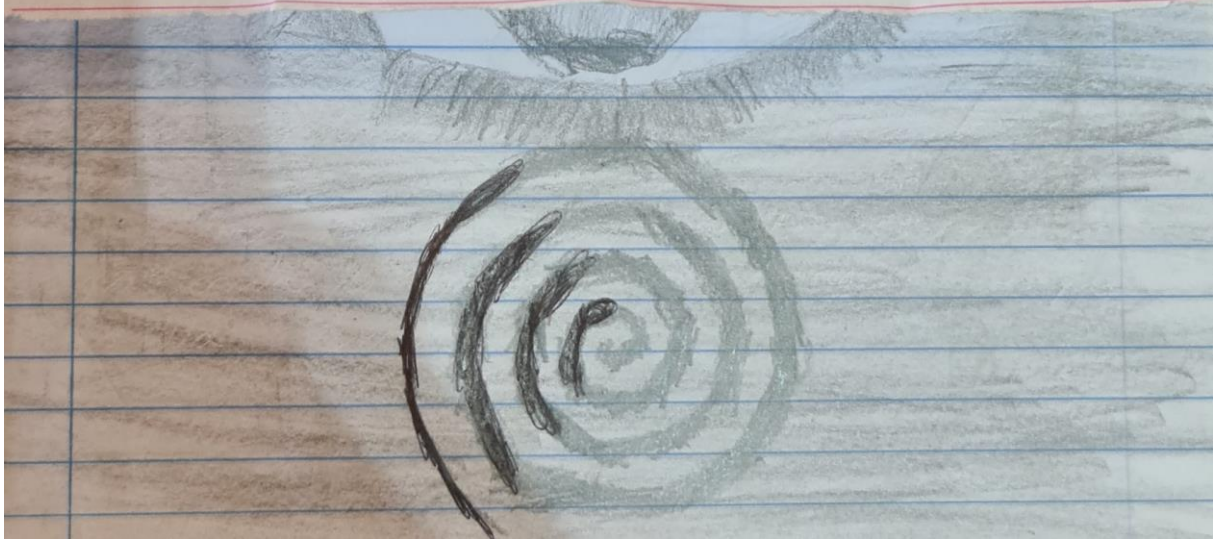
A brincadeira (dinâmica) "Olho no olho" foi bem interessante e extranha no começo eu estava me sentindo desconfortável por causa que eu não conhecia a pessoa direito, isso me fez desconcentrar um pouco, meus olhos começaram a arder porque ficaram muito tempo abertos, mas a dinâmica foi legal.





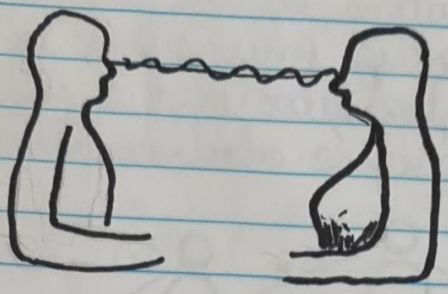
Hoje na escola fizemos uma atividade onde tenhamos que olhar um no olho do outro foi constrageder e foi um momento muito tenso por conta de ficar encarando outra pessoa sem poder falar ou rir, um trabalho que leva a gente a refletir por conta de uma coisa tão simples por outro lado difícil, ficar olhando meu colega que estava na minha frente me olhando e vi a insegurança o medo a vergonha, a sim um um sentimento de parceria de colega e amigo da escola.

Sobre o que ele escreveu ao meu respeito foi bem interessante ele conseguiu vê o que eu sentir na quele momento minha insegurança, meu medo, minhas atitudes que no caso umas boas outras ruins e isso foi bem legal da parte dele e isso serviu para mim abrir os olhos para certas coisas que não conseguia enxergar, uma otima esperiência e uma amizade que vou levar para sempre.

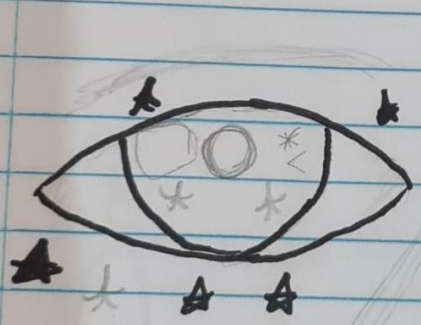


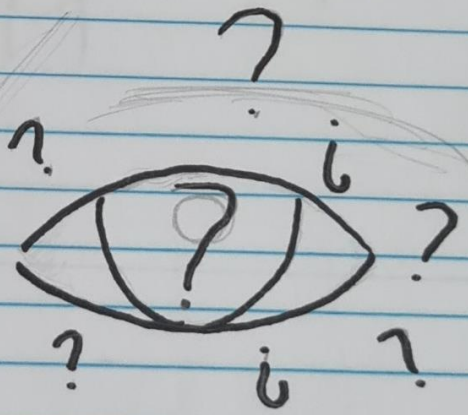
Olho a Olho

A primeira atividade foi uma novidade, uma experiência nova para mim, de olho a olho. Olhar fixamente nos olhos da pessoa que nem se quer conversava foi um pouco estranho, uma sensação diferente



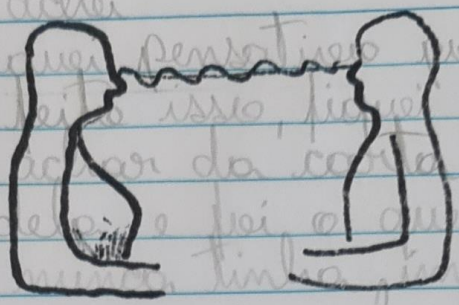
Olhando nos olhos dela, deu pra imaginar de como ela é, como se eu estivesse conhecendo ela olhando apenas nos olhos delas. Deu uma sensação de tranquilidade e de bondade, mas as vezes dava um mistério, que me deixava confuso



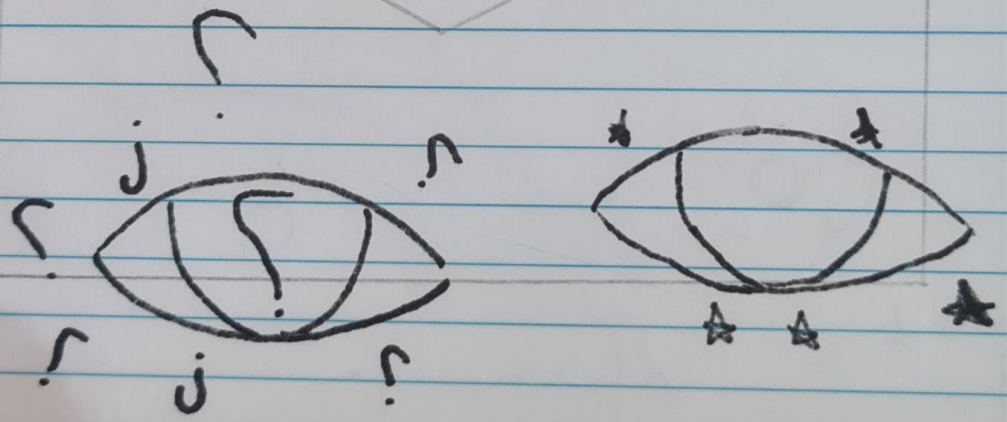


Carta o olho

Depois da aula dos olhos a olhos, tomei fazer uma carta dizendo sobre o que eu vejo naquela pessoa olhando apenas nos olhos dela, dizer o que transmitiu, dizer o que eu achei



Eu fiquei pensativo porque eu nunca tinha feito isso, fiquei pensando o que ela ia achar da carta. Eu recebi a carta dela e foi o que eu menos esperava, pois tinha imaginado que alguém me veria como ela falou na carta

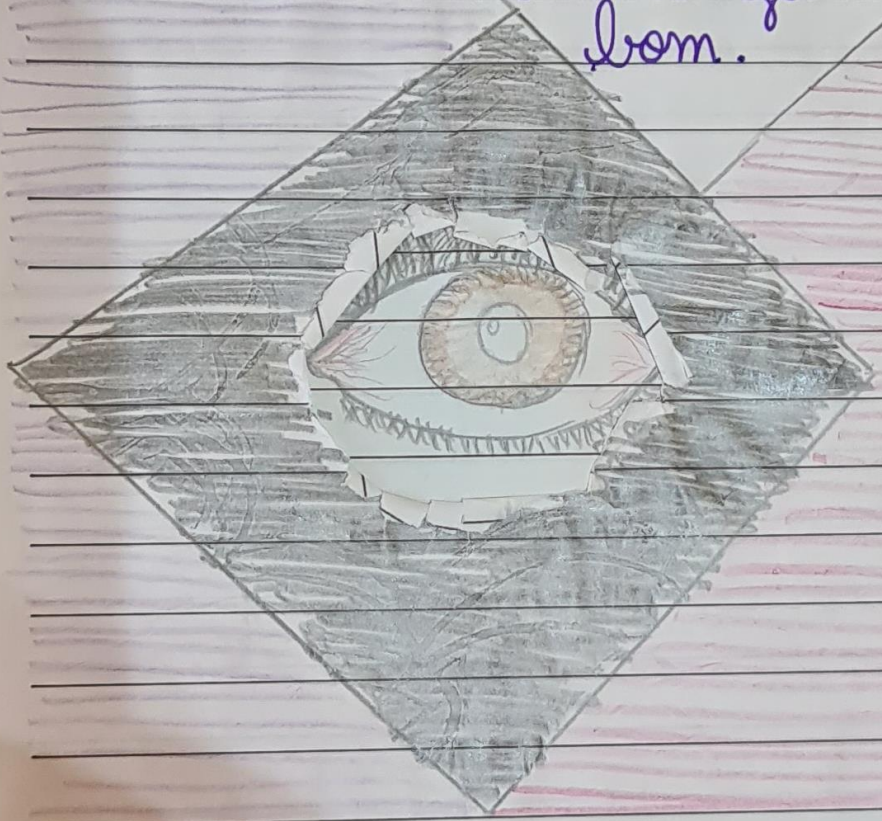


Olho a Olho

1º experiência:

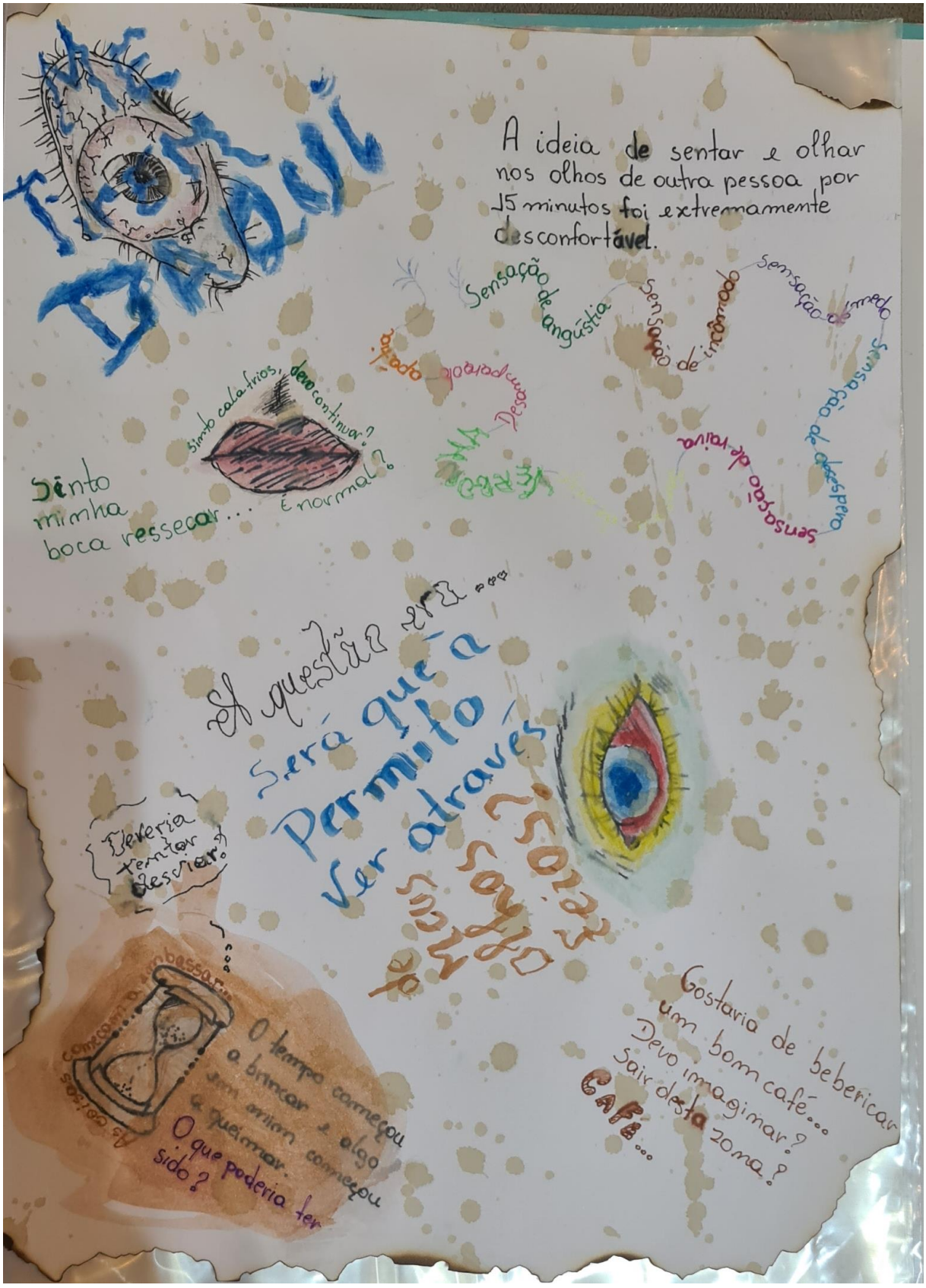
A primeira atividade foi uma das mais complicadas pra mim por conta, de que tinha-mos que ficar encarando uma pessoa que nós nem tinhamos uma intimidade com a pessoa.
Eu me senti muito julgada e observada por uma pessoa que eu não conhecia tanto.

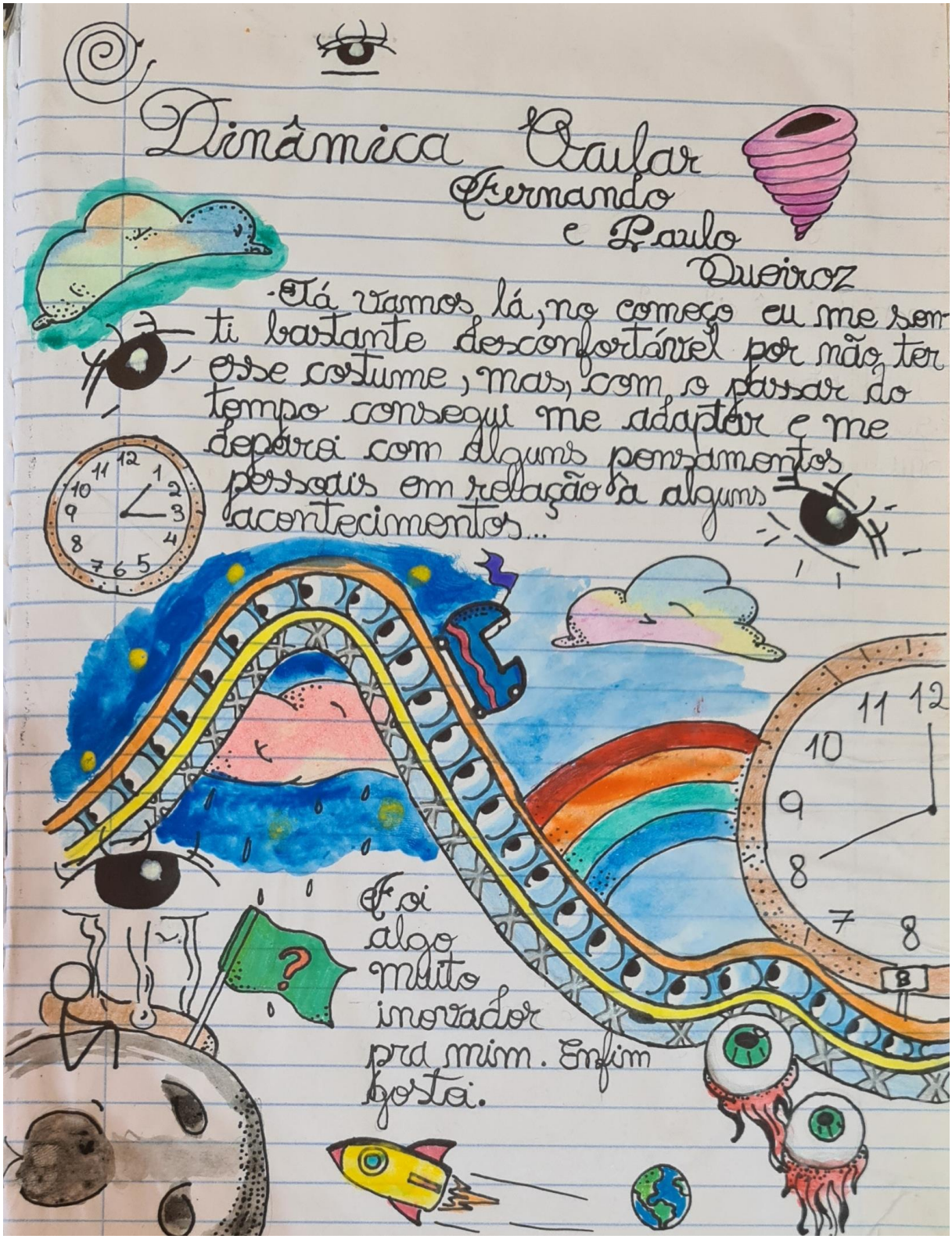
Ao mesmo tempo que foi uma experiencia ruim, foi boa pra entendermos que estamos em uma sociedade que ninguem mais se olha ou se importa com o olhar do outro e isso foi bom.



credeal

OLHO
NO
OLHO


A ideia de sentar e olhar nos olhos de outra pessoa por 15 minutos foi extremamente desconfortável.
Sensação de angústia
Sensação de incômodo
Sensação de medo
Sensação de paranóia
Sensação de raiva
Desespero
Vergonha
Sinto calafrios, devo continuar?
Sinto minha boca ressecar...
É normal?
Será que é permitido ver através?
Deveria tentar descrever?
O tempo começou a brincar e algo sem sentido começou a queimar.
O que poderia ter sido?
Gostaria de beber/cafe...
um bom café...
Devo imaginar?
Sair desta zona?
CAFÉ...


Dinâmica Oaular
Fernando
e Paulo
Queiroz
-Tá vamos lá, no começo eu me sen
ti bastante desconfortável por não ter
esse costume, mas, com o passar do
tempo consegui me adaptar e me
deparei com alguns pensamentos
pessoais em relação a alguns
acontecimentos...
Foi
algo
muito
inovador
pra mim. Enfim
gostei.

PORTFÓLIO

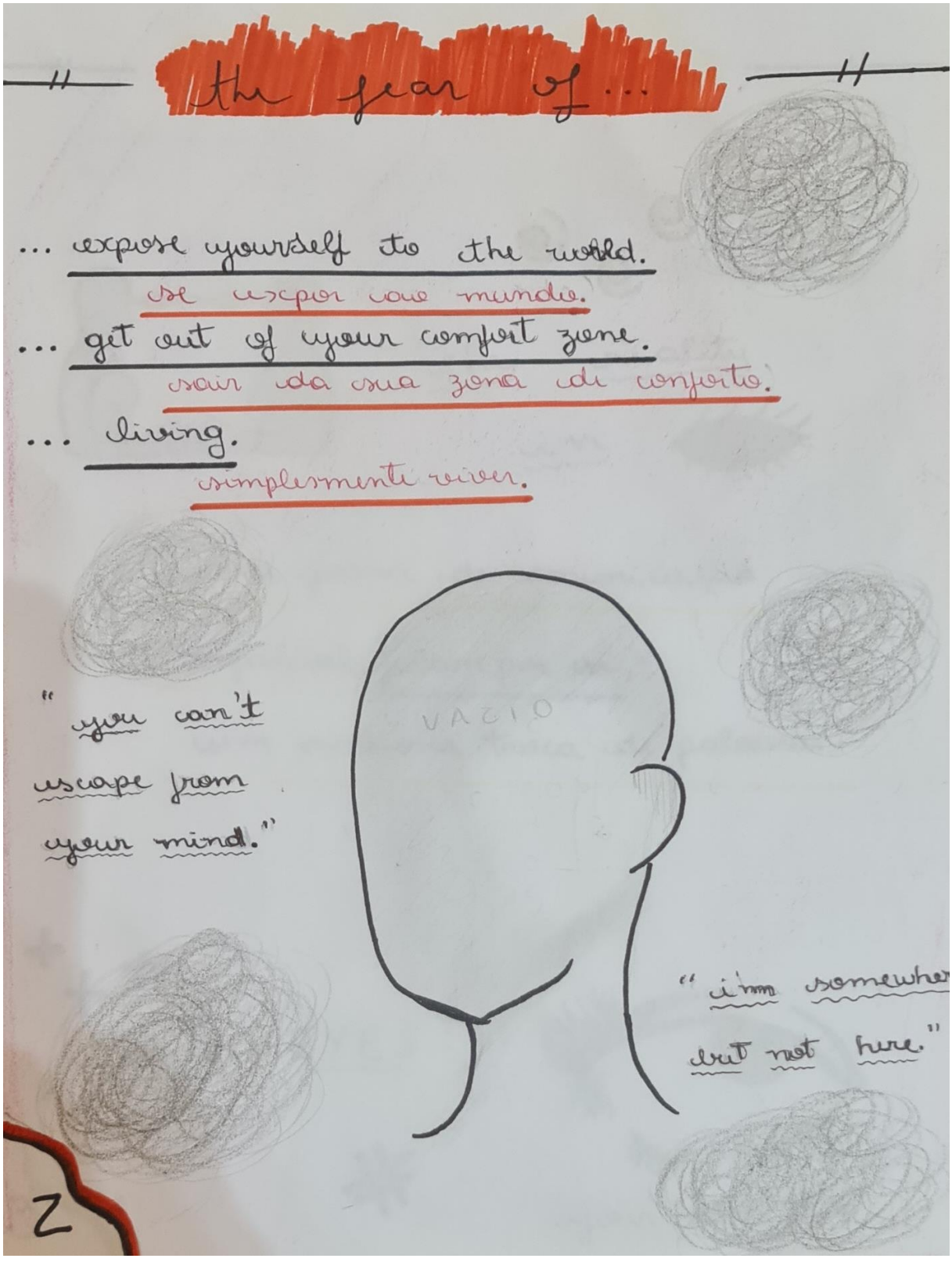
OLHO NO OLHO:

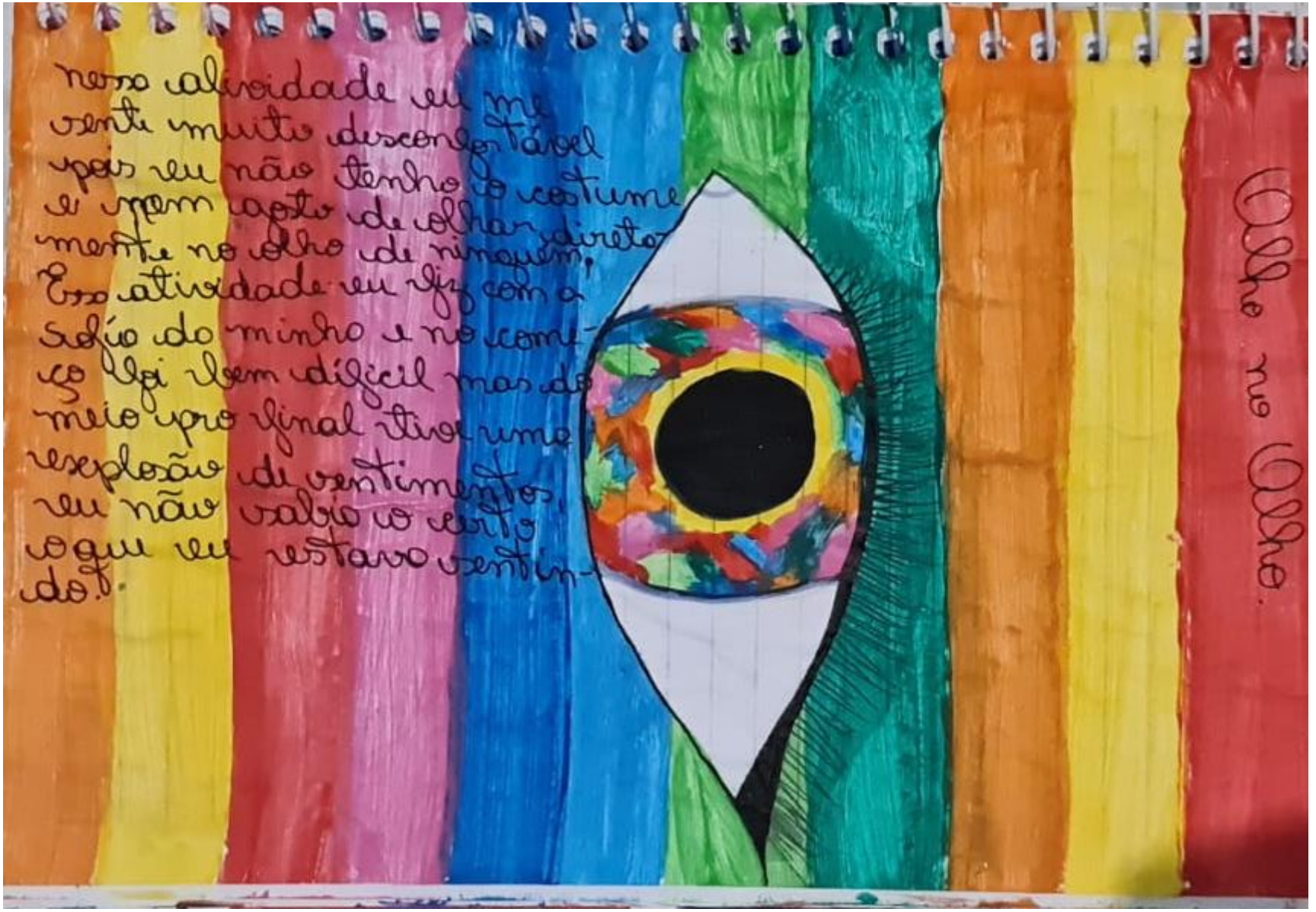
Este foi o primeiro trabalho com o professor Paulo Queiroz. O objetivo da atividade era tentar entender o sentimento do outro pessoa e tentar ver características importantes como cor dos olhos cor do cabelo tentar conversar com a outra pessoa através de olhares sem nem mesmo uma palavra, foi bem interessante pois nunca tinha tentado fazer isso com ninguém no final tivemos que escrever uma carta para o outro companheiro falando o que cada um tinha sentido e falar como foi essa experiência.

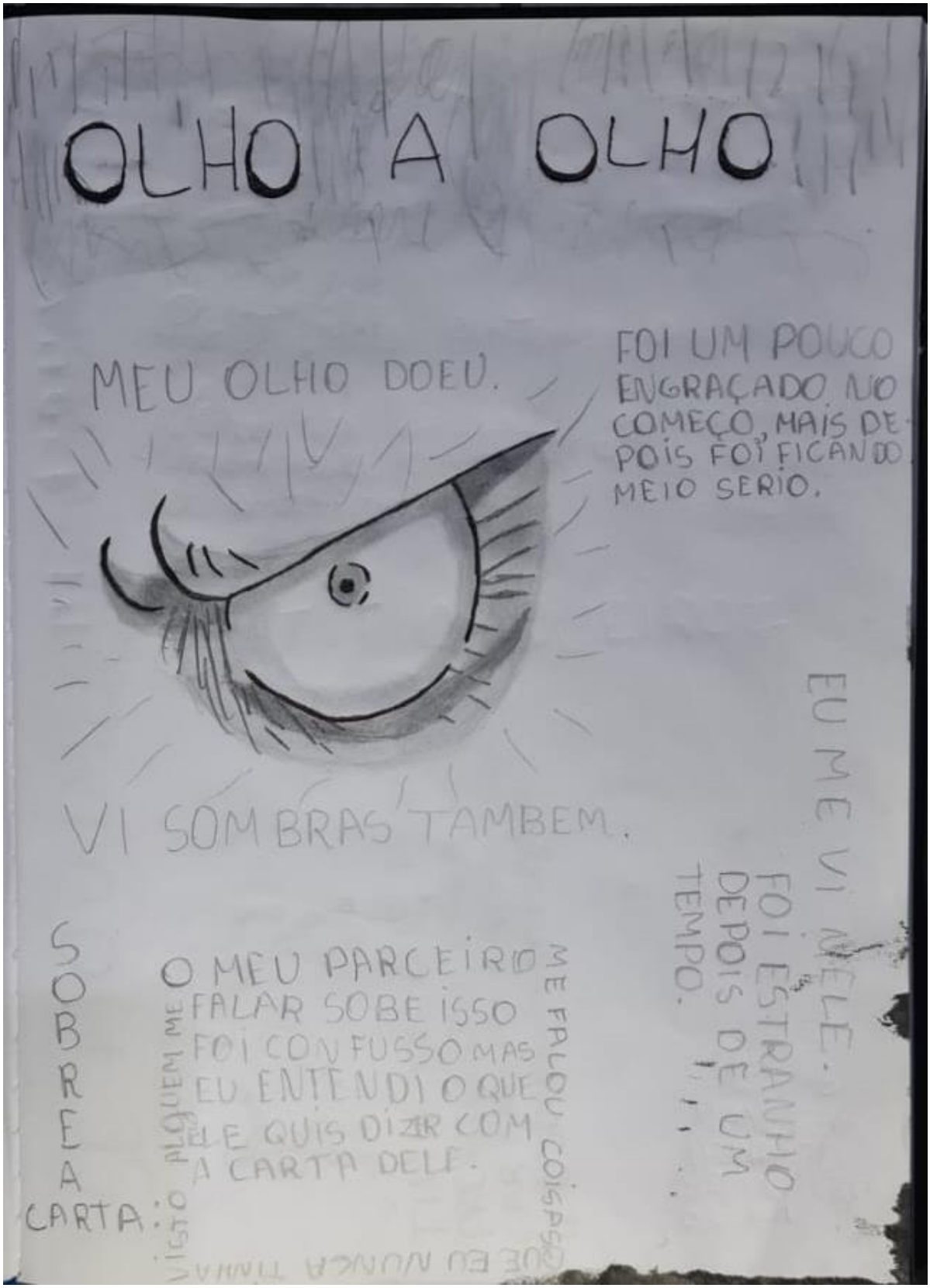
CARTA ENTREGUE A: HANNA

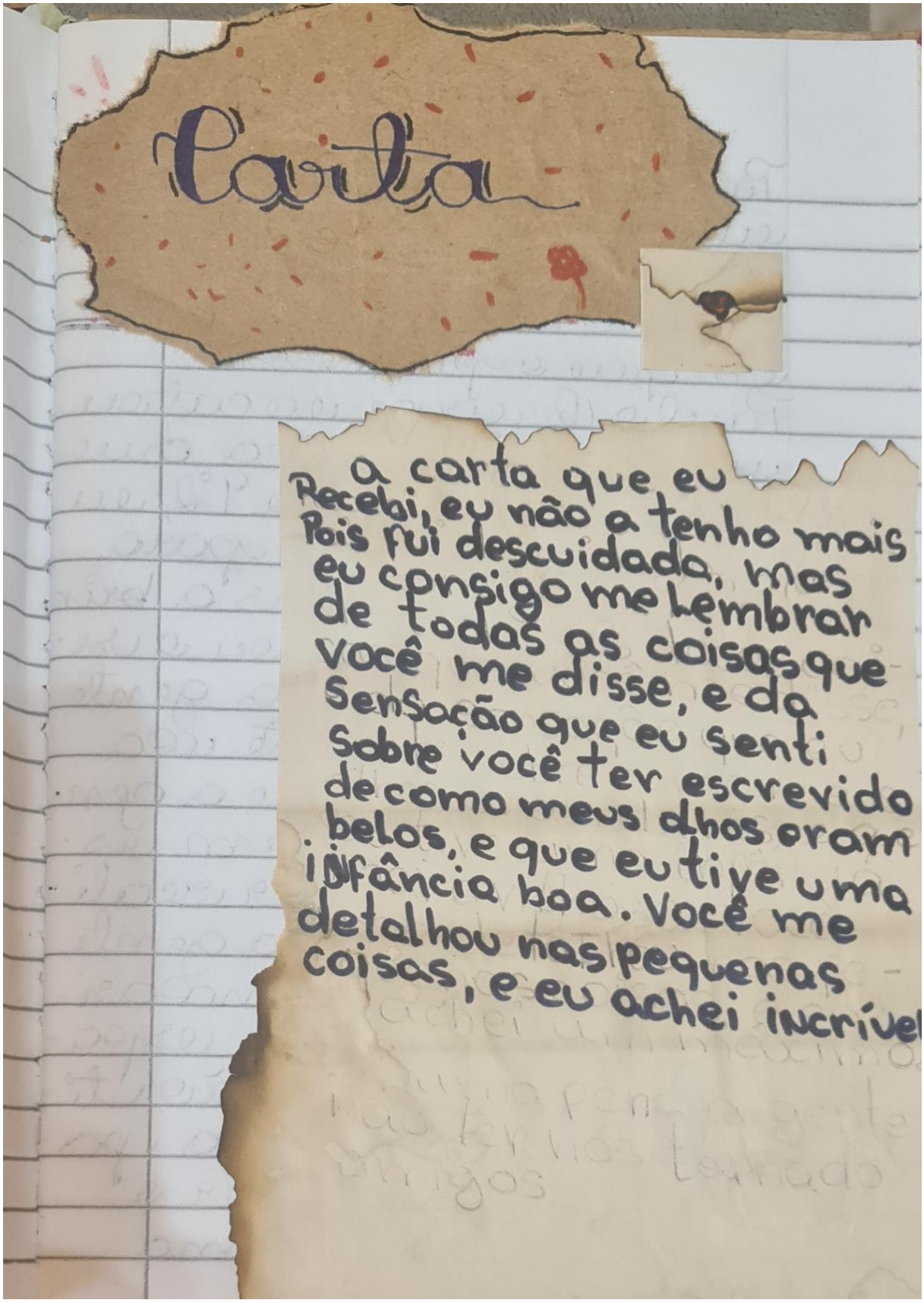
Os olhos dela são escuros Ela parece que acha o enfoque do olhar tão fixamente para mim Ela parece ter muitos amigos e também que era Bem sozinha quando começou a estudar na Escola Ela parece ser Bem comunicativa e também muito Estudiosa parece ser também um pouco insegura quanto a sua decisões mais parece sempre tomar a certa.

HANNA.


the fear of...
... expose yourself to the world.
... get out of your comfort zone.
... living.
" you can't escape from your mind."
VAZIO
" i'm somewhere but not here."


Olho no Olho.
nessa atividade eu me
senti muito desconfortável
pois eu não tenho o costume
e nem gosto de olhar diretamente no olho de ninguém!
Essa atividade eu fiz com a
colega do minha e no começo foi bem difícil mas do meio pro final tive uma explosão de sentimentos,
eu não sabia o certo
o que eu estava sentindo!


OLHO A OLHO
MEU OLHO DOEU.
FOI UM POUCO ENGRAÇADO NO COMEÇO, MAIS DEPOIS FOI FICANDO MEIO SERIO.
VI SOMBRAS TAMBEM.
EU ME VI NELE. FOI ESTRANHO DEPOIS DE UM TEMPO. . . .
SOBRE A CARTA:
O MEU PARCEIRO FALAR SOBE ISSO FOI CONFUSSO MAS EU ENTENDI O QUE ELE QUIS DIZER COM A CARTA DELE.
ME FALOU COISAS QUE EU NUNCA TINHA VISTO ALGUEM ME

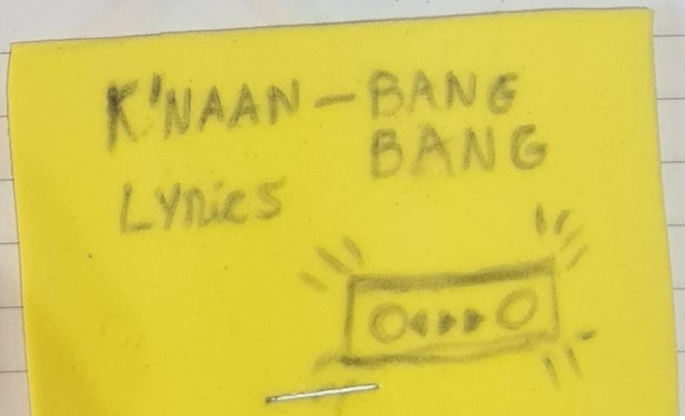

Carta
A carta que eu
Recebi, eu não a tenho mais
Pois fui descuidada, mas
eu consigo me lembrar
de todas as coisas que
você me disse, e da
sensação que eu senti
sobre você ter escrevido
de como meus dhos eram
belos, e que eu tive uma
infância boa. Você me
detalhou nas pequenas
coisas, e eu achei incríve

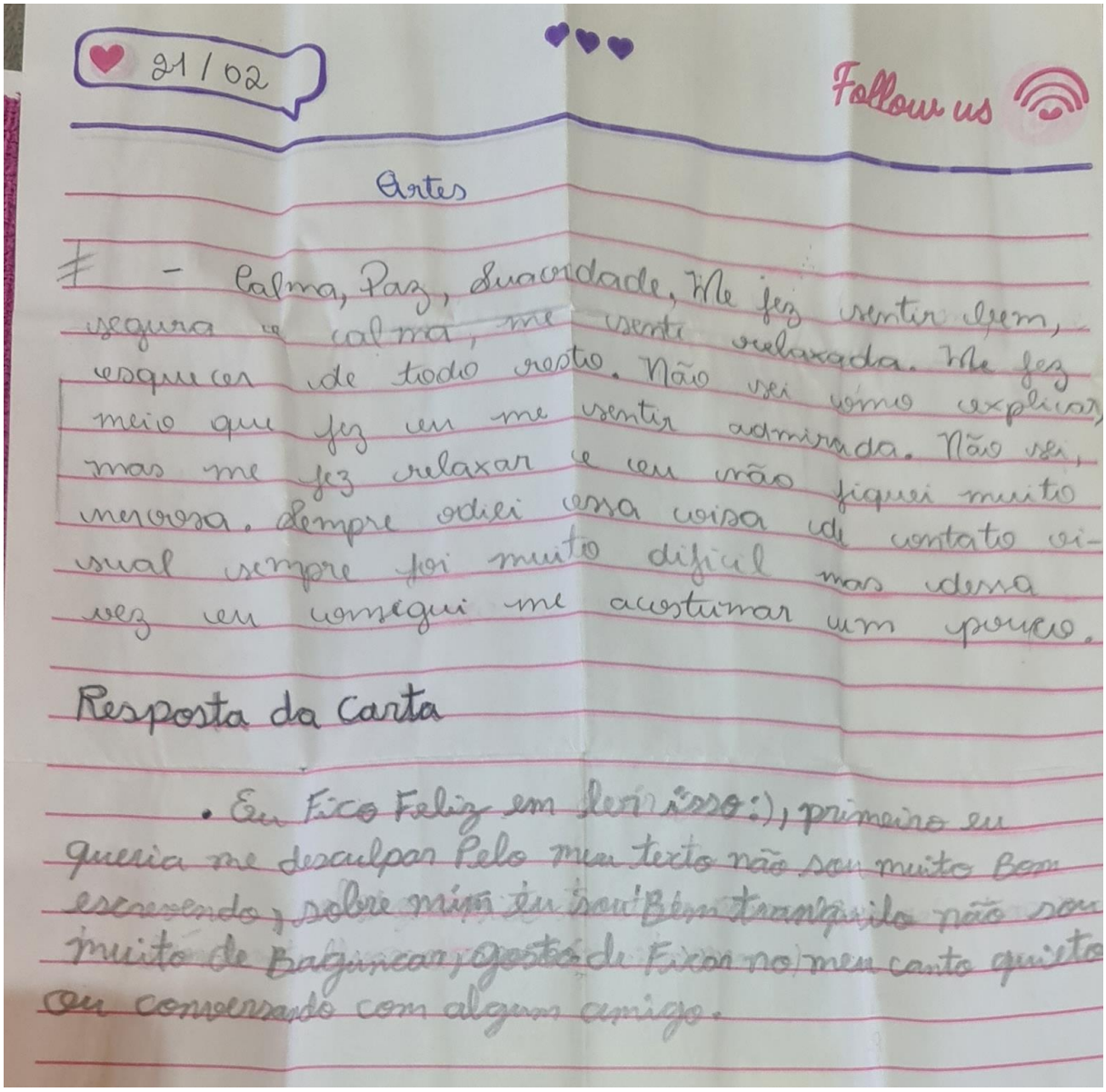
Carta

bom... foi realmente algo gratificante a carta que à Giovanna me escreveu não foi bem uma descrição minha, mas sim a "vibe" que eu transmitia, tudo que ela escreveu sobre mim me deixa muito feliz.

Já a carta que escrevi para ela soou mais como uma descrição em uma conversa com ela e realmente tinha acertado a maioria das coisas. descobrimos varias coisas em comum como ideias.






21/02

Follow us

Artes

≠ - Calma, Paz, Suavidade, Me fez sentir bem, segura e calma, me senti relaxada. Me fez esquecer de todo resto. Não sei como explicar, meio que fez eu me sentir admirada. Não sei, mas me fez relaxar e eu não fiquei muito nervosa. Sempre odiei essa coisa de contato visual sempre foi muito difícil mas dessa vez eu consegui me acostumar um pouco.

Resposta da carta

• Eu Fico Feliz em ler isso :), primeiro eu queria me desculpar Pelo meu texto não ser muito Bom escrevendo, sobre mim Eu sou Bem tranquila não sou muito de Bagunçar, gosto de Ficar no meu canto quieto ou conversando com algum amigo.

Apesar de eu não ter mais a carta, eu lembro de algumas coisas que me marcou muito!!

Algumas palavras eram verdadeiras outras não, mais ele sempre sendo doce e gentil em suas palavras.

Me senti incrivel quando ele elogiou meu cabelo e meus olhos

e fico feliz em saber que essa atividade criou uma amizade.

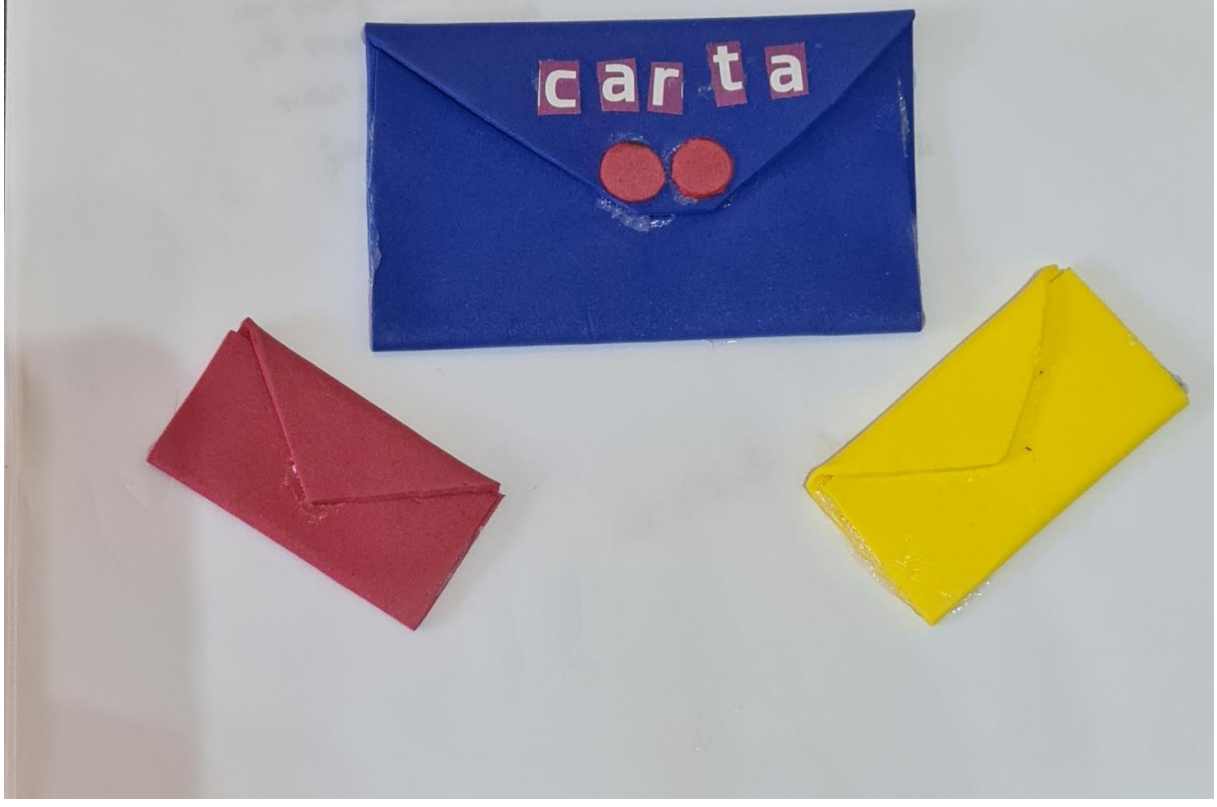


CARTA

Carta

Bom, eu não sei aque dizer sobe a carta, porque eu não ganhei a carta mas lendo isso, eu gostei, eu até escrevir a carta para a pessoa que estava comigo eu não sabia aque escreve pois eu não prestei atenção!

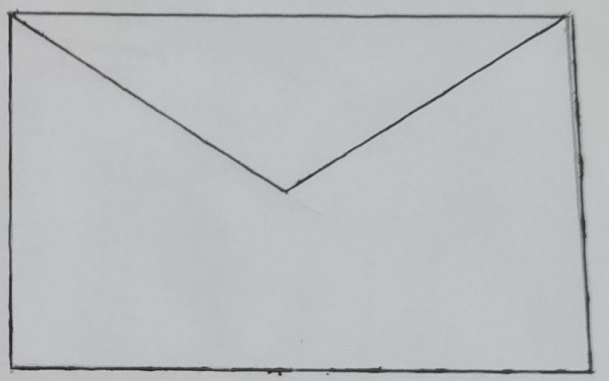
fique sem criatividade gostei não prestei muita

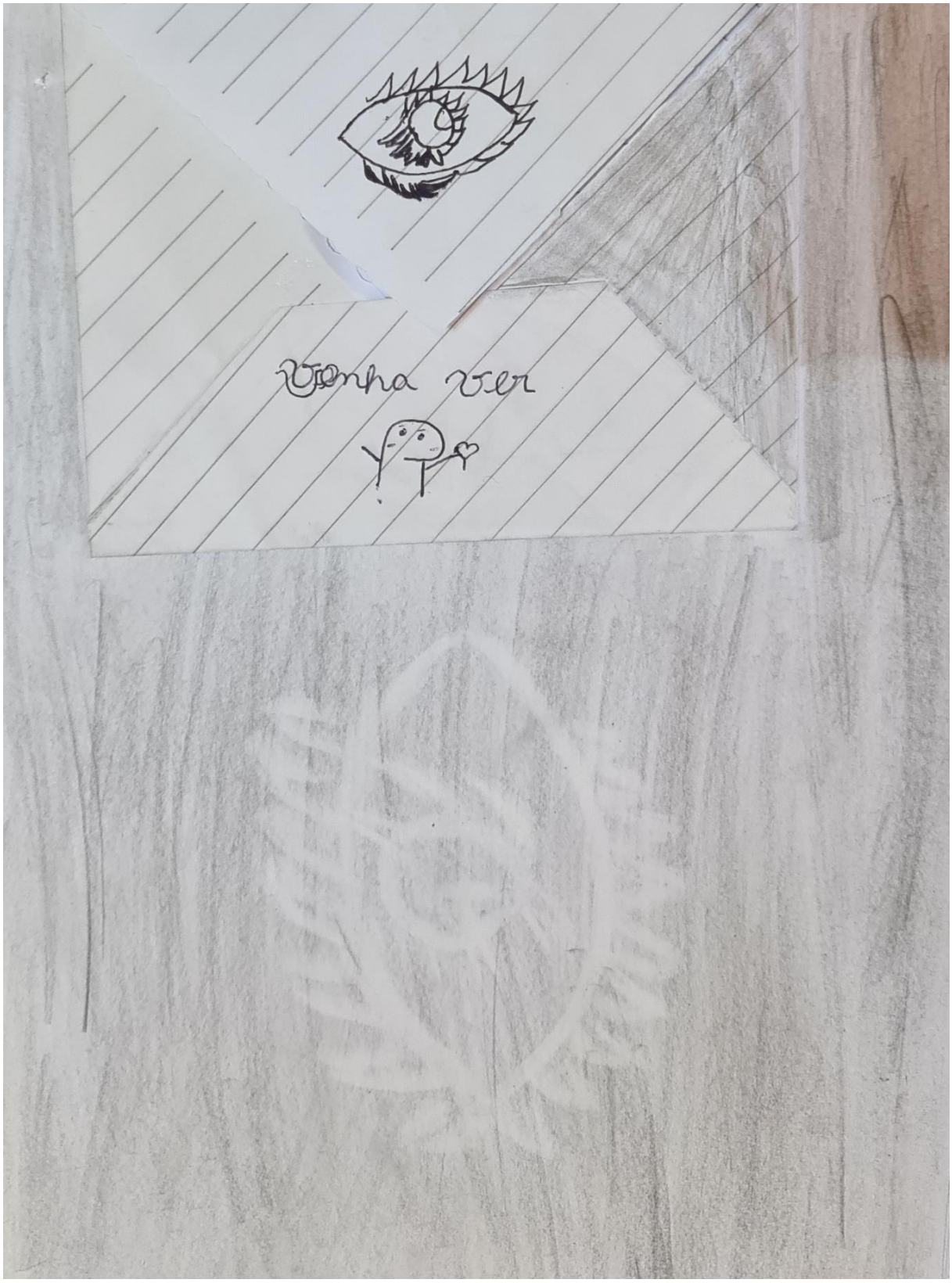


Carta

Na Segunda atividade o professor mandou a gente fazer uma carta do que a gente sentiu olhando no olho do parceiro e mandou a gente dar para a pessoa.

Eu sentir um pouco de dificuldade para expressar o que eu sentir mas no final deu tudo certo.

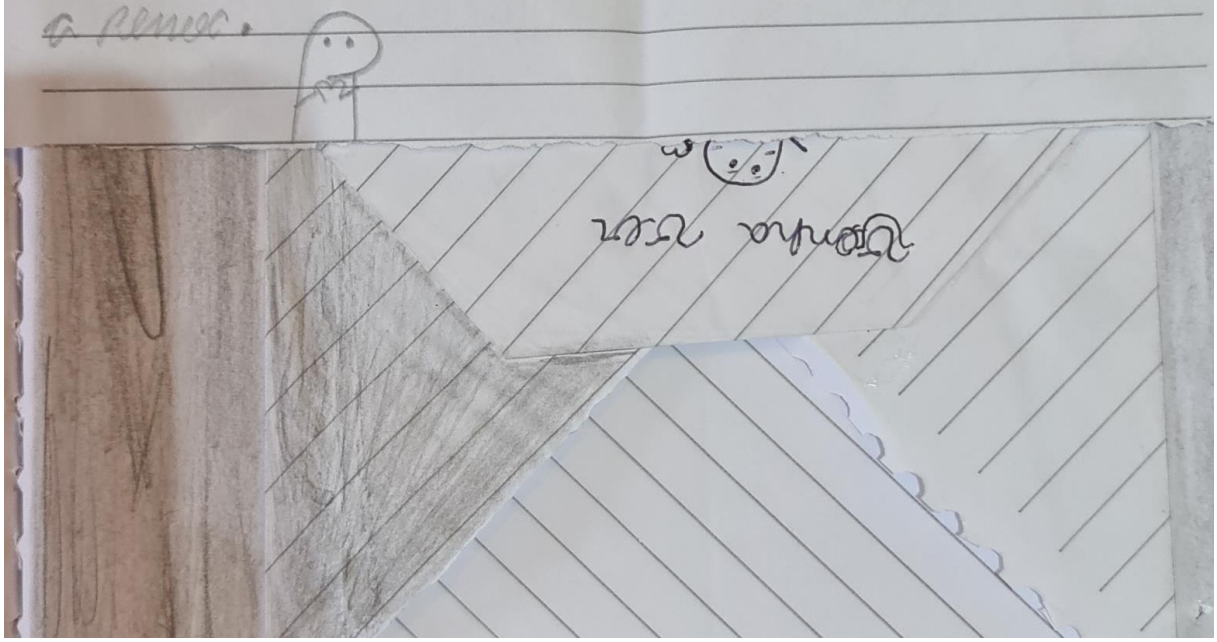



Venha ver

OLHO NO OLHO

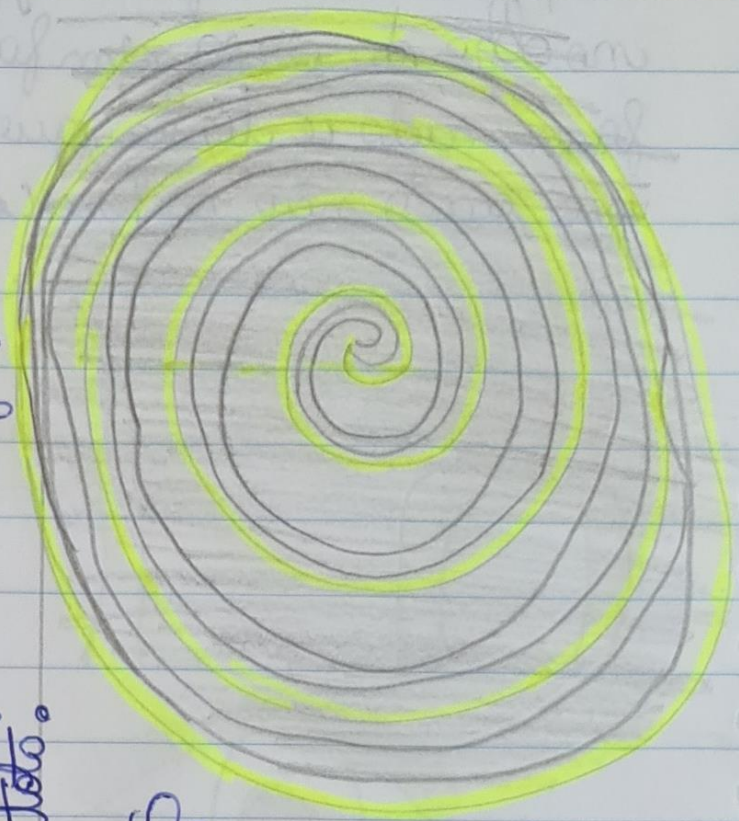
Nessa hora pensei algo bem lá de dentro, meus pensamentos nunca agiram rapido, ver o que aquela pessoa sente, oque se passa pelos olhos transmitindo uma energia, seriedade e interesse no diálogo.

me sentindo muito encomodado e com vontade rir, percebi coisas nela que me surpreendeu, uma pessoa que se passou ainda o perfume, e uma alegria tentando pra apagar todo seu mal. naquela hora já estava com vontade de rir, mais interagir com o olhar dela, percebendo tudo sofre ela, e quando ela me deu oque rir em mim, me surpreendi, pois disse oque tava acontecendo. Então eu vi a experiência de conviver nos olhos energias sobre a pessoa.



Aqui eu senti passando 15 minuto uma pessoa olhando para mim.

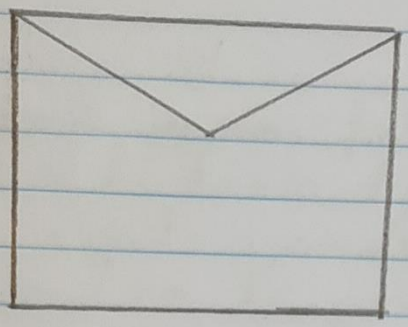
Eu tava olhando pra minha mãe e ela muito eu não gosto que fica me olhando por muito tempo porque dar vontade de rir e quando a pessoa fica me olhando por muito tempo dar para ver o que a pessoa já passou na vida eu senti um pouco triste.



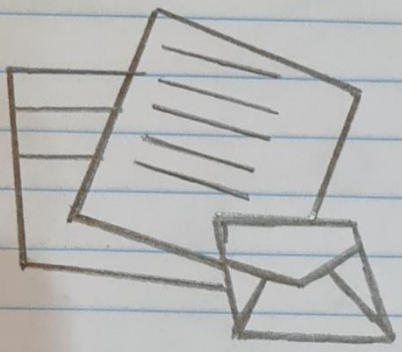
Aqui a menina falou de mim

que ela não gostava de mim mais depois que viu no meu olho ~~que~~ até gosto de mim que eu minha cara de aparece legal de...

CARTA



Sobre a carta, foi uma atividade com o meu amigo Jhonata. Que escreveu só coisas boas para mim.



Eu não tenho mais a carta, Mas foi uma atividade interessante pois a pessoa escrevia coisas que tinha visto no seu olho.

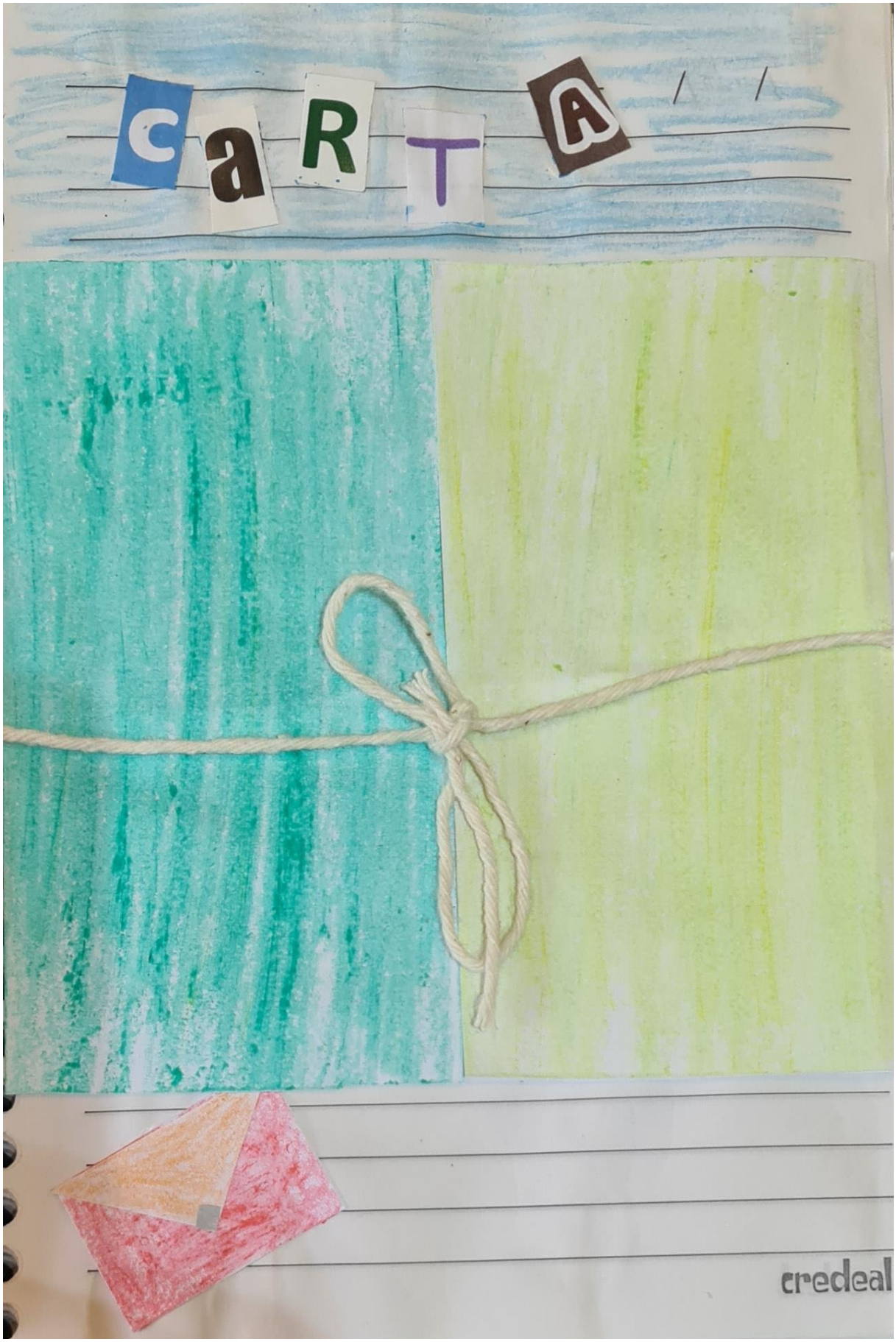
Nessa atividade tivemos que falar sobre como foi essa experiência com nossa dupla!



Não me senti muito confortável nessa situaçaõ, mas né, a gente conversou um pouco e falamos sobre o texto.





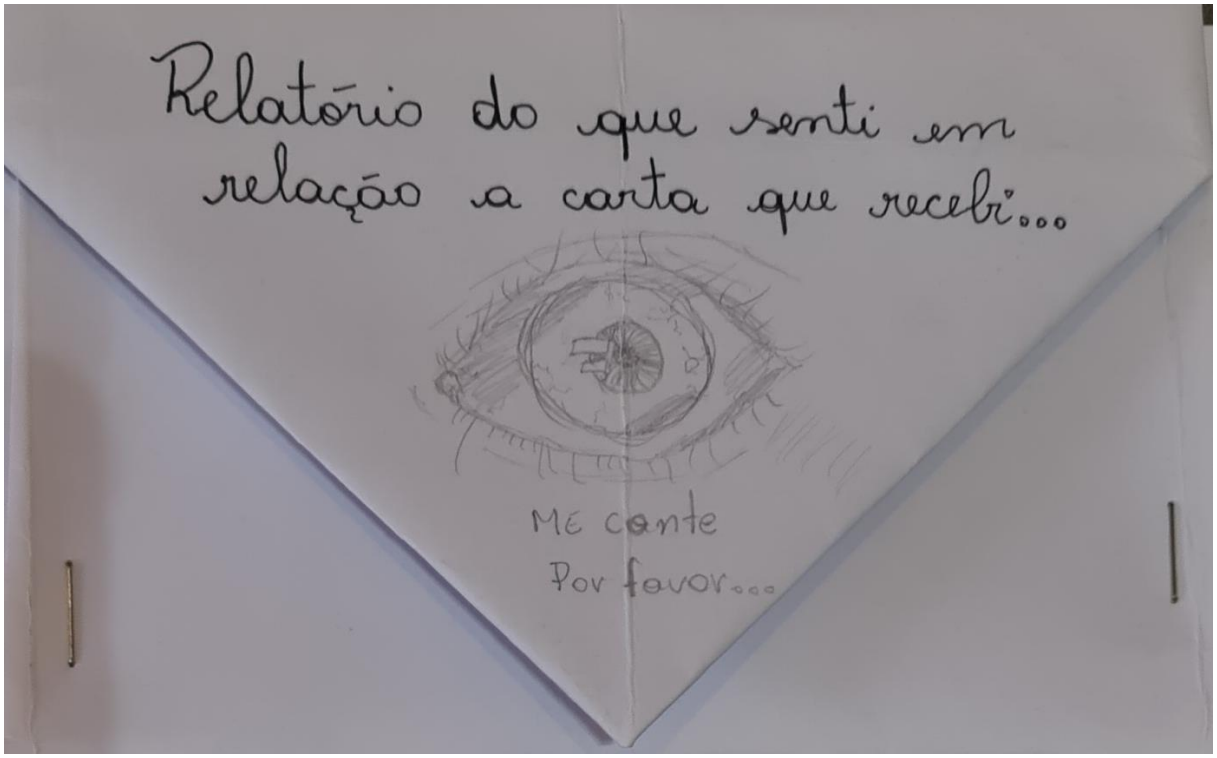

CaRTA
credeal



Essa atividade foi muito interessante mesmo que pra mim foi bem desconfortável, fico bem triste de não ter a carta, mais foi legal que a pessoa escreveu lá o que realmente eu tava passando.

Eu achei uma das melhores atividades, mesmo que tenham alguns pontos chatos.




Relatório do que senti em relação a carta que recebi...
Me conte
Por favor...

Arte

1- Como você se sentiu?

A experiência de sentar ereta e olhar diretamente pros olhos da pessoa à sua frente foi realmente estranha, tudo ao redor fica turvo e o olho foca apenas na pessoa, meus olhos arderam e desviei várias vezes evitando o seu olhar, foi extremamente difícil fazer essa dinâmica (pra mim), doía minha coleça quando ela continuava a olhar para mim, eu acho que estava um pouco estressada e angustiada de alguma forma. Estava me sentindo sufocada com o ~~contato físico~~ pedido repentino de contato físico, de segurar as mãos e abraçar, mas ao mesmo tempo eu gostei, é uma coisa muito confusa, nem eu mesma sei dizer como eu me senti. Senti também uma pressão muito grande vindo do olhar que ela me dirigiu, seu olhar era muito observador, por isso eu evitei várias vezes seu olhar, comecei a ficar nervosa, não queria que ela olhasse para mim. Não queria tocá-la e nem que ela tocasse em mim, naquele momento, queria me esconder em meu cabelo, comecei a ter a sensação de coceira pelo corpo, comecei a querer me cobrir, cada pedaço dele, do topo da cabeça aos dedos dos pés, mas em geral foi uma experiência e tanta. Obrigada por ser minha companheira da dinâmica Raquel.

2- Ler e responder à ela.

No começo de sua carta ela cita que enxerga "uma dor", "um medo", e, "uma confusão - talvez interna.", dor é algo que todos tem por mais confortável que seja sua vida, sempre irá ter algo que te machuca, por mais bobo que seja o que lhe causa dor, sempre vai existir, se algo importa para você por mais mínimo que seja, não é bobo, não é idiota, bom voltando ao ponto, eu tenho sim, tanto física, emocional e psicológica, um medo também, quer dizer, vários, mais isso é algo que nem mesmo com o tempo e conversa foz passar, ~~(as se zes penso que tudo começa a dar errado à partir)~~ talvez um dia eu supere, é claro que hou superar, ainda sou nova, tenho muito o que viver ainda, irei amadurecer mais e consiguirei superar isso, não só isso mas os outros também. Em relação à confusão, bem eu sou muito confusa em muitas coisas, algumas triviais outras mais pessoais, confusão eu tenho toda hora, todo dia, toda semana .... enfim, acho que não entendi ao oque ela se referia, mas se isso responde à sua pergunta, sim eu tenho, mas não, várias confusões internas. Ela cita também que eu aparento ter um olhar cansado mas mesmo assim forte, bom eu fico feliz que ela me veja assim, mas, eu dis-

cordo na parte onde ela fala que meu olhar é forte mesmo aparentando estar cansado, eu não acho, eu apenas finjo,... Na verdade eu não sei, então vamos parar por aqui. Sim, ela está certa algo me aflinge, algo que não quero que saibam, algo que não quero que ouçam. Ela fala novamente sobre meu olhar ser forte e passar confiança, acho que um lado de mim se considera forte, mas outro se considera fingido e mentiroso, na verdade acho que sempre gostei de passar tal confiança e força, gosto de passar segurança para a pessoa, talvez eu nem passe, mas antes era assim, é bom colocar um sorriso pequeno às vezes, pelo menos finjir que ainda tenho eu passo confiança e força, é bom, eu gosto. Meu olhar é tão cabisbaixo assim? Ele realmente passa a vibe de que eu estou pedindo um abraço? Nossa, peço desculpas sobre isso se em algum momento isso deixou alguém desconfortável. Bom, essa carta tem bastante observação, ela é realmente bem observadora, posso estar errada, mas é isso o que eu acho, no fim eu me identifiquei com cada frase e palavra, pode parecer muito dramático mas sim, eu chorei em casa após ler, é bom saber que alguém consegue ver através da máscara feliz, confiante, forte e sorridente.

Nesta dinâmica foram formadas duplas que teriam de ficar 30 minutos se encarando sem quebrar o contato visual. Também tendo que fazer uma carta falando sobre o que achou da dinâmica e a "possível" história/personalidade de quem estava à sua frente



Manaus, 26 de Agosto de 2022

Leitor

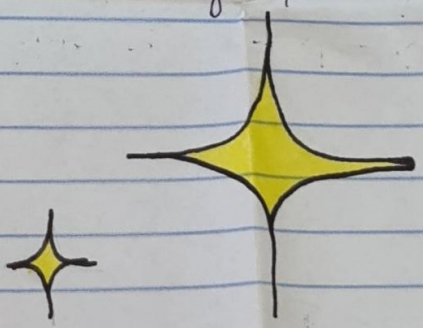
Caro leitor, esta é uma carta que conta o que achei e senti ao escrever para o professor

Para mim foi bem mais fácil já que não havia necessidade de se "expor". Comecei a escrever as situações que a maioria das pessoas que eu conheço passaram ou ainda passam.

De fato foi um tanto quanto tenso já que eu tive a "sorte" de cair com o professor, mas, por um lado foi bom por ter tirado mais esse "medo" que eu tinha dele.

Fernando Augusto

P.S: E claro, a experiência foi incrível graças a presença ilustre do professor Paulo Queiroz.



Bom, a nossa 2° Atividade foi "a dinamica da bola"!!

Teria que andar por todo o espaço e onde não tivesse gente era pra prender o local, e uma pessoa estaria com a bola andando e depois jogar para uma pessoa.

Obs: a pessoa teria que estar andando e ficar alerta por que ela poderia se aproxima!!

Bom eu não sei oque falar
Pois eu não participei
eu só sei por que me
explicaram como fei!
até que eu gostaria
de ter participado
da atividade
eu.

JOGO

DA

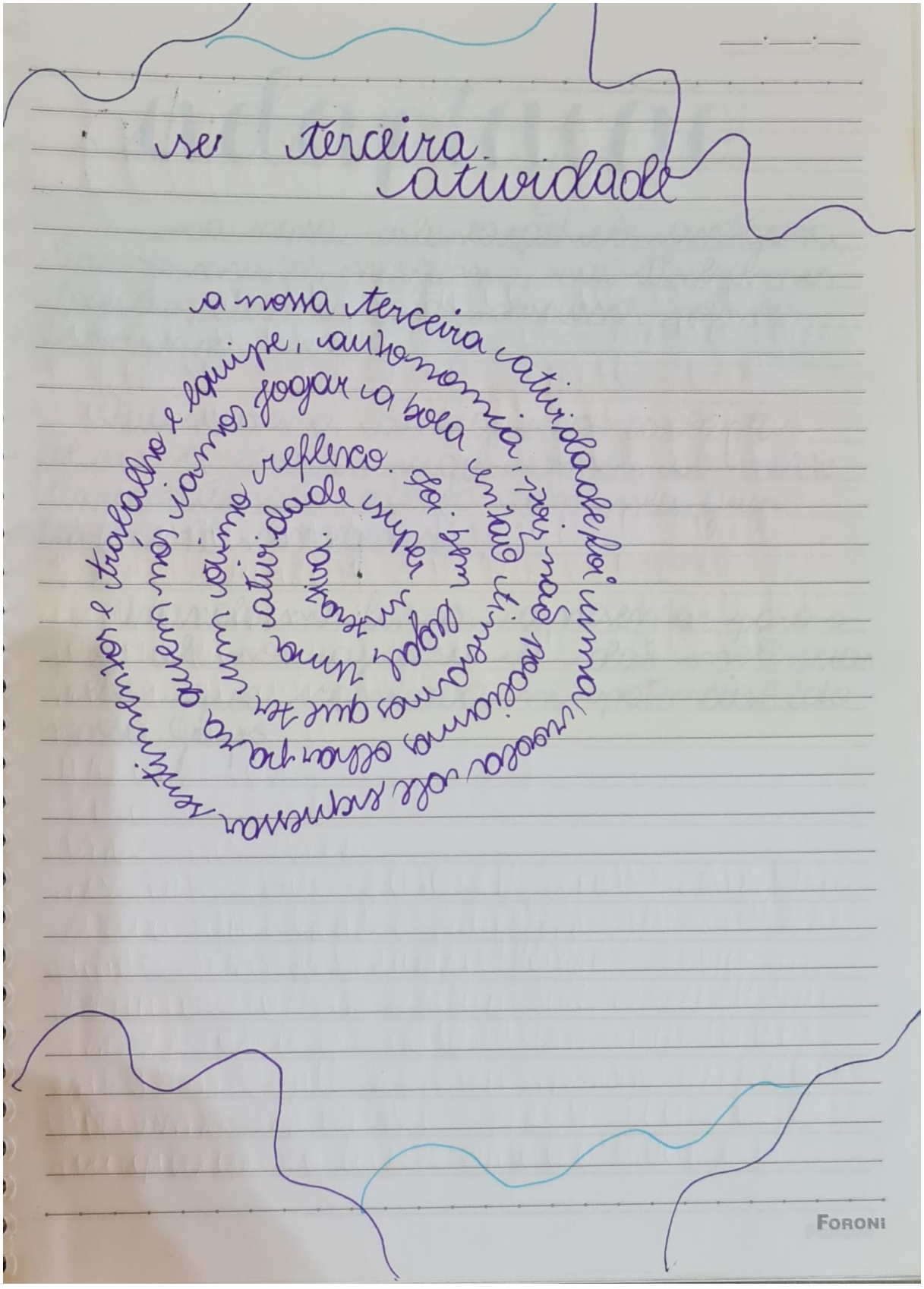
BOLA

eu não participei
de muitas aulas
mais eu sei como
fei, porque
me falaram.

muito ouente

CHATO

não entendi do primeiro.


Sexta atividade
a nossa terceira atividade foi uma vivência reflexo. foi bem legal, uma atividade super divertida, nos organizamos de forma que todos participassem, uns iam jogar a bola e outros ficavam na roda, depois trocavam, todos participaram, foi muito legal, trabalho em equipe, autonomia, foi uma vivência muito boa, aprendemos muito com ela, aprendemos a trabalhar em equipe e a respeitar o tempo de cada um, quem não queria jogar não precisava, quem queria jogar jogava, foi muito legal, gostamos muito.

Resumo sobre Cintígona

O resumo sobre Cintígona foi fazer grupos e contar o que acontece na história. No grupo que eu fazia parte só eu e a Kate que sabia mais da história. Como essa foi o começo, foi até legal debater e conversar sobre a história.

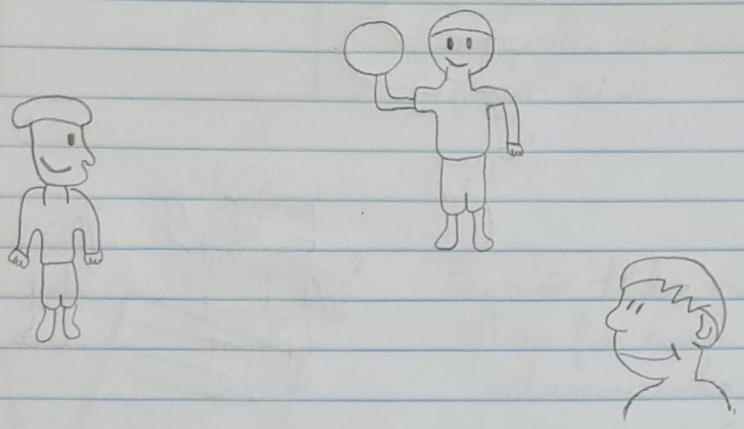
A dinâmica lá fora e a conversa

A dinâmica lá fora foi legal pq juntou as duas turmas e naquele tempo a gente tava com saudades deles. A brincadeira foi confusa, a gente tinha que andar por todo parte atacando a bola, as regras era muito confusa e tava muito quente.

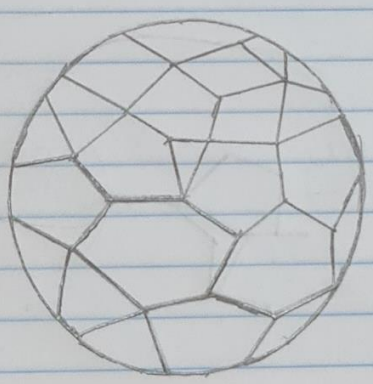
A conversa foi para (cada) saber pq a pessoa escreveu aquilo no olho no olho.

Experiência da bola

A experiência de jogar a bola um para o outro foi cansativo, pois nesse dia estava muito quente. Mas até que foi legal, foi tipo uma brincadeira entre os amigos, a experiência foi legal e ao mesmo tempo cansativo.

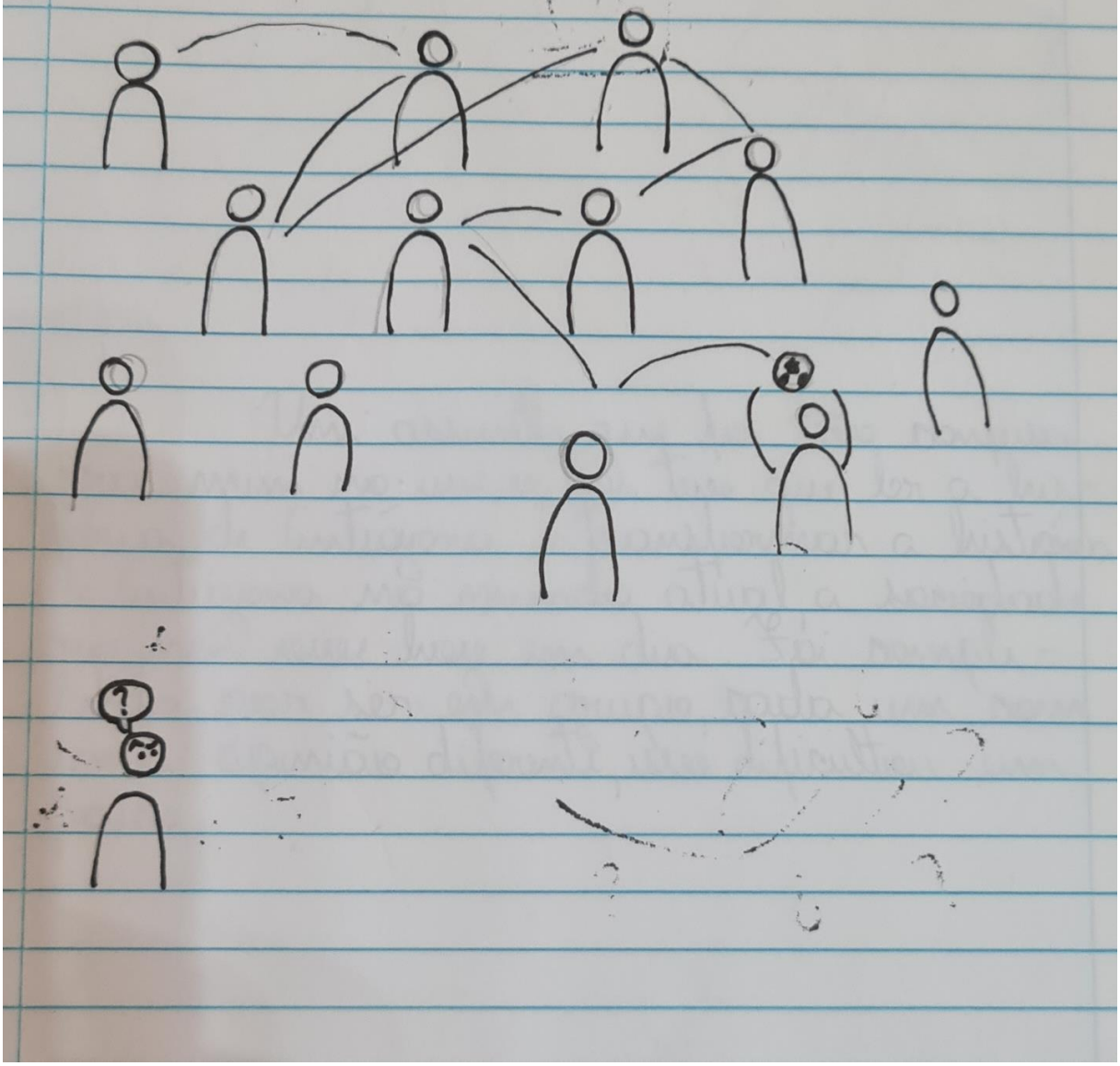


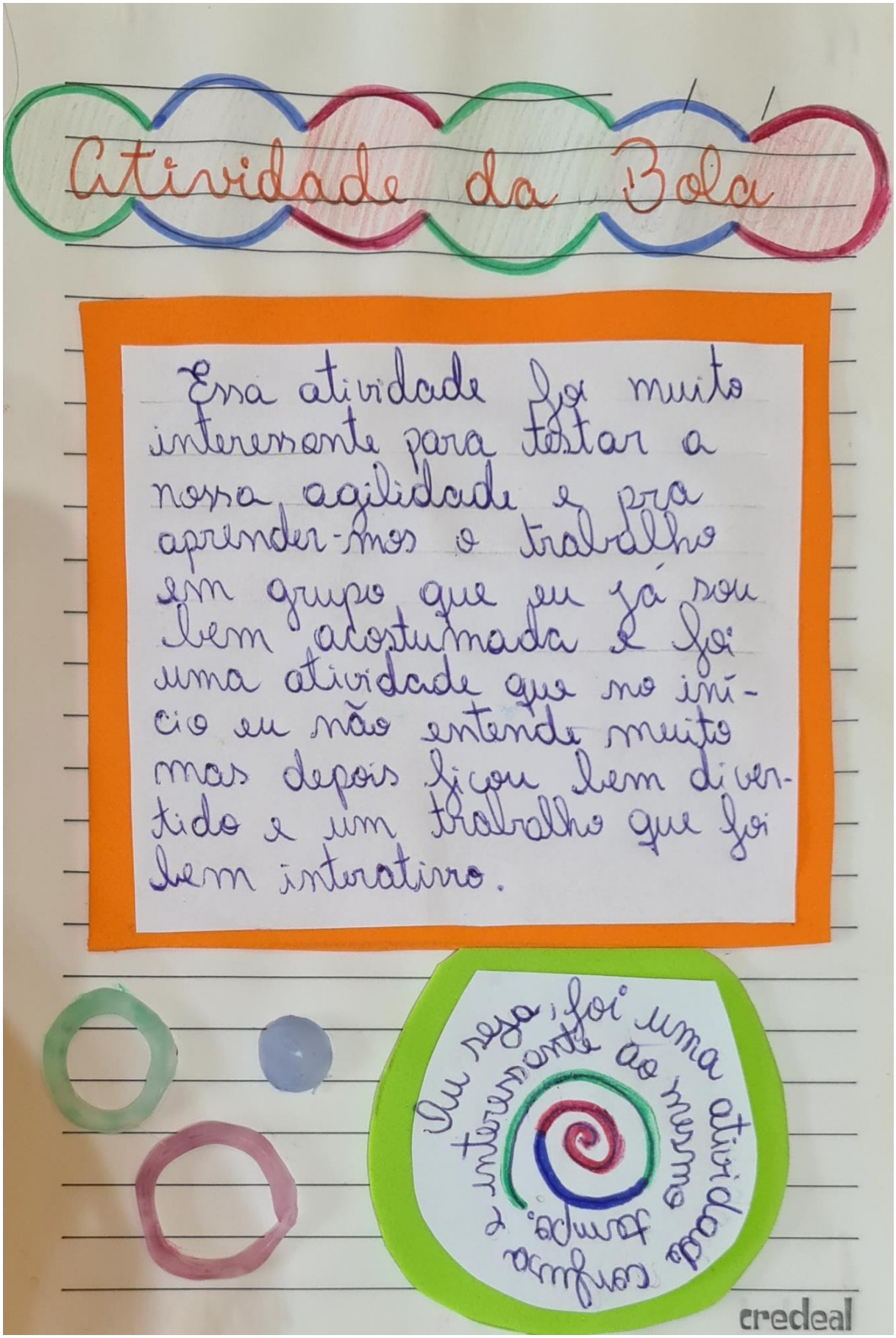
Sobre a experiência da bola. Esse dia estava muito sol, ou seja, tava muito quente, a gente tinha que ficar andando para ocupar espaço, enquanto outra pessoa jogava a bola para outra.

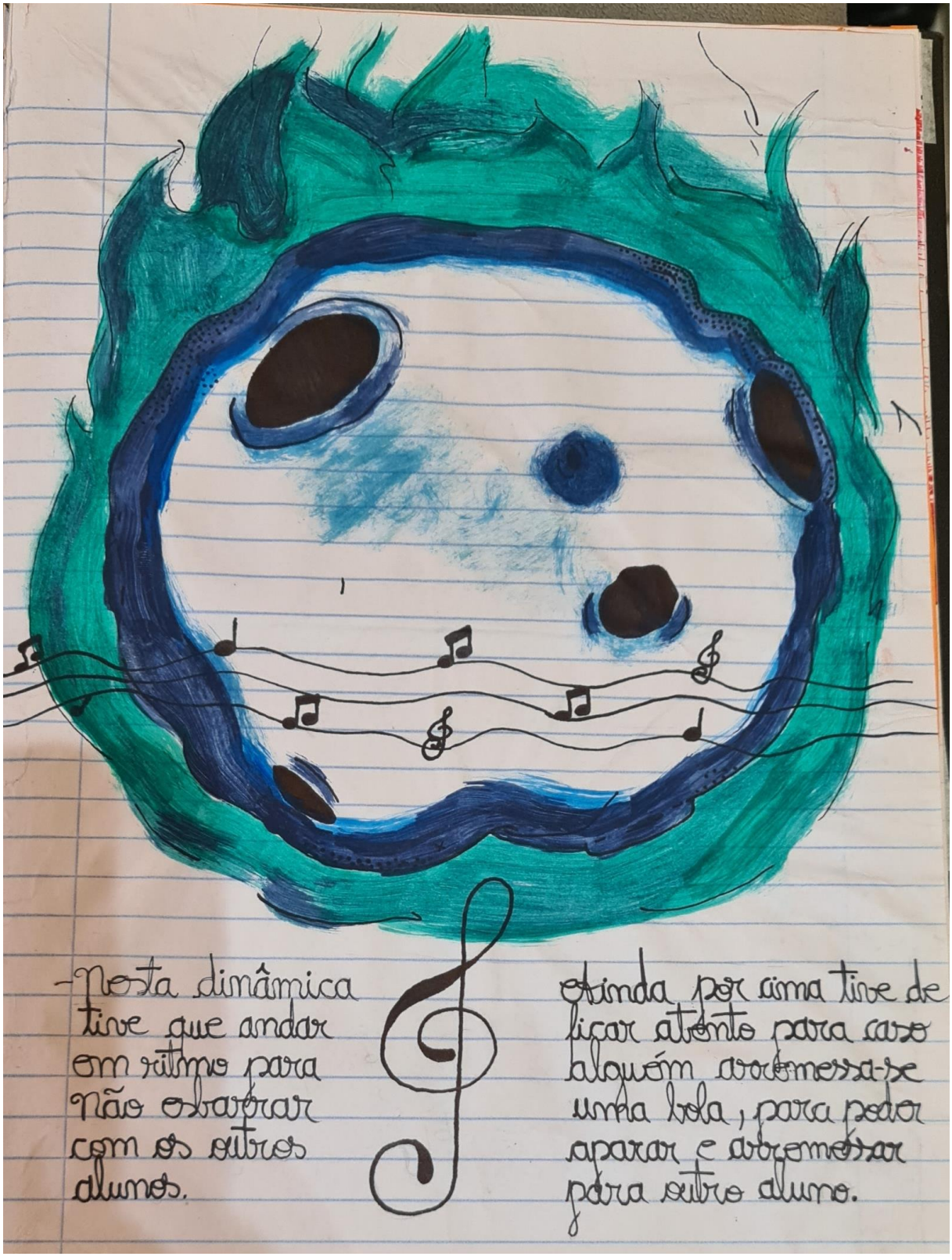


O objetivo da experiência era jogar a bola para alguém e essa pessoa tinha que pegar a bola.
E também tinha que ficar ocupando espaço.

Uma aula diferente, uma aula prática, de cheio de gente. Com a nossa turma com a outra turma do 9º. Nós teve que andar em um canto onde não tivesse gente, um lugar vazio, enquanto isso, nós jogava a bola um para outro sem deixar cair e ser rápido, para mim não fez muito sentido essa aula




Atividade da Bola
Essa atividade foi muito interessante para testar a nossa agilidade e pra aprender-mos o trabalho em grupo que eu já sou bem acostumada e foi uma atividade que no início eu não entendi muito mas depois ficou bem divertido e um trabalho que foi bem interativo.
Eu acho que foi uma atividade interessante ao mesmo tempo confusa.
credeal


-Nesta dinâmica tive que andar em ritmo para não esbarrar com os outros alunos.
Ainda por cima tive de ficar atento para caso alguém arremessa-se uma bola, para poder aparar e arremessar para outro aluno.

Nesta dinâmica os alunos foram levados para o pátio da escola. Lá o professor arremessava a bola para algum aluno, que, jogava para o outro formando um "cido".

ps: Tudo isso enquanto todos buscavam um espaço vazio constantemente, sem poder se esbarrarem.

Era algo muito confuso pra mim por eu ter que tomar cuidado de não esbarrar em ninguém e não levar bolada na cara, mas consegui (eu acho). Enfim, em geral foi divertido pra caramba.

DINAMICA DA BOLA:

Consistia em arremessar uma bola enquanto estavamos em movimento não podiamos deixar a bola cair e nem se esbarrar em outras pessoas que estavam circulando, uma atividade que exigia atenção e foco o tempo (~~todo~~) todo. foi uma experiencia bem legal pois sempre que pegavamos a bola tinhamos que a jogar logo em seguida para outro colega nessa atividade aprendemos a ter mais foco e termos mais atenção.







fiquei frustada ao decorrer da dinamica. Taiva muito calor no dia e tivemos que ficar no sol. Porém gostei da ideia de juntarmos os dois 9°.

Lembro que ficavam esbarrando-se em mim de proposito, o que me irritava.

Também lembro que só peguei a bola 1 a 2 vezes."

Mas, apesar de tudo, levei como lição:

que precisamos saber nos entender, mesmo em situações chatas e estressantes.

finalizando a dinâmica, conversei com a Cris, e foi muito reconfortante.

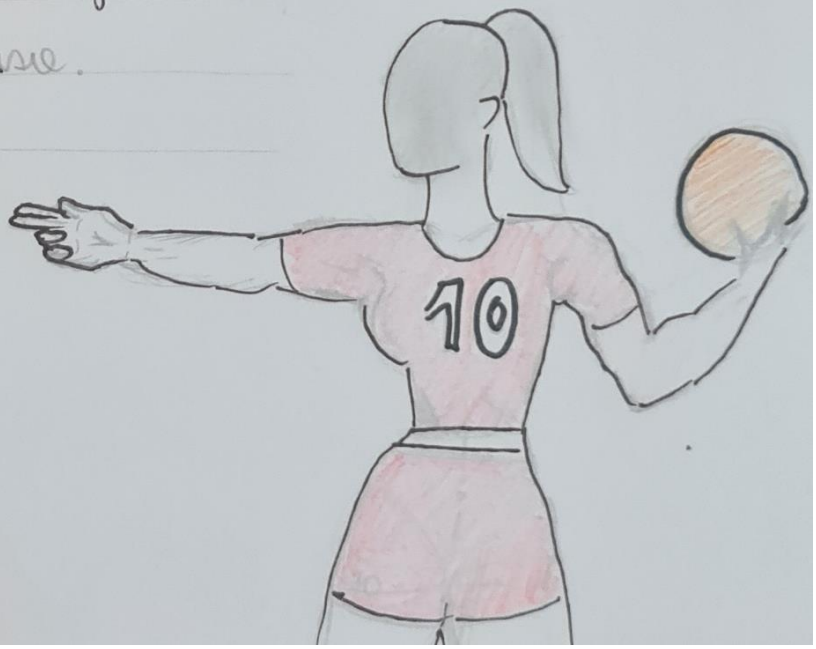




Eu diria que essa atividade requer bastante concentração, que é uma coisa que me fez bastante falta na hora da atividade.

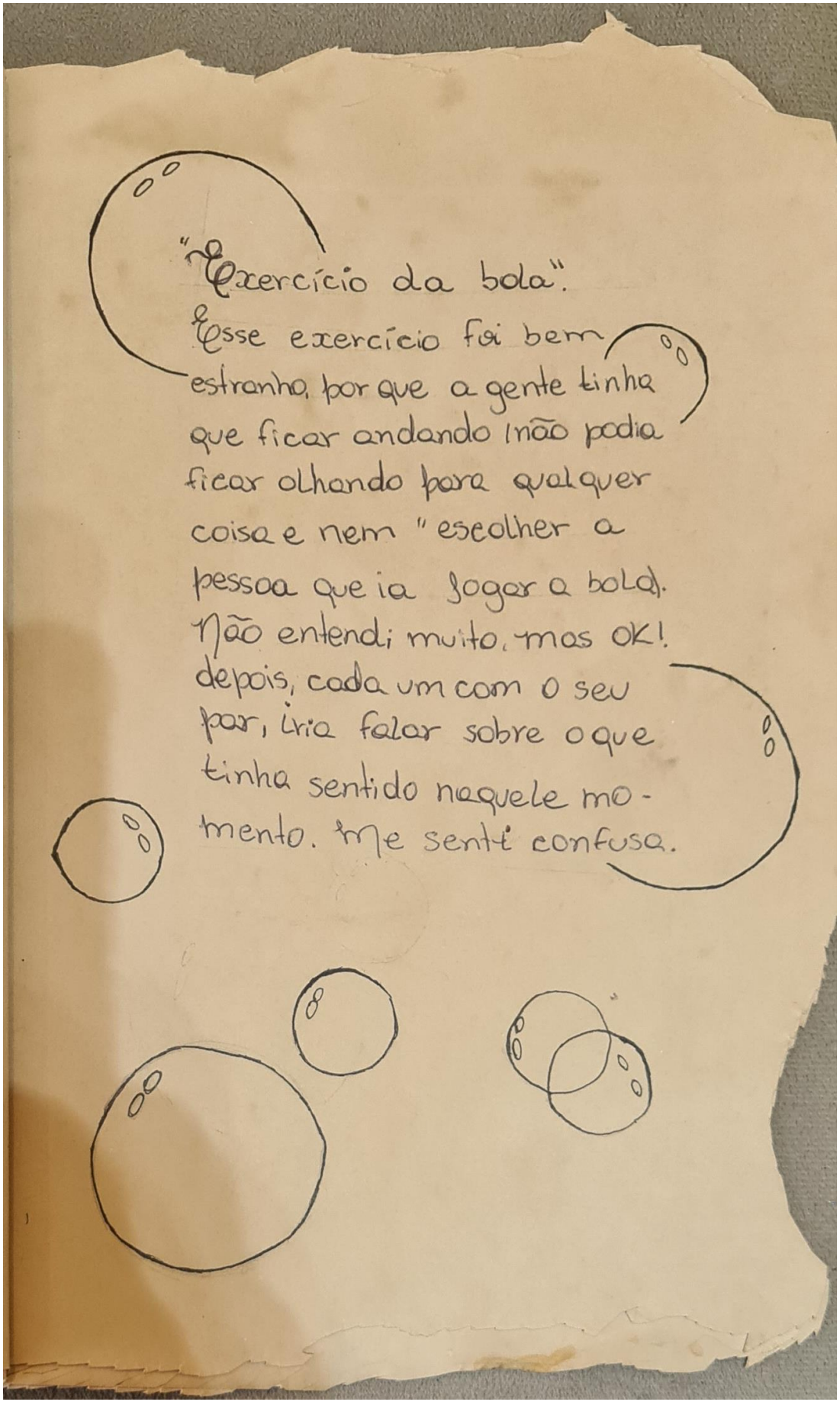


Foi bem divertido na hora, por conta dos meus amigos, mas também foi bem cansativo.



5

"Exercício da bola".
Esse exercício foi bem estranho, porque a gente tinha que ficar andando (não podia ficar olhando para qualquer coisa e nem "escolher a pessoa que ia jogar a bola). Não entendi muito, mas OK! Depois, cada um com o seu par, iria falar sobre o que tinha sentido naquele momento. Me senti confusa.



2- Apresentação sobre Antígona

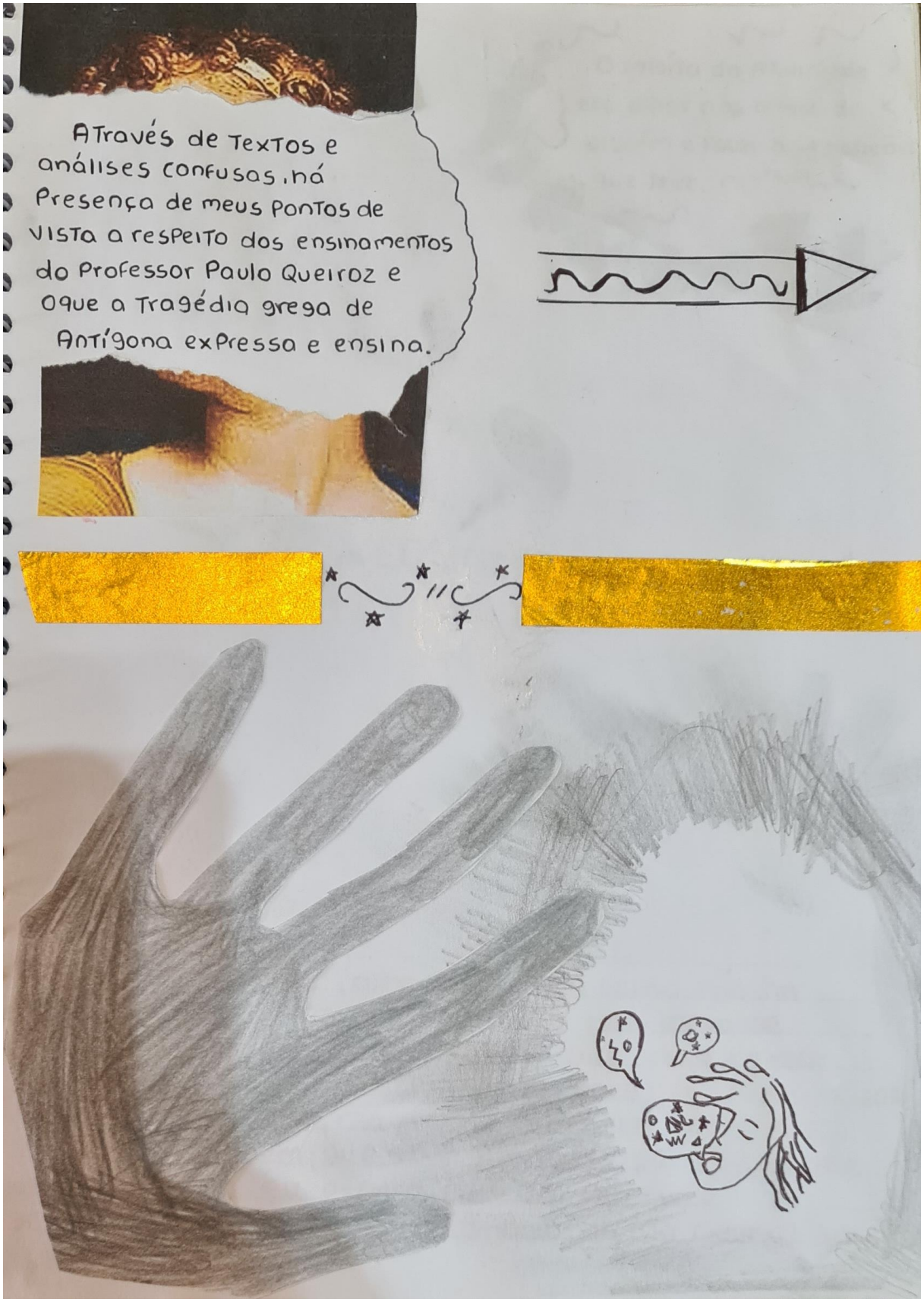
A apresentação sobre antígona foi mto difícil porque foi tipo um seminário, era trabalho em grupo que era para contar para sala inteiro a história de Antígona, mas infelizmente eu não apresentei por causa do minha vergonha. :-

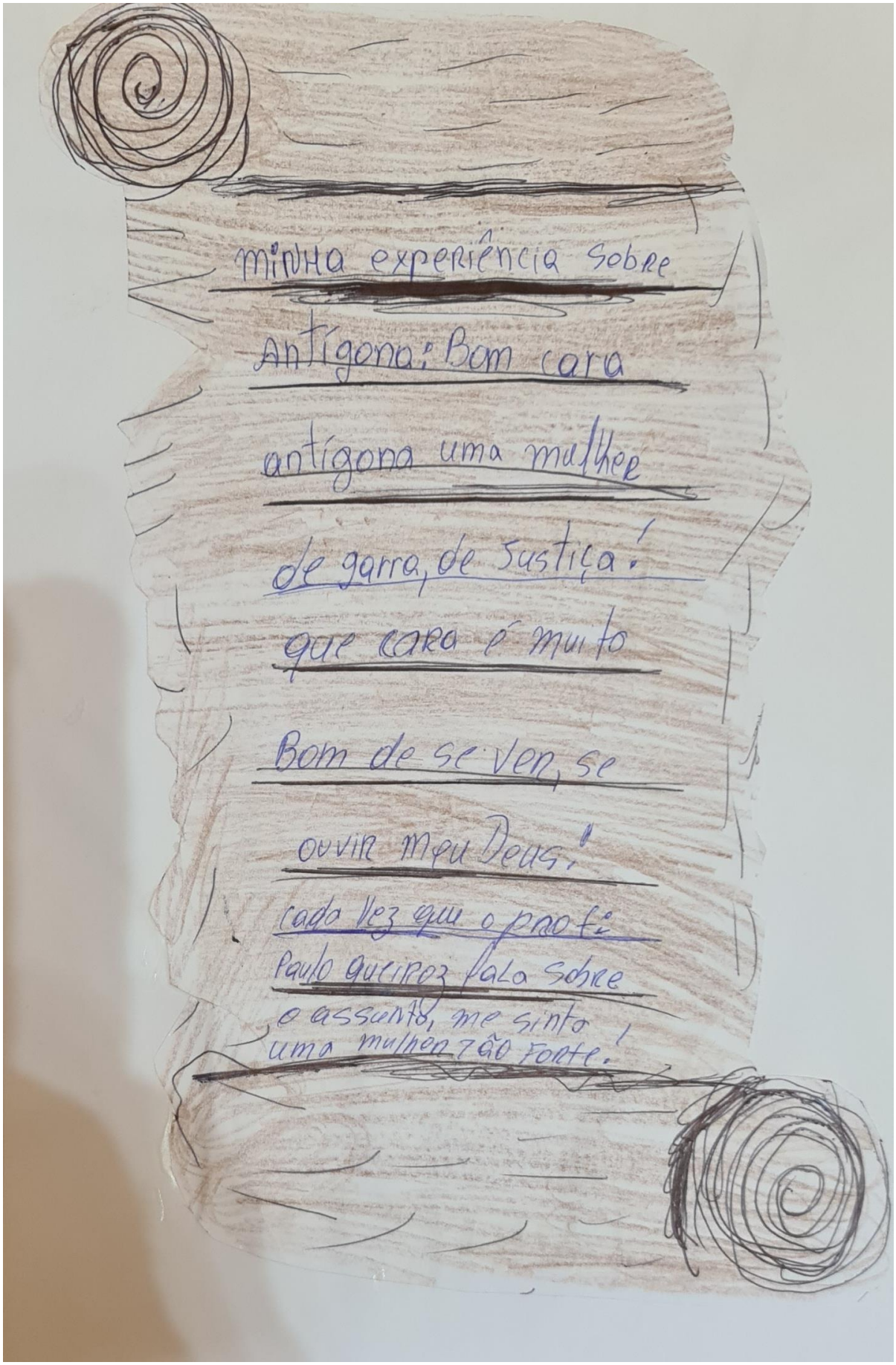


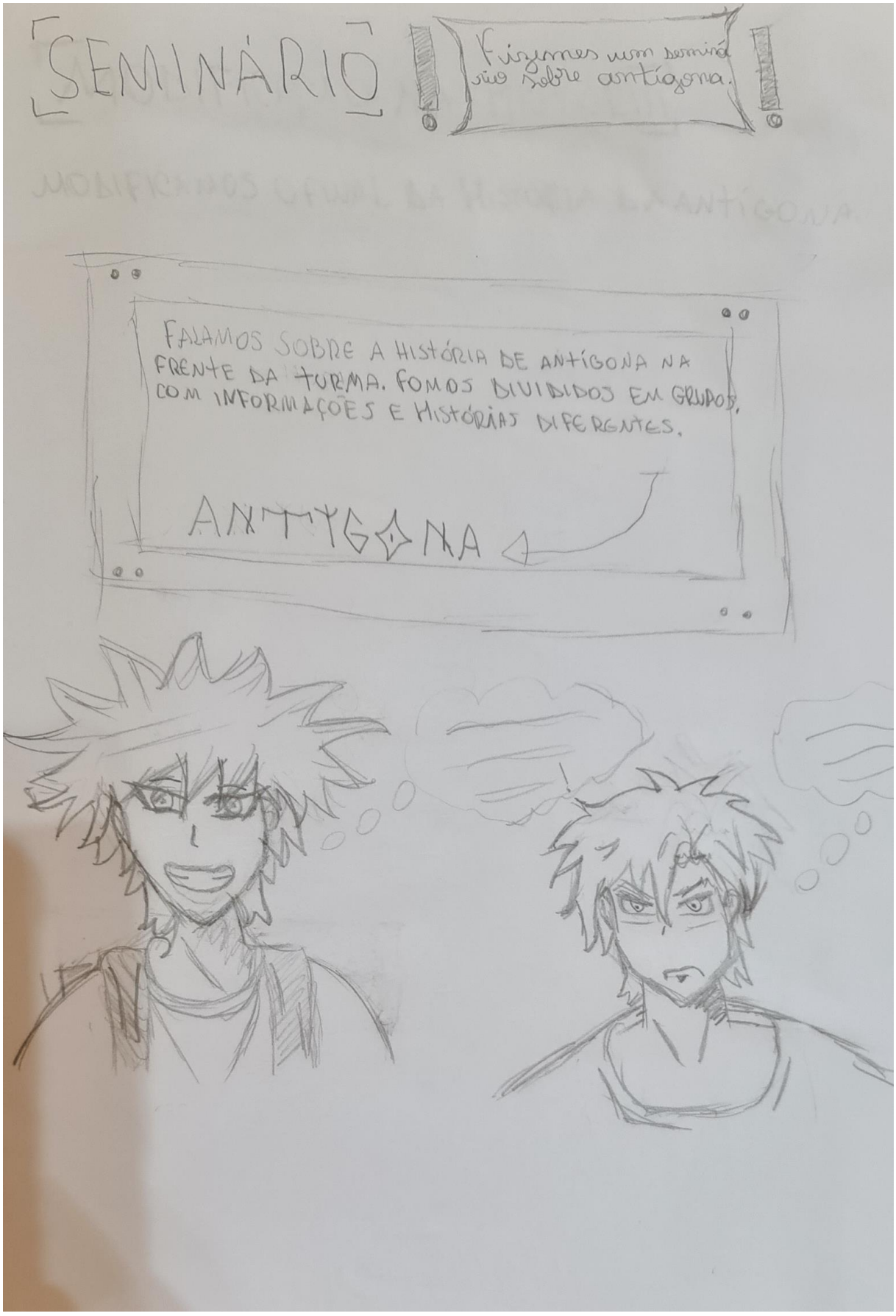
3- Atividade em grupo

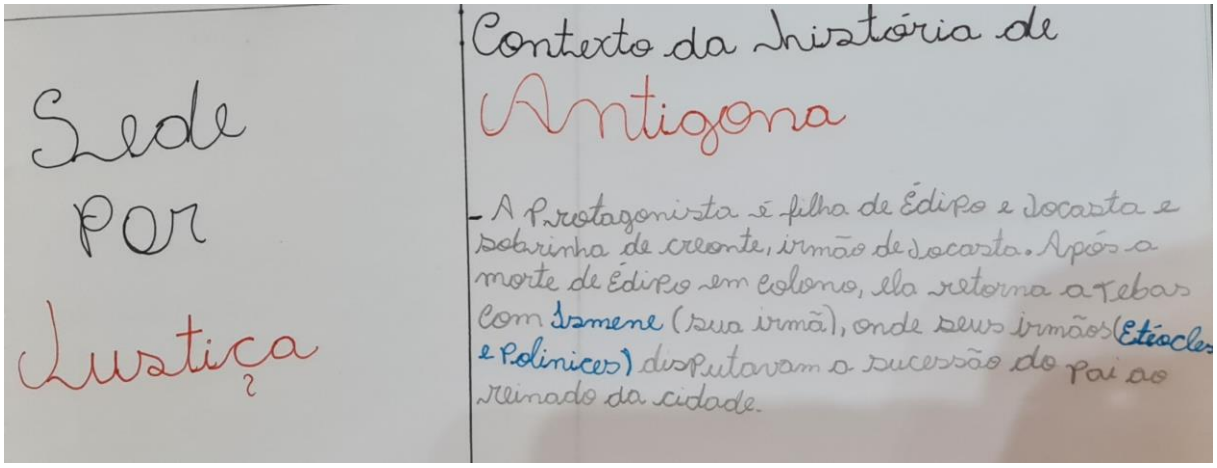
essa atividade foi bem legal na verdade era pra jogar em direção ao seu colega, mais tinha muita gente para jogar a bola e foi bastante legal, foi muito divertido.




Através de textos e
análises confusas, há
presença de meus pontos de
vista a respeito dos ensinamentos
do Professor Paulo Queiroz e
oque a Tragédia grega de
Antígona expressa e ensina.


minha experiência sobre
Antígona: Bom cara
antígona uma mulher
de garra, de justiça!
que cara é muito
Bom de se ver, se
ouvir Meu Deus!
cada vez que o profe
Paulo queiroz fala sobre
o assunto, me sinto
uma mulher tão Forte.


SEMINÁRIO
Fizemos um seminário sobre antígona.
FALAMOS SOBRE A HISTÓRIA DE ANTÍGONA NA FRENTE DA TURMA. FOMOS DIVIDIDOS EM GRUPOS, COM INFORMAÇÕES E HISTÓRIAS DIFERENTES.
ANTÍGONA


Sede
por
Justiça?
Contexto da história de
Antígona
- A protagonista é filha de Édipo e Jocasta e sobrinha de creonte, irmão de Jocasta. Após a morte de Édipo em colono, ela retorna a Tebas com Ismene (sua irmã), onde seus irmãos (Etíocles e Polinices) disputavam a sucessão do pai ao reinado da cidade.

O professor mandou a agente ler sobre antigono. ai ele começou a falo sobre antigono ele falou que antigono é um peça dramatico eu ashe falar muito coiso gostei muito de falo sobre antigono.

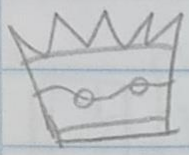
Ele mandou para agente ler sobre antigono
ai eu um pesquiso sobre antigono no meinho
pesquiso falo assim antigono é um figuro de mito-
logia grega, irmão de ismenino, 3 clitia e Etiocles todo
filhos de casamento incestuoso de Édipo e facasta.

Resumo

A personagem que originou o título é antígona, filho de Édipo, é irmã de Etéocles e Polinices.

Depois da tragédia ocorrido no primeiro peça, a desgraça parece ter saído e legado deixado por Édipo aos seus quatro filhos (Etéocles, Polinices, antígona e ismênio). Por isso muitos se dirigem às peças como verdadeiras "tragédias gregas"

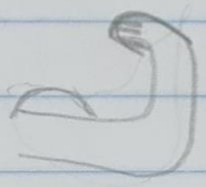
Etéocles Polinices antígona



coroa

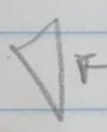


o filho mais novo



era mais menino forte

ismênio



ela era mais menina frágil

Etapa 1

→ A primeira atividade do nosso trabalho foi uma roda de conversa, onde o professor Paulo Queiroz explicou como iria funcionar o nosso trabalho.

. Logo após essa conversa tivemos a nossa primeira apresentação, onde nós tínhamos que explicar para o professor a história de Antígona que modestia parte foi bem frustante.

Experiência

→ Foi uma experiência muito legal porém cansativa. Eu e meu grupo tivemos vários problemas, desavenças etc. Eu particularmente não gosto muito de Antígona acho poderíamos entrar em outros assuntos. Porém mesmo eu não gostando muito tá valendo a pena conhecer um pouco mais da história.

FORONI

ANTÍGONA

Antígona é uma tragédia grega de Sófocles, composta por volta de 442 A.C. É cronologicamente a terceira peça de uma sequência de três tratando do ciclo tebano, embora tenha sido a primeira a ser escrita. A personagem do título é Antígona, filha de Édipo, e irmã de Eteocles e Polinice.

Esta obra é uma das três que compõem o que ficou conhecido como **Trilogia Tebana**, do qual também fazem parte **Édipo Rei** e **Édipo em Colono**. Essas três peças foram unidas posteriormente, e não faziam parte da mesma trilogia quando Sófocles as escreveu. Na verdade, cada uma era parte de uma trilogia diferente, mas apenas essas três peças chegaram aos dias de hoje.

A peça é feita pelo prólogo, que nesse caso é dialogado, no qual as irmãs Antígona e Ismênia conversam, e nos dão uma visão geral dos acontecimentos; cinco **episódios**; cinco **estásimos**, que são as entradas do corpo em cena trazendo informações ao público sobre o assunto da peça; e o êxodo, parte final.

Arbitrariedade
Nepotismo
Tendenciosidade
Injustiça
Gananciosa
Ostentação
Nepotismo
Ansiosa

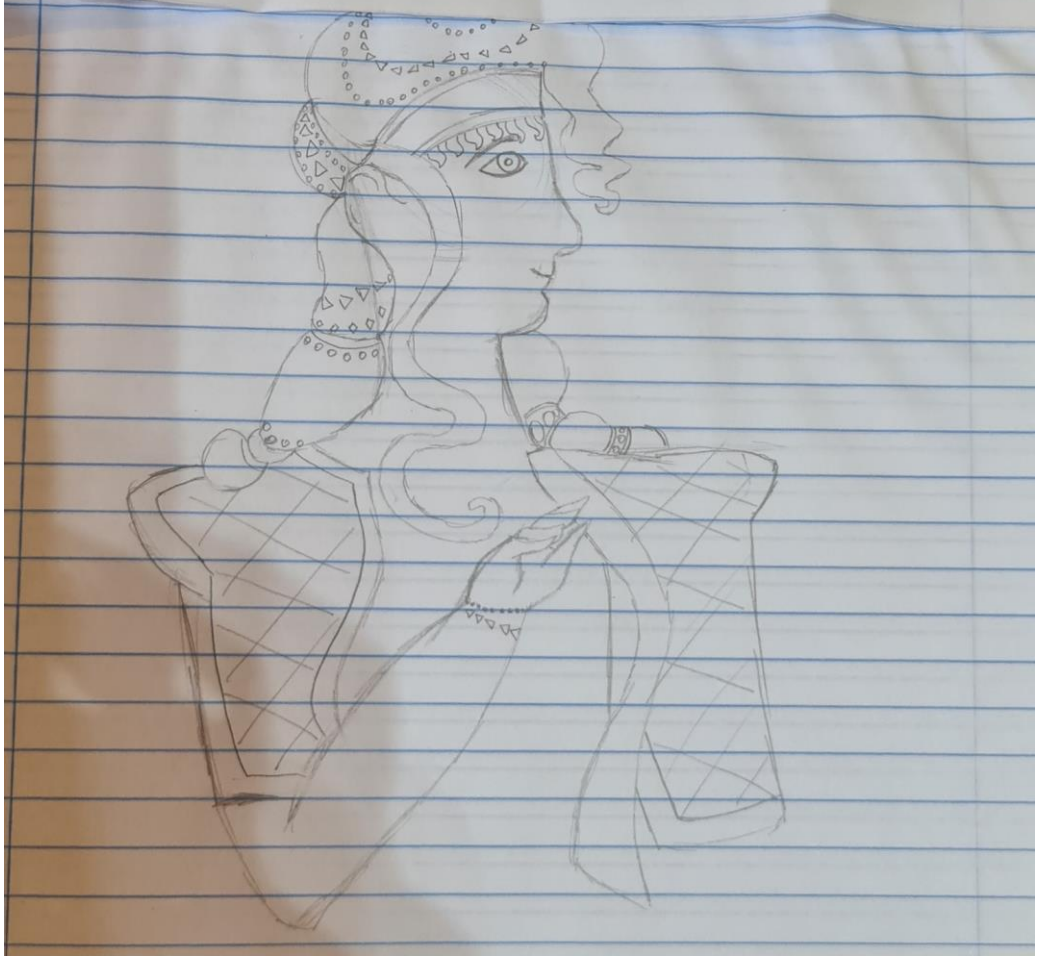
A minha Experiência II

A minha experiência com Antígeno foi um pouco difícil, porque quando o professor passou o trabalho eu estava morata, então eu não sabia nada do trabalho e tive pouco tempo para aprender, fiquei com vergonha de apresentar porque não conhecia ninguém. Tirando isso tudo, eu gostei do trabalho, achei ele bem interessante e legal.

Falar agora sobre Antígeno tá bem cansativo, já tô ficando muito chato, o professor passou trabalho e o pessoal demora a entregar, isso faz as atividades atrasarem muito (isso

Antígona

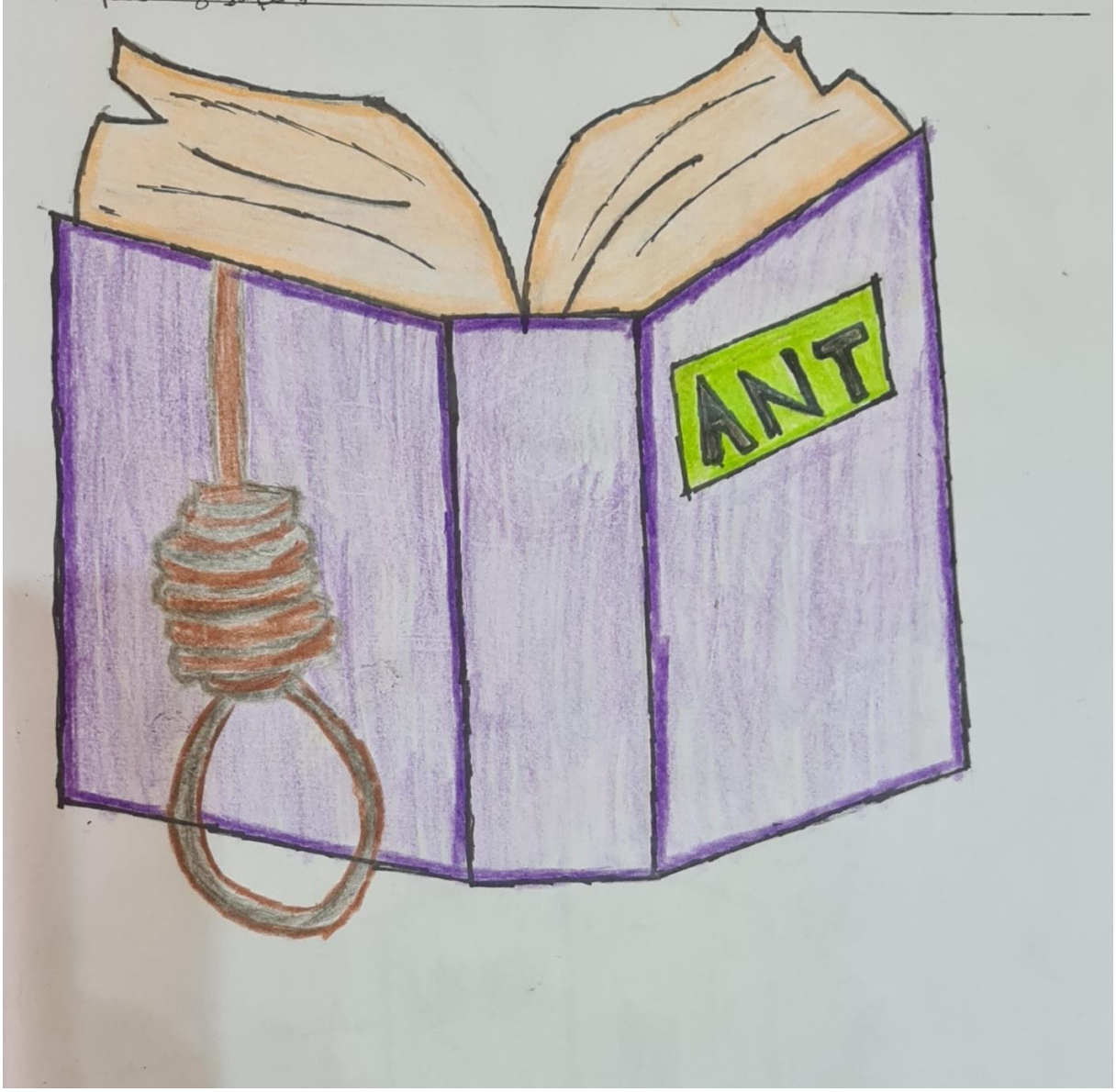
Eu sentir muita tristeza ao ler a história de Antígona, mais ao mesmo tempo um belo exemplo de amar pelo seu pai e seu irmão, a única filha que não abandonou seu pai até o fim dos seus dias, seus irmãos lutaram pelo trono mais os dois se mataram em um combate singular, sua história é baseada em tragédias e mortes de sua familia esposo e mãe de seu esposo, foi presa tentando enterrar seu irmão pois seu tio queria que o mesmo apodrecesse e quem tirasse de lá teria pena de morte. Antígona sofreu as consequencias a dor e a perca sofrendo todas as dores da perda de sua familia,



Nesta dinâmica foram criados grupos com o destino de fazer uma apresentação sobre a obra antígona de Sófocles, onde todos teriam que contar uma parte da história.
Infelizmente não tive coragem suficiente e por isso não falei quase nada. (mas meus colegas foram espetaculáres).

ESTUDO DE ANTÍGONA:

Consistiu em um estudo sobre uma história (antígona) que seria para apresentação em grupo em que cada um iria falar um pouco sobre a história e o que entendeu sobre aquela história. essa história foi bem interessante pois falava sobre uma garota que lutava pelos direitos de seu irmão e pela justiça.



Entígona, procura por Ismênia para se informar mais sobre a morte de seus irmãos, porém naquela conversa ela descobre que um deles seria enterrado como um rei e o outro seria jogado para os urubus. E ao saber daquela notícia Entígona fica revoltada e tenta convencer sua irmã Ismênia a enterrar seu irmão Polinices de forma digna, porém Ismênia se recusa a ajudá-lo por conta do lei que Rei Creontes havia criado

Após isso, Entígona indignada busca ajuda de seu primo/noivo Hemôn que também era filho de Creontes. Hemôn ao saber daquilo decide ajudar sua noiva, porém sabia também que estava desacatando a lei de seu pai. Então naquele mesmo dia ambos decidem que irão procurar o corpo de Polinices pois sabiam que era covardia demais deixar para depois. Ao sentir falta de seu filho Hemôn, a rainha Eurídice resolve procurá-lo sozinha e em determinado local eles se Hemôn e Entígona e decide seguí-los e então percebe que eles estavam carregando algo e então com sua fraqueza emocional se revela para

3º CAPÍTULO

eles e pergunta o que eles estavam carregando, Hemon nervoso acaba falando que era o corpo de Polinices Eurídices assustada pergunta de seu filho por que estavam desacatando a lei de seu pai, Antigona por ele responde que não deixaria seu irmão ser comido por urubus e Euridices concorda com aquilo, resolve ajuda-los e acoberta-los diante do reino.

Em uma noite, aya eles estavam enterrando Polinices um dos guardas vê e avisa Creontes sobre o acontecido, Creontes sem entender porque sua esposa Euridices estava lhe escondendo aquilo, resolve conversar com tal para entender o que estava acontecendo, Euridices assustada por Creontes ter descoberto aquilo resolve lhe contar toda a verdade, Creontes ainda assustado resolve acoberta-los porém o soldado que havia visto a cena conta para seus amigos de trabalho que acabam espalhando para Tebas inteira, a população revoltada com aquilo vão contra o rei e perguntam-lhe por que o povo tinha que obedecer suas leis e sua familia era banida daquilo. O rei sai daquele local atordoado com o que ele mesmo estava

fazendo, porém o povo os segue e pergunta se sua família iria responder pela pena de morte, o rei já nervoso com aquilo fala que seriam mortos e finge que não sabia daquela situação.

Ao Antígona, Hemôn e Eurídices saberem do ocorrido ficam revoltados, pois o rei havia lhes falado que iria adverta-los diante do reino. Depois daquilo, eles são interrogados por soldados e logo depois são presos em uma caverna. O rei, Creontes se sente arrependido depois, e é informado que infelizmente a caverna havia desabado sobre sua família levando a morte de todos, Creontes ao saber daquilo se sentindo culpado, se mata. E então Ismênia assume a liderança do reino, revolucionando a cidade de Tebas, como primeira rainha solo.

Vou contar a história de uma pequena garota chamada Antígona que tinha apenas 13 anos, quando chegou aos seus 12 anos seus pais se separaram e Antígona ficou com sua mãe que um ano após o término começou a namorar um homem, no qual virou padrasto de Antígona.

No começo ele tratava Antígona com o maior carinho e afeto, mas um dia, sua mãe estava fora e seu pai chegou bêbado em casa e queria algo para se "divertir", então pensou "Por que não Antígona?" e logo foi atrás da sua filha e perguntou para ela se gostaria de brincar, mas que não era para contar nada para sua mãe, se não ele ia ficar brabo, apartir dali, começou os 2 piores anos de Antígona. No começo, Antígona realmente achou que era um jogo, mas um no qual ela não gostava nem um pouco, pois doía demais e seu padrasto tocava em lugares que não a lhe agradava muito. E assim, se passaram 2 anos, Antígona já estava com 15 anos e só entendia muito bem que seu padrasto estava abusando dela, mas nunca falou sobre com ninguém, pois seu padrasto ameaçava "Se algo do que te acontece no nosso jogo for revelado para qualquer pessoa, farei o mesmo com a pessoa e matarei com a minha arma", Antígona com muito medo, nunca falou nada. Até que um dia, ela estava farda daquilo tudo, porque ele começou a ficar muito bruto e começou a bater nela durante os abusos. Então mesmo com um

3º CAP...

pouco de medo, quando o seu padrasto saiu, Antígona falou tudo com sua mãe sobre tudo do que estava acontecendo durante esses 2 anos.

A mãe de Antígona não acreditou de começo, pois ele em sua frente era gentil, animado, carismático e carinhoso, ela jamais acharia que ele fizesse tal barbaridade como essa.

Antígona mostra os machucados que ele vinha fazendo nela e rapidamente elas vão direto a delegacia, quando chegam lá, elas falam tudo que aconteceu e que queria urgentemente esse homem atrás das grades e não queria que ele tivesse mais um minuto fora da cadeia. E assim, começaram as buscas para prende-lo, pois os policiais não o acharam em sua casa, mas as buscas não deram em nada.

Passando-se 2 semanas, após seu nome já ter ido parar em jornais e publicações (no caso, o padrasto de Antígona), Antígona e sua mãe estão em sua casa com a maior segurança possível com medo de que ele apareça e faça algo com elas, mas o pior cenário infelizmente aconteceu. Em uma noite, quando estavam se preparando para dormir, elas escutam um barulho e desesperadas ligam para polícia, quando vêem é seu "padrasto" e assim que sua mãe o vê, ela corre para cima para defender Antígona que no momento estava paralisada de medo, seu "padrasto" mata a mãe de Antígona com um tiro no seu peito e vai pra cima de Antígona, e diz a ela que ele

tinha avisado para ela não abrir sua boca e que teria consequências, agora ature elas e então ele começa a abusar de Antígona passando sua mão em lugares indevidos. Antígona estava apavorada, mas ao mesmo tempo estava com muita raiva por esse vagabundo ter matado sua mãe e quando Antígona vê que ele largou sua arma em um local acessível, ela corre até a arma, consegue pegar e aponta para ele e diz "Você vai pagar por tudo que você fez!", mas no mesmo momento a polícia chega e manda Antígona se acalmar, abaixar a arma e que eles resolveriam tudo. Mas, Antígona não ligava para isso e apenas se importava com a morte do canalha, consumida pela raiva, Antígona dispara 5 tiros contra ele e acertou 3, obviamente ele morreu.

Antígona foi levada para a polícia e essa notícia se espalhou para todo o Brasil, a maioria das pessoas apoiaram a decisão de Antígona, outra parte surgiu ela, mas, o baixo índice de denúncia contra abuso doméstico foi aumentando por muitas mulheres ao longo dos dias, pois se sentiram encorajadas a nunca se prenderem para sempre num lugar que você é abusada e se sente desconfortável.

Após isso, Antígona fala para a internet que agradece muito a todos que lhe apoiaram e para os que falaram algo ruim, que sabe

3º CAPÍTULO

matar alguém é errado, mas também disse "Eu tenho 15 anos e estava sofrendo abusos por 2 anos, tive que ver a minha mãe me defender contra meu abusador, que no caso, eu chamava de pai antes e era bom. Mas ele matou minha mãe sem piedade, então no momento não tinha como eu me conter, por favor, guardem suas opiniões sobre o que me aconteceu".

Antígona viralizou com seu pronunciamento, ganhou destaque nas redes sociais como um caso chocante, mas ainda sim como uma mulher corajosa. Ela ainda era criticada, mas quem não é em alguma rede social?

Este é o fim, você acha que ela fez o certo ou não?

A convivência da mulher numa sociedade machista

Desigualdade de genero: O machismo reinante

O presente antigo busca discutir a desigualdade de genero, a partir das ideias construidas de generos e relacão, expondo a desigualdade sexual que representa inferioridade e diferença entre homens e mulheres, pontuando como machismo, compertamento construido ao longo da histórias e que é mantido até hoje.

A mesma situacão em antigona, representacão dos dias atuais, representacão do machismo isso só poderia ter um fim se as "antigonas" da "atualidades" se juntassem e lutassem pelos direitos e provas que ser mulher faz o que quer na hora que quer e quando quiser, mulher não é fragil nem fraca, mulher e um ser humano igual ao homem merece respeito assim como os homens tambem querem respeitos.

Antígona

Antígona era uma menina de 14 anos que morava na cidade grande em uma casa linda com os irmãos, Eteocles, Polinice e Ismênia. Depois que os pais morreram, a guarda do tio (Creonte), os irmãos de Antígona Eteocles e Polinice, estavam brigando pela herança da família, essa briga se aprofundou tanto, que, em uma dessas brigas os dois acabaram se matando. O tio Creonte na época era um homem rico e ele mandou enterrar apenas o Eteocles e Polinice um enterro fúnebre, pois como o Eteocles era o Primogênito ele merecia mais a herança. Antígona não concordou com essa atitude do tio, pois os irmãos deveriam ser tratados iguais.

A antígona indignada queria ir atrás dos seus direitos mesmo sendo uma adolescente mulher. Então ela foi atrás de um advogado para lutar na justiça contra o tio dela. Mas como ela uma adolescente mulher, ganhar na justiça era muito difícil uma mulher ganhar na justiça, e pra complicar a "justiça" contra o tio dela, ela não conseguiu um advogado.

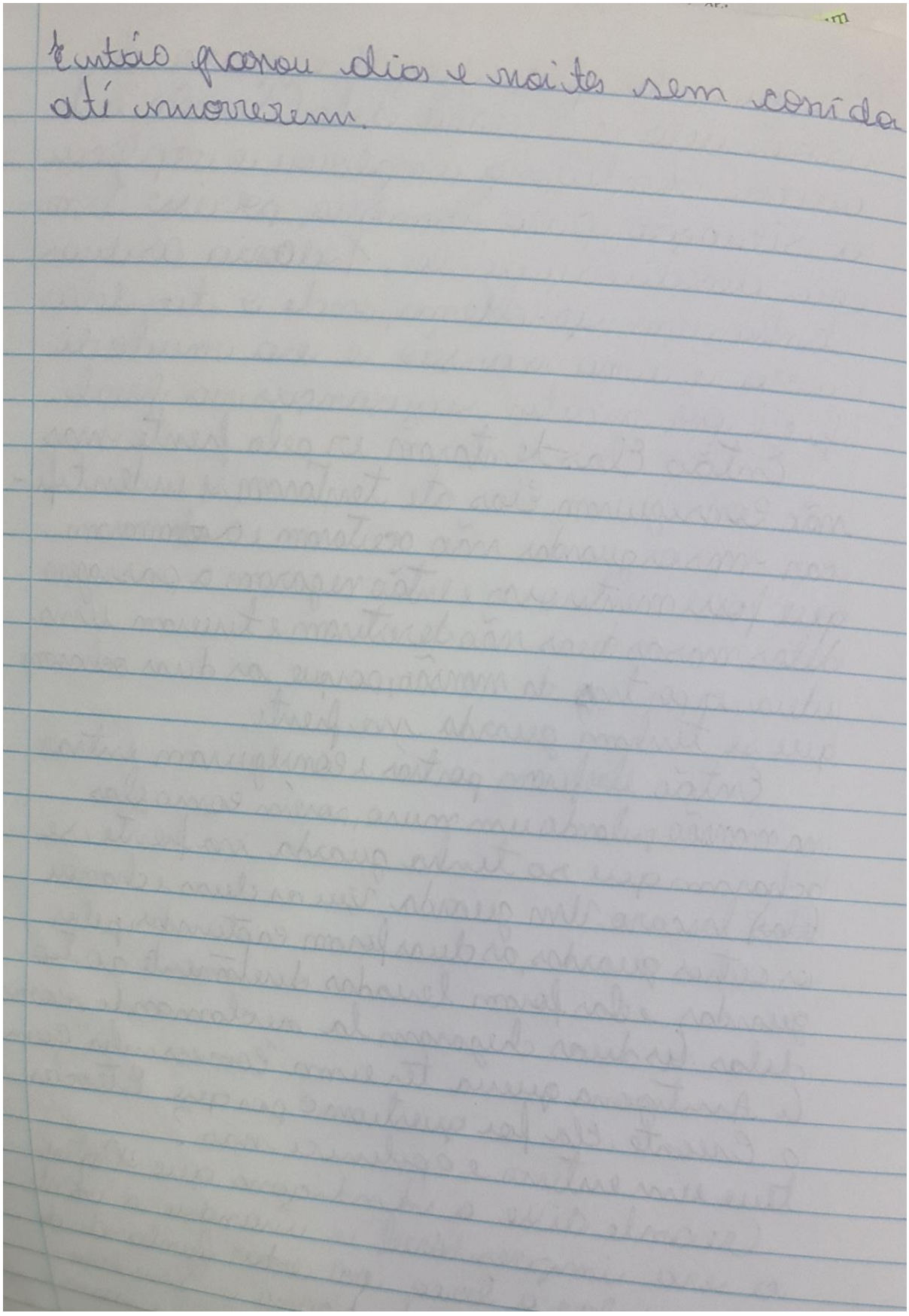
Então ela fazer a "justiça" com as próprias mãos.

Primeiro ela pediu ajuda para a irmã dela e a irmã dela (Ismênia) aceitou. Antígona implorou e explicou a situação para Ismênia, por isso Ismênia decidiu ajudá-la. Todavia as duas tinha um problema, onde o tio delas mora é uma mansão e era muito difícil por muitos seguranças na frente.

Então Elas tentaram ir pela frente mas não conseguiram, Elas até tentaram se identificar mas os guardas não aceitaram e acharam que fosse mentirosas e então negaram a passagem delas, mas as duas não desistiram e tiveram uma ideia, ir por trás da mansão, porque as duas acharam que se tinham guarda na frente.

Então elas foram por trás e conseguiram entrar na mansão pulando um muro, porém como elas acharam que só tinha guarda na frente, se ~~(elas)~~ lascaro. Um guarda viu as duas e chamou os outros guardas, as duas foram capturadas, pelas guardas e elas foram levadas diretamente ao tio delas. As duas chegaram lá reclamando, como a Antígona queria ter uma "conversinha" com o Creonte. Ela foi questiona o porque. Etecles teve sem enterro e o polinice não?

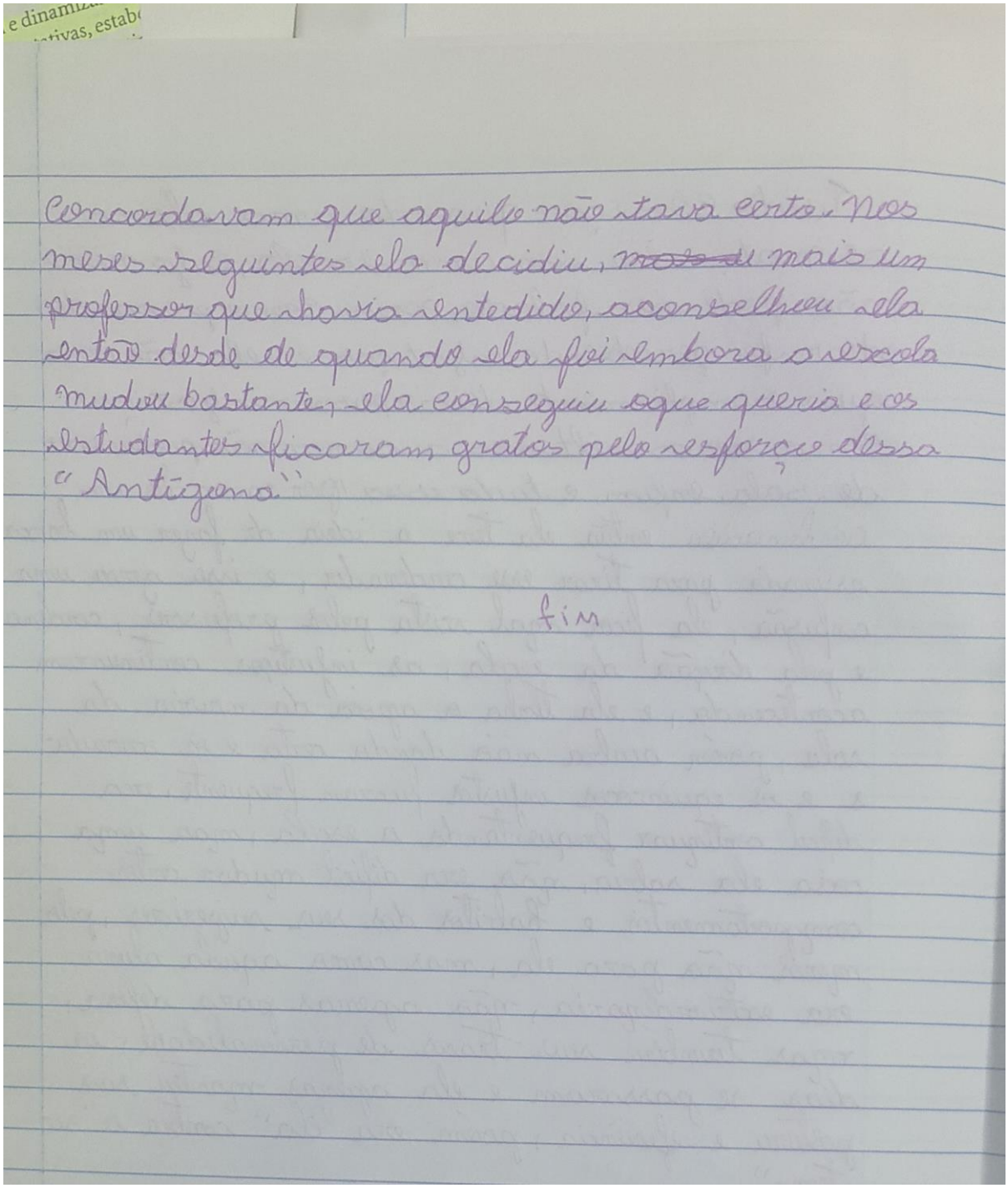
Creonte disse a Antígona que Polinice era imperdoável e mandou a Antígona saber a boca por estar falando demais, e mandou a Antígona e Ismênia para uma prisão sem comida e sem água, sem celular e sem nenhum aparelho seria impossível pedir ajuda.


então passou dias e noites sem comida até morrerem.

Tudo começou quando uma aluna se matriculou em uma escola, cujo nome não pode ser falado, porém, com o passar dos dias foi percebendo injustiças e ela não conseguia simplismente deixar passar injustiças como, ser os últimos a comer, não poder sair de sala, enfim, e tudo isso por causa de um cordenador então ela teve a ideia de fazer um baixo-assinado para tirar esse cordenador, e isso gerou uma confusão, ela ficou mal vista pelos professores, cordenação e pela direção da escola, as injustiças continuaram acontecendo, e ela tinha a apoio da maioria da sala, porém acabou não dando certa e os ocorridos e os equívocos injustos ficaram frequente, era difícil continuar frequentando a escola, mas uma coisa ela sabia, não era difícil mudar certos comportamentos e hábitos dos seus superiores, pelo menos não para ela, mas como aquela aluna era extraordinária, não apenas para defesa, mas também seus traços de personalidade, os dias se passaram e ela apenas manteu sua postura e eficiência, porém era "ela" contra o "sistema"

Vamos aos questionamentos:

O sistema escolar diz que todos somos iguais no ambiente escolar, porém o que estava acontecendo era o contrário, estávamos sofrendo injustiças nitidamente, o representante da escola dizia que não, mas até os professores


concordavam que aquilo não stava certo. Nos meses seguintes ela decidiu, ~~mas~~ mais um professor que havia entedido, aconselhou ela então desde de quando ela foi embora a escola mudou bastante, ela conseguiu oque queria e os estudantes ficaram grato pelo esforço dessa "Antigona"

fim

Antigona

Antigona nos tempos de hoje:

A atualidade que Estamos vivendo nessa Telas contemporanea chamada Brasil é notavel.

Creonte e Antigona Estão concorrendo a presidencia. Os outros oponentes nos olhavam de maneira diferente (como despreza)

Ismênia como minha vice-presidente deve ter sentido o peso dos olhares julgadores dos outros concorrentes sentir esses olhares durante todo o processo de eleição foi dificil lidar com os olhares e as criticas frequentes não só pelos concorrentes mas como dos eleitores claro que nem todos eleitores foram contra mas tambem nem todos foram capazes de olhar para uma mulher na presidencia e confiar seu voto.

Creonte tinha uma opinião muito opressora, machista, apenas por vê uma mulher na presidencia.

Eu e Ismênia demos nossa sangue, suor e lagrima para passar uma imagem para os eleitores

Durante todo o processo de eleição perceber que creonte de todas as maneiras e formas (nos sabotar) possiveis tentava nos sabotar tentando nos tirar da presidencia.

Por um momento eu pensava que todo esse esforço que ele fez pra nos derrubar daria certo, pois ele ficou na nossa frente durante das eleições mas no final conseguimos superar por maior quantidade de Votos.

Nomes: Sérgio, Pedro, Francisco, Álysse, José, Ketllen.
Série: 9º1

Cena 1- Antigona chega em sua nova cidade (Rio de Janeiro) e sua família entra na cena precisando de dinheiro.
Cena 2- Os irmãos da Antigona (Eteocles e Ismenia) entram para o trafico e Polinices não gosta.
Cena 3- Polinices descobre que seu pai (Édipo) era o líder da facção junto com a Ismenia e o Eteocles.
Cena 4- Polinices fala que se Édipo, Eteocles e Ismenia não saissem do trafico, ele iria contar tudo para a polícia.
Cena 5- Polinices vai e relata tudo para a polícia, Édipo descobre que Polinices tinha relatado tudo para a polícia e Édipo conta para Ismenia e o Eteocles que ele iria sair da ~~país~~ cidade e que voltaria para Minas Gerais.
Cena 6- A polícia entra na favela, procurando o Édipo só que a polícia se encontra a Antígona.
Obs: Creonte era a polícia.
Cena 7- Antígona vai e conta para a polícia que era ela que estava nas práticas ilegais para proteger a sua família.
Cena 8- Antígona é presa por 5 meses. Ismenia sabendo que a Antígona tinha se entregado arrumou confusão com a polícia.
Cena 9- E a polícia entra na favela e começa troca de tiros com os traficantes (Ismenia e Eteocles).
Cena 10- Na troca de tiros com uma bala perdida acaba acertando o Polinices e ele acaba morrendo.
Cena 11- Eteocles sabendo que seu irmão tinha morrido acaba cometendo um suicídio.

Rhuan, Ronald, Elias, Oswaldo.

Cena 1
Antígona chega na sala de aula e o professor começa a tirar satisfação com ela

Cena 2
Era dia de apresentação e seu irmão de Antígona foi apresentar, mas o professor começou a tirar sarro dele (Polinice)

Cena 3
Antígona encontra Ismênia, a sua amiga na hora do recreio e começam discutir sobre o professor (Creonte)

Cena 4
Etéocles aparece e começa falar com eles. Não concorda com as duas pois ele não gosta da Antígona

Cena 5
Etéocles (aparece) decide fazer expulsarem o Polinices. Por não gostar dele porque ele é negro, então ele acusa Polinices mesmo ele não tendo nada ver com, acusação, aí ele é expulso da escola

Cena 6
Antígona sente então vai em busca de justiça com o professor (Creonte). Antígona pede ajuda de Ismênia mas ela decide de não ajudar por ter medo de ser acusado

Cena 7
Então Antígona decide correr atrás de justiça contra Etéocles, mas Antígona não gostou da atitude de Creonte por ter expulsado polinice por conta de sua cor.

FORON:

Cena 8
Então Creonte decide armar contra Antígona para fazer ela ser expulsa junto com seu irmão polinice, por que Creonte pensa que Antígona pode arruinar seu plano que é se tornar o novo direito

Cena 9
Mas o Polinice tem medo de contar para seus pais saibam e que anda acontecendo, com ele e sua irmã Antígona. Polinice tem medo do que seu professor Creonte pode fazer com ela

Antigona

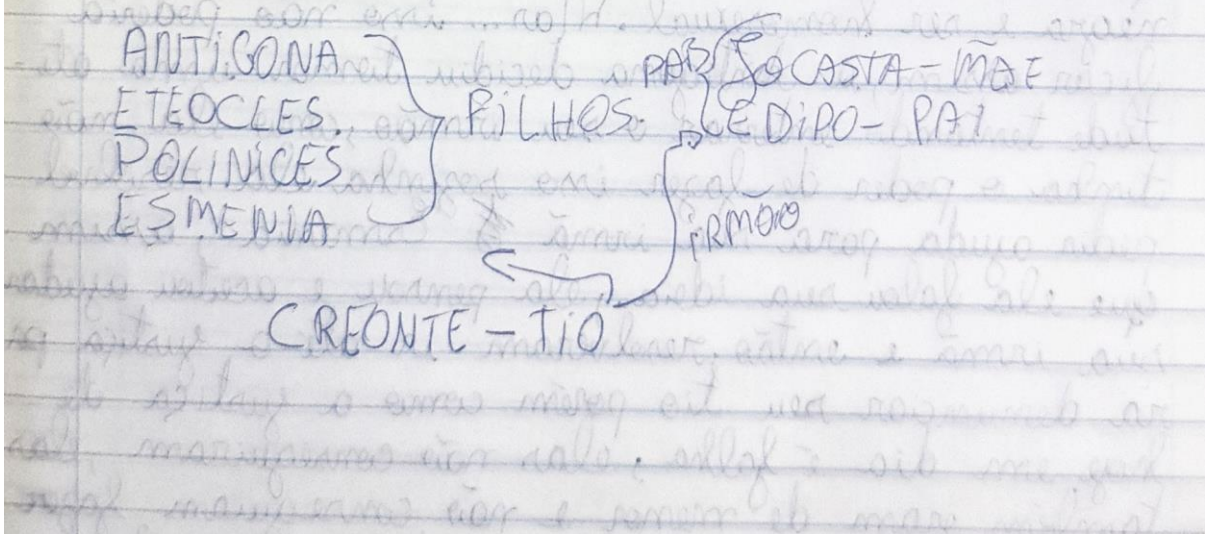
Bom essa história se passa em uma favela, e como é em nossa atualidade escolhemos falar sobre o racismo e homofobia que são assuntos muito vistos hoje em dia.

Moravam em uma favela Antigona, Eteocles, Polinices e Esmenia que são filhos de Jocasta e Edipo, ~~x~~ o irmão de Jocasta.

Em um certo dia os irmãos Polinices e Eteocles resolveram fazer um assalto por mal influenciar de amigos proximos, em meio a esse ato, os dois acabaram morrendo em uma troca de tiros contra a polícia. Mas oque os familiares não sabiam que ia ~~atontece~~ acontecer era a briga para enterra-los. Quem cometeu isso tudo foi o irmão de Jocasta; Creonte, que cometeu a grande injustiça de não querer enterrar um dos meninos por ter uma pele negra e ser homosexual. Mas... isso não poderia ficar assim, a Antigona decidiu tomar uma atitude tentando enterrar o seu irmão, como ela não tinha o poder de fazer isso sozinha ela resolvel pedir ajuda para sua irmã ~~E~~ Esmenia, assim que ela falou sua ideia, ela pensou e aceitou ajudar sua irmã e então, resolveram ir até a justiça para denunciar seu tio porém como a justiça de hoje em dia é falha, elas não conseguiram, elas também eram de menor e não conseguiam fazer nada. Mas elas não desistiram até conseguir, foram mais vezes e conseguiram denunciaram o tio, e ele

foi preso por homofobia e racismo, elas junto a seus pais conseguiram enterra-lo e a vida deles ficou bem melhor sem o seu tio. fdp.

Bjs... :)



desenvolvimento

. Tudo começou quando o Oráculo jogou uma maldição contra o rei de Tebas: Laio e Jocasta, onde dizia que o filho de Laio o mataria e casaria com sua mãe (Jocasta). Então quando Édipo nasceu seu pai Laio o mandou para a floresta para matá-lo, os guardas com pena de Édipo (filho de Laio) o levou para um lugar bem distante, então Édipo cresceu e enfim completou a maldição, matou seu pai e casou-se com sua mãe. Porem Édipo não sabia que Jocasta era sua mãe e com ela teve 4 filhos Antígona, Ismênia, Polinices e Etecles. todos eles fruto dessa relação incestuosa de Édipo e Jocasta. Édipo além de pai, era irmão de seus filhos.

. Jocasta descobre que Édipo é seu filho e se mata com nojo e rancor de si mesma e Édipo fura os próprios olhos como punição por não ter reconhecido a própria mãe.

. Com isso, agora irmão de Jocasta assumiu o trono de Tebas e os irmãos combinaram que durante a cada ano um deles governaria Tebas, quando chegou a vez de Etecles Polinices não quis suceder o trono a ele, daí em diante começou uma grande guerra entre o reino de Tebas e Esparta

Etecles se juntou a creonte e polinices ao reino rival durante os dois irmãos morreram, daí o rei creonte ordenou que apenas Etecles fosse enterrado dignamente e antígona decorreu totalmente da Ordem do rei e ficou furiosa e chamou a irmã Irmênia. para dá um enterro digno a polinices então durante a noite, Antígona e irmênia pegaram o corpo de seu irmão polinices e o enterrou dignamente como deveria ser feito. no dia o rei creonte descobriu e pôs as duas irmãs dentro das suas presas em uma masmorra com comidas e água, então as duas bolaram um plano para se vingar do Rei creonte. Quando o guarda do castelo abrisse a porta da masmorra, irmênia iria atacá-lo com uma pedra e as duas conseguiam fugir para dá uma ligação ao Rei.

Com isso no dia seguinte antígona e irmênia bolaram seu plano em ação quando guarda (abus) chegou para dá comidas e bebidas a elas irmênia o atacou acertando a pedra em sua cabeça. As duas pegaram sua espada e se esconderam dentro da cama de creonte, e quando foi a noite que creonte e eurídice chegaram para dormir

Antígona falou para irmenia: "É agora" então quando os dois dormiram antígona matou creonte com uma espada perfurando o seu peito. na hora Eurídice acordou e viu a cena do crime e gritou, Antígona pegou a espada e atingiu Eurídice na garganta.

Irmenia ficou muito nervosa com isso e foi correndo chamar os guardas e entregar o plano de antígona, Dou antígona saiu correndo e atin giu irmenia com a espada. Então Antígona conseguiu voltar para a mansão e no outro dia foi fugida de lá por seu primo e novo hemon e ao ver irmenia, creonte e Eurídice mortos se acabou em chorar. Então antígona e hemon enterraram os corpos de creonte Eurídice e irmenia e viveram felizes para sempre governando como rei e rainha de tebas.

Após Ismênia recusar o pedido de Antígona, ela prosseguiu mesmo sem a ajuda de sua irmã para sepultar o corpo de Polinice, mas com um plano diferente para dar um enterro digno ao seu falecido irmão.

Antígona se aproximou sorrateiramente do corpo de polinice e fugiu em direção ao local mais longe possível em sua carroça, mas, Ismênia que passava pelo local por coincidência, acabou vendo o "crime" de Antígona, e por medo de Creonte considerá-la cúmplice entregou Antígona e informou a direção para onde ela se deslocou e Creonte enfurecido enviou guardas para buscar Antígona e capturá-la, de repente uma tempestade se inicia, e ao ver os guardas do reino se aproximando, ela acelera sua carroça com a intenção de despistá-los, porém uma flecha atinge á roda traseira e tomba a carroça, Antígona cai com a cabeça sobre uma pedra e acaba morrendo com o impacto.

Ao saber da morte de sua irmã, Ismênia se sente culpada pelo ocorrido e entrou em profunda depressão, posteriormente apunhalou se com uma adaga dentro de sua casa.

Antígona.

Antígona é uma peça que faz parte da tridogia tebana e é uma tragédia grega. Conta a história de Antígona, seus irmãos Etéocles, Polinices e Ismênia, filhos de Jocasta e Édipo, antigo rei. Depois de lutas pelo poder, após a disgraça do pai, Etéocles e Polinices se mataram.

Com a disgraça de Édipo, Creonte, irmão de Jocasta se tornou o novo rei da cidade de Tebas, resolvendo enterrar apenas um dos irmãos como o herói da cidade, Etéocles. Enquanto Polinices foi deixado morto no campo de batalha para seu corpo apodrecer lá, e foi julgado como traidor. O rei Creonte ordenou que quem o interrasse seria apedrejado até a morte. Antígona, mesmo sendo uma mulher comum como todas as outras, sem voz nenhuma na sociedade, conversou sobre enterrar Polinices com sua irmã Ismênia, assim como também tinha conversado e prometido para o irmão antes da luta, que caso ele não sobrevivesse, ela prestaria todas homenagens possíveis a ele, principalmente o enterro. Ismênia, mesmo com medo do que poderia acontecer com elas, [redacted] aceitou ajudar Antígona ~~a~~ enterrar o irmão Polinices.

Após Antígona e Ismênia enterrarem Polinices, elas foram presas pelos guardas sem negar o que fizeram, mesmo assim, Creonte decidiu prendê-las em uma caverna até a morte, e não como havia ordenado, apedrejadas.

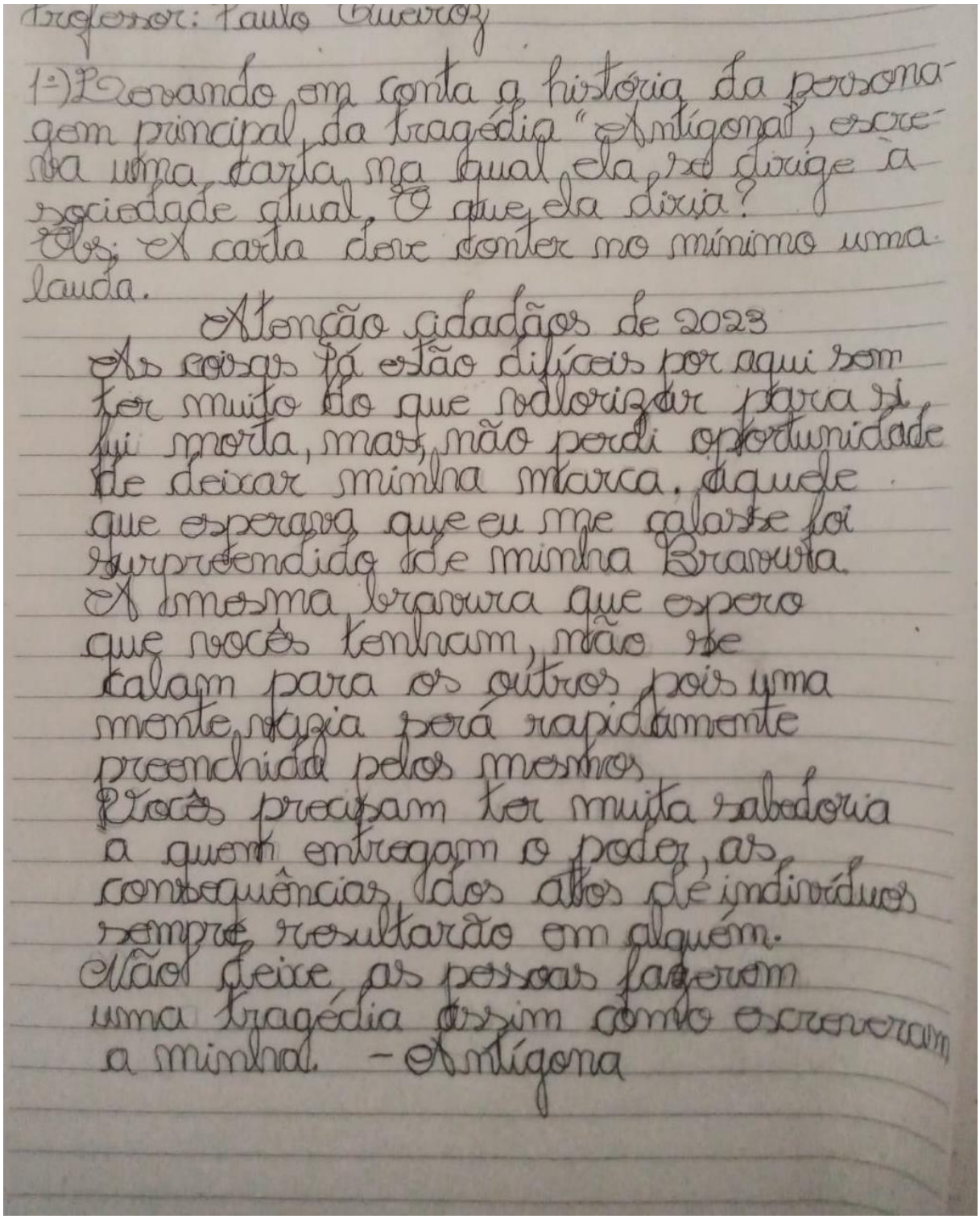
Hêmon, filho do rei Creonte e noivo de Antígona, não concordava com as ordens dele e então se afastou.

Tirásias era um sábio e fazia profecias, disse que a decisão tomada por Creonte lhe causará uma maldição, o rei então pensou sobre e decidiu soltar Antígona e Ismênia, mas foi tarde pois quando Creonte chegou na caverna não havia ninguém, sem saber o que fazer, Creonte pediu ajuda de sua esposa, assim ficou a procura de Hêmon, seu filho, preocupada, pediu para que o rei ordenasse buscas pelo Hêmon.

Hêmon havia ajudado Antígona e Ismênia a fugirem, pensou sobre a possibilidade do que fariam com ele quando descobrissem que ele tinha ajudado elas fugirem, então decidiu ir junto, para outra cidade.

Creonte arrependido e com consciência pesada pede para que seus servos lhe abandonem. Esposa de Creonte culpa ele pelo desaparecimento de seu filho, então decide o matar, logo em seguida se mata.

Depois que souberam sobre a morte do rei, Antígona, Ismênia e Hêmon voltaram para a cidade de Tebas. Hêmon descobriu a morte de sua mãe e enterrou prestando todas homenagens, virou rei e casou com Antígona.


Professor: Paulo Cuevas

1-) Levando em conta a história da personagem principal da tragédia "Antígona", escreva uma carta na qual ela se dirige à sociedade atual. O que ela diria?
Obs: A carta deve conter no mínimo uma lauda.

Atenção cidadãos de 2023

As coisas já estão difíceis por aqui sem ter muito do que reclamar para si. Fui morta, mas não perdi oportunidade de deixar minha marca. Aquele que esperava que eu me calasse foi surpreendido de minha Bravura. A mesma bravura que espero que vocês tenham, não se calam para os outros pois uma monte vazia será rapidamente preenchida pelos mesmos. Vocês precisam ter muita sabedoria a quem entregam o poder, as consequências dos atos de indivíduos sempre resultarão em alguém. Não deixe as pessoas fazerem uma tragédia assim como escreveram a minha. - Antígona

EPÍLOGO (desenlace ou desfecho)

A pesquisa aqui apresentada teve alguns percalços pelo caminho que atrasaram de alguma forma o andamento do processo. No entanto não vejo nestes percalços algo que inviabilize a continuidade e conclusão da pesquisa.

Excesso de atividades docentes paralelas, atividades do calendário escolar, dificuldades de conseguir espaço, sequelas deixadas pela pandemia de Covid nos estudantes, crises de ansiedade, depressão e tantas outras situações que ocorreram dentro dos muros da escola exigiram que se dispendesse mais tempo do que o previsto para alinhar algumas atividades.

Em contraposição a estes percalços consigo enxergar, porém, a possibilidade de uma experiência que se tornará rica em conhecimento e aprendizado.

A experiência de convívio proposta está aí demonstrada pelas vozes de todas as Antígonas que percorreram esse caminho. Antígonas que observam, se unem, se constroem em convívio.

Penso que, apesar de o processo não ter chegado ao fim, a experiência de convívio se mostrou potente na construção de uma dramaturgia ou várias. O processo de investigação, conforme os próprios relatos dos participantes, trouxe aprendizados significativos, novos conhecimentos e reflexões acerca de quem são, onde estão e como se constroem estas novas Antígonas.

O processo não chegou à conclusão da sequência didática proposta, mas isso não o invalida e nem deixa sem respostas as perguntas feitas nas primeiras linhas deste trabalho. Sim, a experiência de convívio, territorializado, de corpos presentes, é uma metodologia rica em acertos.

Embora ainda precise de mais tempo e aprofundamento para sua concretização, o que já se coletou até aqui pode comprovar que este é um caminho acertado.

Mesmo que a mão de Creonte tenha se abatido sobre nossa heroína. Mesmo que sua irmã a tenha abandonado. Mesmo que Hémon não tenha chegado a tempo para salvá-la...ainda assim, Antígona não está morta.

Não dessa vez.

Agora, outras vozes somam-se a sua para contar esta história que está apenas começando.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Márcio. **“A pandemia revelou o poder do convívio”.** Revista Continente, 2020. Disponível em: <.https://revistacontinente.com.br/edicoes/240/ra-pandemia-revelou-o-poder-do- convivior>. Acesso em: 13,jun de 2021.

BNCC – Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/arte-no-ensino-fundamental-anos-finais-unidades-tematicas-objetos-de-conhecimento-e-habilidades Acessado em 20 de julho de 2022

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro: Abr 2002, nº.19, p. 20-28. ISSN 1413-2478

CABRAL, Beatriz. **Drama como método de ensino.** São Paulo: Hucitec, 2006.

CAMPOS, Haroldo de. **Da transcriação poética e semiótica da operação tradutora**. Cadernos Viva Voz. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011.

CEIA,Carlos. **CORO**. E-dicionário de termos literários, 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/coro>. Acesso em: 06 de janeiro de 2003.

DEWEY, John. **Arte como experiência.** Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DUBATTI, Jorge. **O Teatro dos Mortos:** introdução a uma filosofia do teatro. Tradução de Sérgio Molina - São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2016.

FARIAS, E. S. **Fundamentos da Educação em Arte.** Manaus: Ufam, 2008.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da Arte**. Tradução Leandro Konder. 9ª Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1987

HACQUARD, Georges. Dicionário de Mitologia Grega e Romana. Trad. Maria Helena Trindade Lopes. Rio de Janeiro: Edições Asa, 1996.

MORIN, Edgar, **Os sete saberes necessários à educação do futuro** / Edgar Morin ; tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya ; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. – São Paulo: Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2000.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro.** São Paulo: Perspectiva,2015.

PEREIRA, Marcos Villela. **A escrita acadêmica:** do excessivo ao razoável. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, v. 18, n. 52, p.213-228, mar. 2013. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782013000100013&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 fev. 2023.

Porto Editora – tragédia na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2023-02-08 03:29:27]. Disponível em https://www.infopedia.pt/$tragedia

POZZETTI, G. R. **A inferência das tecnologias digitais nas narrativas teatrais do século XXI.** 1a.. ed. Manaus: Editora UEA, 2021.

RYNGAERT, Jean- Pierre. **Introdução à análise do espetáculo.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SÓFOCLES. **A trilogia tebana:** Édipo Rei, Édipo em Colono, Antígona. 8ª Ed.Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

SOLER, N. **A rua que passa pela escola leva a escola para a rua**: material pedagógico para criação de cenas de intervenção urbana. 1. ed. Florianópolis, 2019.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 17. ed. — Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

TELLES, Narciso. **Apostila de análise de texto**. Minas Gerais: UFU,2012.

THIOLENT, Michael. **Metodologia da Pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 1985.